

416
188442

HOMEM CHRISTO



PORTUGAL NA GUERRA



1917

Edição da Typographia Nacional

AVEIRO

HOMEN CHRISTO

18844-1
18844-1

PORTUGAL NA GUERRA

MICROFILMADO
16.3.88
Alvaro

HOMEM CRISTO



PORTUGAL NA GUERRA



1917

Composto e impresso na Typ. NACIONAL
(officina a vapor)

Rua de Arnellas, 69—AVEIRO

R-157267

HP
18844 1

O que se vae ler são alguns dos artigos, e trechos d'outros, publicados no semanario O de Aveiro, a partir do 1.º numero do periodico, que appareceu em 12 de março de 1916. Esses artigos agradaiam a alguns dos seus leitores, e, por iniciativa do sr. Antonio Maria Monteiro, de Alhaes, Villa Nova de Paiva, districto de Vizeu, abriu-se entre elles uma subscripção, para serem os artigos colligidos em opusculo e este distribuido gratuitamente pelo paiz. Foi a subscripção publicada em numeros successivos do periodico, e rendeu 206\$600 réis, como se póde ver no n.º 72, de 5 de Agosto de 1917. Como a quantia não chegava para a publicação de todos os artigos sahidos até essa data, e nem sequer para a maioria d'elles, sobre a momentosa questão da guerra em que Portugal se achava envolvido, apenas colligimos os principaes. Era nossa intençaõ antecede-los de um preambulo destinado a demonstrar que toda a culpa da provocação da guerra cabe á Allemanha. Mas, já por isto estar na intelligencia e consciencia de todos, até d'aquelles que por espirito de traição e de bando insinuam e affirmam o contrario, já pelas reduzidas dimensões do opusculo a que nos obriga a exiguidade da subscripção, desistimos do proposito.

Ver-se-ha que foi pena que a subscripção não chegasse para mais. O jornal esquece e morre. O opusculo ou o livro está sempre vivo e presente á memoria. Ora o que convinha aos altos interesses d'esta patria era que os portuguezes não esquecessem os poderosos argumentos com que eu defendi a questão patriótica, ou que pudessem, pelo menos, facilmente lembra-los. Era que ao sophisima, á hypocrisia, e á doblez da traição, que vencem o espirito de tantos, se pudesse oppor de repente a logica, a verdade, o calor e a eloquencia da sinceridade patriótica. E isto, que se faz tão solida e rapidamente com um opusculo, é impossivel faze-lo, a não ser por instantes, dada a fragilidade e ligeireza das coisas ephemeras, eoni um jornal, cujos numeros desaparecem ao passo que se lêem ou que vão sendo publicados. Nem o comprehendeu o governo, que nunca deu o minimo valor á propaganda, por elle desprezada inteiramente, nem o comprehenderam os patriotas, e assim ficam perdidos a maior parte dos artigos de O de Aveiro, e muito limitada a tiragem dos que apparecem n'este opusculo, sendo certo, entretanto, que a necessidade da propaganda é cada voz maior.

A culpa não é nossa. Tentos feito quanto cabe em forças humanas. Diz-nos a consciencia, que ninguem faria mais.

O artigo de fundo do primeiro numero de *O de Aveiro* é um artigo de apresentação, como da praxe. Segue-se um pequeno artigo rebatendo as opiniões dos srs. Theophilo Braga e Correia Barreto contrarias á dissolução parlamentar. Depois, sob a epigraphé *Multo grave*, vem este, que passamos a transcrever:

Não liamos a *Nação* nem o *Dia*. Nunca mais os lemos desde que deixámos de publicar em Paris o *Povo de Austro no Exilio*. Só agora voltamos a essa tarefa ingrata. Mas vimos pela *Republica*, quando esta se referiu, em successivos artigos, a um livro nosso que recentemente veio a lume, que o *Dia* e a *Nação* affirmaram que o triumpho da Allemanha seria um grande desastre para o nosso paiz. Na *Republica*, de 16 de janeiro, leem-se estas palavras, transcriptas da *Nação*: «Ora todos os monarchicos comprehendem, evidentemente, que se a Allemanha vencer, maior prejuizo será para Portugal, por isso que, pelo menos, as nossas colonias desapparecerão por completo como contrapeso das compensações. Ao passo que triumphando os alliados talvez se salvem ainda algumas».

Optimo! Os monarchicos, porem, são em massa, com rarissimas excepções, partidarios acoerzimos, ardentes, furbundos, do triumpho da Allemanha. A corrente é formidavel e invencivel. Os raros, rarissimos monarchicos que defendem os alliados chegam a ser odiados pelos outros. Cunha e Costa, que era um idolo, perdeu, só por não ser germanophilo, todo o seu prestigio. Os compradores do *Dia* já perguntam aos garotos, nas ruas, quem é o auctor do artigo de fundo. Se é o Cunha e Costa, não compram. Tratam-no com desdém. Chamam-lhe fulfi e pateta. A tiragem do *Dia*, ou a venda, baixa sempre que a gazeta dá artigo de Cunha e Costa. Sóbe, e muito, quando traz artigo de Alfredo Pimenta.

A *Liberdade*, do Porto, deita para o cesto to-

dos os artigos ou correspondências que cheiram a francophilismo, com medo de lhe desertarem os leitores.

O *A B C* vende milhares de exemplares em Portugal, não por ser bem informado, como hypocritamente allega Chora Chico, perdão, o sr. Alpoim, mas por ser d'um germanophilismo a todo o transe.

O Senhor D. Manuel tão indignado se sente com a attitude dos seus correligionarios que chega a dizer e a escrever que não quer saber para nada dos monarchicos portuguezes. E estes, dizendo o mesmo do seu soberano, pagam-lhe em igual moeda. O Senhor D. Manuel chama traidor, á bocca cheia, a Paiva Couceiro. E não faz reservas. Pede mesmo que tornem publicas as suas palavras e os seus sentimentos. Declara que se Paiva Couceiro entrar em nova tentativa revolucionaria no periodo da guerra, o exauctora publicamente como traidor.

Isto é «verdadeirissimo». «Positivissimo». Não tenham duvidas nenhuma. Logo, os monarchicos, germanophilos ferrenhos quasi em peso, são germanophilos com plena consciencia de que o triumpho da Allemanha será (palavras da *Nação*), o desapparecimento completo das nossas colonias, pelo menos.

Depois d'isto, chega a dar vontade de rir que os republicanos pretendam metter os monarchicos no *ministerio nacional*, appellando para o seu... patriotismo!

A 8 de outubro de 1917, *O Dia*, n'um dos seus artigos, publicava estas palavras:

É mais do que discutivel se, na hypothese de nos mantermos alhelos á guerra europeta, ficaria em jogo a situação das nossas colonias, não o estando certamente a de todos os Estados ainda hoje neutros que tem domínios ultramarinos, entre os quaes a propria Hollanda, tão vt-sinha das grandes potencias belligerantes.

Tudo isto serve para mostrar a sinceridade do geral dos monarchicos e catho-

licos. E, também, que desde o primeiro dia da declaração de guerra não escrevi sobre elles senão verdades. A mim não me enganaram.

A seguir ao artigo *Muito grave*, e intitulado *Sem condições*, lê-se este, que tem sua importancia:

Lemos na Liberdade, de 3 do corrente:

Um artigo da «Capital» de hontem appellava para o cumprimento do «dever nacional». Este dever é a união de todos, desde que se consome «o grande facto da ruptura de relações com a Allemanha».

Se por união de todos a «Capital» entende aquillo que temos dito aqui nos nossos ultimos numeros, estamos de accordo.

Lembre-se, porem, a «Capital» que «união» e «perseguição» são ideias antinomicas e que é impossivel, verdadeiramente impossivel, haver «união» de todos para a defesa de qualquer coisa que, pelos perigos que acarreta sem garantia alguma, ao paiz, é por todos aborrecida.

Bem entendidos, para não haver esquecimentos...

Não sabemos o que a «Liberdade» terá dicto nos seus ultimos numeros, porque só no dia 2 d'este mês, por necessidade, começámos a lêr jornaes. Até ahí, á parte dois jornaes noticiosos, não liamos jornal nenhum. Mas vê-se que a «Liberdade» não admilte sem condições, como faz o «Dia», o cumprimento do dever nacional.

Pois admilimo-lo nós. Nós, que somos a maior victima, e a unica innocenta, da tyrannia da republica. Nós, que nos abstivemos de conspirar enquanto os outros se fartavam de conspirar. Nós, que continuamos proscripto, enquanto os maiores conspiradores estão ha muito regatados n'essa patria. Nós, que só commettemos o crime de falar alto, como agora, de não fazer jogo bifronte, como agora, de não alisar a pedra e esconder a mão, como agora e como sempre. O crime de proceder lealmente, com nobreza, em defesa da verdade, da justiça e da patria.

Sobre isso falaremos largamente, porque não regressámos á lucla, e não enrámos de novo no campo da imprensa jornalística, para estar calado, mas para falar. E era tempo!

Os nossos maiores perseguidores, os nossos maiores verdugos, são justamente os que hoje

desempenham os mais altos cargos do Estado. São os mais graduados delentores do poder. Temos-the um odio profundo e eterno. Tão profundo... que só nós the conhecemos a profundeza. Pessoalmente, inlimamente, abstrahindo da nossa quantidade de cidadão e português, nem depois de lhes ver rolar a cabeça no cadafalso ficáramos satisfeitos. Nem trincando-lhes o coração, depois de lhes ser arrancado pelas costas, como se diz que Pedro o Crú fez com os assassinos de Ignês de Castro, ficaria saciada a nossa legitima sêde de justiça e de vingança. Pois, não obstante, não hesitamos um segundo em lhes dizer: «Contem com a nossa dedicação, a nossa lealdade, as nossas forças, grandes ou pequenas, o nosso vatimento, por mais insignificante que elle seja, n'esta hora de perigo e angustia nacional. Bem ou mal, capazes ou incapazes, dignos ou indignos, os senhores, n'esta hora suprema, são os representantes da Patria. Não houve maneira de o evitar e não ha maneira de o remediar. Será um triste fucto, mas é um fucto. São os senhores quem empunha, n'este momento solenne, as redeas do governo. Decepar-the a mão, agora, seria uma aventura arriscadissima, pelas terribes consequencias d'esse acto. Mais do que isso: n'esse paiz, já tão dividido, tão desorientado, tão anarchizado, seria um grande crime. Enão governem, que eu lhes facililo, por mim, o caninho. Se em algum momento foi preciso governar a valer n'esse paiz, é agora. Governem! Se os senhores são deficientes, que os outros os completem e augmentem. Se os senhores não podem com u cruz, que os outros os ajudem a transporta-la. Seria infame erguer n'esta hora a bandeira das relações e dos parlidos. Disputar glorias, ambições ou primasias. Anlepôr aos interesses da patria interesses de bandos ou interesses de individuos. Eu vos ajudo, ó verdugos! Assanhue-vos mais, se que, reis, na perseguição infame de que sou victima, Não vos imponho condições, não vos peço favores, que não pretendo nem acceilo. Tyrannizae, como tendes feito. Mas, através da tyrannia defendei essa patria. E eu estarei ao vosso lado, firmemente, sem pensar em vinganças nem aggravos.

Condições! Quaes condições? Toda a condição, agora, é indigna. Eu não vendo por coisa nenhuma a minha dignidade de homem e de cidadão, nem o meu patriotismo. E impor condições, quando a minha patria está em perigo, seria vender tudo u vil preço.

Ninguem foi mais perseguido do que eu. Nin-

guem! Nem foi, nem é. Eu sou um dos proscritos e sou o unico que não conspiro. Oçam beni, que estou pesando as palavras. Não as digo a esmo. Não só conheço mas até subtilizo o seu alcance. Mas chegou a hora de dizer tudo. Eu sou a unica victima innocente. Eu sou o unico que não conspiro. Se ha martyr, aqui, o martyr sou eu. Os outros especulam, e especularam sempre. Pois bem, eu prohibo, absolutamente, que quem quer que seja invoque n'esta hora o meu nome, como um dos perseguidos, e o mais ferozmente perseguido, para o lançar na balança das condições politicas. Já o «Dia» fulava nos proscriptos. Especificuem. Pelo menos, declarem que me consideram excluido. Tenho mais aucloridade do que ninguem para o exigir. E exijo-o.

Os germanophilos, os que deliram pelo triumpho da Alemanha, os que declaram: Venha o que vier comtanto que nos tirem isso d'ahi, a impôr condições em nome... do seu patriotismo!

Fôra! Eu quero respeitada a minha sinceridade. Não quero os meus sentimentos polluidos. E por isso declaro bem alto: não ha nada de commum entre mim e essa gente.

Este artigo foi escripto estando eu ainda no exilio, como se vê. E, como os factos o tem demonstrado, ainda não faltei ás minhas promessas. Até tem graça isto. - O artigo baseou-se n'outro da *Capital*, em que este diário, que todos tinham por democratico, appellava para a união. Pois a democratica *Capital* acabou por romper n'uma furiosa campanha contra o sr. Affonso Costa e o seu governo. E eu, victima do sr. Affonso Costa, é que permaneci... partidario da união!

Emfim, ainda no mesmo numero se lia, e sob a epigraphe **Uma vergonha nacional**, o artigo que se segue:

«A que chamamos nós vergonha nacional? Começemos por dizê-lo: á chicana, á covardia, á hypocrisia, ás tramas vergonhosas, ás miseraveis e infames conveniencias de bando com que, desde o primeiro instante em que foi declarada a guerra europeia, se tem procurado impe-

dir que Portugal sirva os seus interesses, e servi-los é manter ao mesmo tempo com lealdade, com honra, os seus velhos compromissos.

A situação era clara, clarissima, simples, simplicissima, desde que a Inglaterra entrou no tremendo conflicto. Não pedia ella o nosso auxilio? Era extraordinariamente grave. Seria confessar, implicitamente, que não tinhamos valor nenhum. Seria denunciar, de facto, a velha alliança, que estreitamente, e ha tantos seculos, une os dois paizes. Seria pôr-nos de parte no momento mais grave da historia do mundo em que se vae refazer a carta geographica, quem sabe? talvez que d'uma vez para sempre. Não seria caso para exultar mas para chorar. Só poderiam sobre elle exultar os covardes, os traidores e os pulhas. E pulhas são todos os politiqueros infames, os salteadores sem alma e sem sombras de pudor, peores que os salteadores de estrada, que n'estes ainda ha brio, os politiqueros infames, politiqueros ou poliições, que collocam acima de tudo os seus vilissimos interesses pessoases e os vilissimos interesses do seu bando, e para elles só ha interesses de bando para haver interesses de pessoas, e que por uns e outros veem pondo a saque essa infeliz terra ha muitos annos. Que as chammias devorem o pobre Portugal. Que elle seja posto a ferro e a fogo. Que perca as suas colonias. Que perca a sua independencia. Que desapareça. Comtanto que o bando predomine para satisfazer, ao menos por uma hora, vaidades e interesses sofregos e mesquinhos. Os bandidos!

A Inglaterra não tinha soldados e procurava-os em toda a parte. Era esse o seu lado vulneravel. Ia-os buscar á Africa e á India. Como punha de parte a sua velha alliança, cujo nome guerreiro havia enchido todo o mundo?

Repetimos: não era caso para exultar.

Era caso para que todos os patriotas chorassem e lagrimas ardentes.

Vejam a outra hypothese. Pedia a Inglaterra o nosso auxilio? **Era forçoso dar-lh'o**, sem a menor hesitação, sem reluctancia, immediatamente. E para isso convinha qué estivessemos preparados ou que nos preparassemos *sem demora*, moral ou materialmente, isto é, d'alma e de corpo.

Eu não sei se a Inglaterra pediu ou não pediu o auxilio português. Se o não pediu, é um caso grave, é um caso triste, tristemente significativo, mas entendo que não o devíamos offerecer. Ha uma enorme differença entre marchar por convite, *quando o convite se impõe*, e marchar espontaneamente. Nem a casamento e baptizado se deve ir sem ser convidado, quanto mais á guerra. E a uma guerra d'aquellas! E dada a nossa falta de preparação militar e a nossa penuria!

Mas a guerra não estava finda e não está finda. Ninguém sabia e ninguém sabe os incidentes, as hypotheses, as contingencias que poderiam e que podem advir. O pedido da Inglaterra ficava sempre suspenso. Não pedira o nosso auxilio? Mas podia-o pedir d'um momento para o outro. Que convinha, pois? Aconselhar o governo português a que não se precipitasse, a que não fizesse offerecimentos extemporaneos e descabidos, mas sem converter isso n'uma propaganda systematica, *que lhe tirasse a força*, e que abatesse o animo nacional de forma a deixa-lo sem a coragem ou a resignação necessaria no momento supremo. Ora foi isto o que não se fez.

A campauha contra a guerra foi sempre, no fundo, *uma campanha germanophila*, e de interesse de bando ao mesmo tempo. O pretexto do supposto offerecimento do governo português foi sempre *um falso pretexto*. O que se pretendeu, apenas, foi aggravar a Inglaterra em par-

ticular, e os aliados em geral, por odio á mesina Inglaterra e á França, e levantar embaraços ao governo. Os monarchicos, que *crystallizaram* n'uma reacção tremenda, que já não são os antigos monarchicos portugueses, liberaes e tolerantes, mas um bando d'insupportaveis farricôcos estupidos e maus, crearam um odio espantoso a tudo quanto lhes cheira a liberdade e democracia. Fizeram-se *maurrasistas, imperialistas, militaristas, meuninos de coro e familiares do Santo Officio*. Repellem tudo que não seja *inquisição e caserna*. Mas inquisição do *periodo aureo*, a valer, e caserna *d'outros tempos*, estúpida mas profundamente vencidos de que a humanidade vae retrogradar a canga e ás formulas antigas. Por isso teem um odio *invencivel* á França republicana, á França demagogica, como elles dizem, á França jacobina. Por outro lado, não perdoam á Inglaterra o ella não ter intervindo para restaurar a monarchia. Por ultimo, estão crentes, absolutamente, de que o triumpho da Alemanha, para elles coisa mais do que certa,—indiscutivel, será a queda da republica portugueza. E percam-se as colonias, perca-se Portugal, comtanto que a republica seja destruida. Elles mesmos dizem, sem reбуço: *Venha o que vier, comtanto que nos tirem isso d'ahi*.

O sr. Brito Camacho, a mais odiosa figura da republica, segue a politica tortuosa de toda a sua vida. Impopular, pode-se dizer *impopularissimo*, com um partido artificial, uma patrulha, que deixará d'existir desde que lhe faltem o apoio e as graças do poder, pensa em chamar a si os monarchicos logo que estes acabem de *se desilludir*. Quer attrahir as suas boas graças, depois de ter enchido de chufas e insultos os vencidos. E quer levantar embaraços ao governo.

De tudo isto resultou o *falso pretexto*, para a campanha germanophila, do sup-

posto offerecimento á Inglaterra d'um corpo auxiliar para ir combater no campo da batalha ao lado d'ella. Não é questão do offerecimento. E' questão de contrariar os alliados, servindo a Allemanha, e de levantar o maior numero possível de embaraços ao governo. E' um attentado nacional, uma vergonha, um acto de politiquice infame, um caso miseravel e mesquinho. As provas abundam.

No *Primeiro de Janeiro*, do dia 2 de março, lê-se isto, na *Carta de Lisboa*, de que é auctor, como se sabe, o sr. Alpoim:

Isto de ser anglofilo, francofilo, germanofilo não se admite senão por capricho, interesse, ou ineptia de paixão; só se deve ser *do seu paiz* e subordinar aos superiores interesses, de paz e de civilisação, todas as considerações. Por mim, é o que faço. Em tudo quanto tenho escrito olho sómente á vida, paz, haveres, independencia, engrandecimento, dos filhos de Portugal. Tenho esse supremo orgulho!

Desmascarou-se, isto é, escorregou. Bem diz o dictado que mais depressa se apanha um impostor do que um coxo. Quantas vezes tem dicto o sr. Alpoim que é anglophilo e que o dever e o interesse de Portugal nos obrigam a estar decididamente do lado da Inglaterra? Se o sr. Alpoim fosse verdadeiro, quando dizia isso, não escorregava agora. Se fosse sincero, não se contradizia. A sinceridade nunca corre perigo de ser apanhada em flagrante contradição. Mas o sr. Alpoim segue um processo por demais conhecido. Chora como os crocodilos e ri... como os amigos de Peniche. Diz adeus de mão fechada e quando a abre... cruza as duas, como devoto, que sempre foi, de S. Francisco.

Isto sem offensa. E' graça. Não queremos mal nenhum ao sr. Alpoim, antes o olhamos já com uma certa saudade e uma certa sympathia, como o ultimo exemplar da *rouha*, da *perfidia* e dos processos de corrupção do constitucionalismo, que,

sendo tudo muito mau, mesino pessimo, ainda assim era melhor, diga-se a verdade, do que o impudor grosseiro e brutal com que se teem assignalado os representantes da republica.

Então com quê, *do seu paiz!* Parece que é agora a *divisa* dos grandes estadistas portuguezes. O sr. Alfredo de Magalhães, *uma esperanza*, fez ha pouco uma conferencia no Porto. No *Jornal de Noticias*, um dos poucos que tenho lido, encontrei o seguinte, relativo a essa conferencia:

Não somos neutros nem beligerantes—diz o orador. A situação de Portugal perante o conflicto europeu, é uma situação dubia, entretecida de equívocos. E' um beco sem saída. A participação na guerra, exige um exercito preparado, municiado, disciplinado. Ora nós temos alguns soldados, algumas armas, alguns cavallos—e um museu. Mas não podemos vangloriarnos de possuir um exercito apto a entrar na luta.

Divaga sobre as nações em pejeja, traça os perfis dos povos em guerra, diz-nos das suas sympathias por estes ou aquelles beligerantes afirmando em seguida: «Não sou inglez nem francez—e então francez por nenhuma forma!—nem italiano, nem russo nem alemão!

Sou tão sómente—um portuguez».

E' tão somente um portuguez! Effectivamente. Ninguem duvida, depois de lêr o que ahi fica. E', sim, senhor. Mas por desgraça. E por desgraça, porque não ha nada mais chôcho, mais ôco, menos intelligente e mais presumpçoso ao mesmo tempo, do que, em regra, um *intellec-tual*... portuguez. E em meia duzia de palavras o sr. Alfredo de Magalhães acabou de o provar *plenamente*.

Com efeito, sendo este homem uma *esperança*, aspirante a ministro, a chefe de partido, que é mais alguma coisa, muito possuido da idéa de que está destinado a ser um *grande estadista*, convicto de que possui envergadura *pombalina*, chega a causar assombro que lhe sabissem da bo-

ca aquellas baboseiras. Um cabo d'esquadra, dos velhos, dos que ficaram lendarios, e de quem nós nos riamos no tempo em que ainda havia alguns homens n'esta terra, não teria dicto mais-asneiras e haveria falado, seguramente, com mais *bom senso*.

Já seria extranho que elle dissesse, no caso de que se trata, e *então francês por nenhuma forma*, o que equivale a dizer: *antes allemão mil vezes*.

Ha pouco, escrevia-me, d'uma capital estrangeira, a proposito d'um livro meu que veio a lume n'esse momento, um homem que foi governador d'uma das nossas possessões, que conhece muito melhor a Africa do que o sr. Alfredo de Magalhães, que pisou aquelle terreno e que esteve n'uma e n'outra costa por mais do que uma vez, já como militar, em campanha, já como governador, e que *nunca sympathisou com os francêses*. E dizia-me:

«Porem ha uma passagem do livro em que lhe dou mil apoiados—a que diz respeito ao germanophilismo d'alguns dos portuguezes. O germanophilismo em gente portuguezsa é signal d'ignorancia chapada sobre o nosso dominio ultramarino e as ambições coloniaes da Allemanha. E' certo que Portugal vem a perder mais tarde esse dominio, para magua minha e de todos quantos sabem o que elle vale; mas se a Allemanha ganhasse esta guerra, o que para mim é impossivel, salvo se os alliados desatarem todos a fazer asneiras, o que não é provavel, perdiamos-lo immediatamente. O sonho da Allemanha, manifestado em varias occasiões, é o imperio da Africa do Sul. Por isso digo: portuguez que não seja burro não pode ser germanophilo. A Allemanha não nos pode convir para encosto; já o Barros Gomes, com o seu germanophilismo, ia dando cabo de nós. Era um homem in-

telligente, mas em politica internacional foi um desastre.

Em summa: por *sympathia* ou por conveniencia todo o portuguez tem obrigação, se amar a sua patria, de ser *alliodophilo*.

Não consultei, para a publicação d'estas linhas, o auctor da carta. Occulto, pois, o seu nome. Mas o que posso dizer, sem quebrar a indiscreção, é que é um monarchico *intransigente*, dos mais intransigentes, e, a par, dos mais honestos, briosos e corajosos que se me depararam no exilio. Intransigente e intelligente, o que é raro. E ninguem, despido de paixões, lerá o que ahi fica sem concluir: *assim fala um portuguez*. Pois o sr. Alfredo de Magalhães, grande colonial, futuro grande estadista, e que, como deputado republicano, de certo modo compartilha o poder, não é *francês por nenhuma fôrma*, o que equivale a declarar, repito: *antes allemão mil vezes!*

Já seria extranha essa declaração, volto to dizer-lo. Mas o sr. Alfredo de Magalhães não se contentou com isso. Achou a nossa situação *dubia, entretecida de equivocos, um beco sem sahida*. Não ha que vêr: os nossos intellectuaes, os nossos homens publicos, os nossos estadistas são todos, já agora, . . . picarescos. Pois ha situação mais definida e mais clara do que a nossa? Este artigo vae longo e não quero, pois, estender-me, (fa-lo-hei n'outro local d'esta gazeta), sobre a alliança inglêsa. Limito-me a dizer: boa ou má, essa alliança era *um facto* quando a guerra rebentou. Boa ou má, nós não podiamos quebra-la, de forma nenhuma, n'esse momento. Por mil e um motivos. E este ultimo, o que vae alem dos mil, está na nossa situação colonial e maritima. Como quer o grande colonial, o deputado por Lourenço Marques, o futuro grande estadista ser só portuguez, *tão sómente*

português, como elle disse, n'esta emergencia terrivel? Se nós deixassemos de *ser ingleses*, como o sr. Alfredo de Magalhães, que não quer *ser inglês* para ser *tão sómente* português, logica e fatalmente seríamos levados a quebrar a alliança inglesa. E depois? A Inglaterra, senhora dos mares, respondia a esse pontapé violentissimo, a essa provocação, a esse desprestigio, a esse ultraje, porque o era, após perto de seis seculos de alliança quasi ininterrupta, deixando-nos em paz e ás moscas? O sr. Alfredo de Magalhães ou é tolo ou esteve a mangar com o publico na sua conferencia.

A nossa situação é clarissima. Está bem definida. Nós havemos de ser ingleses para sermos... *tão sómente* portugueses. Nós havemos de fazer... o que a Inglaterra quizer. E' bom? E' mau? Bom ou mau *é o que é*. Se é mau, que os *patriotas* tivessem a tempo quebrado a alliança inglesa. Pois os patriotas monarchicos, pelo menos, não tiveram tanto tempo para o fazer? E' arriscado? E as outras nações não estão correndo riscos? Dormir á sombra da bananaeira e a bananinha vir cahir na boca, é muito bom. Mas é officio de preto. E tambem tem ossos esse officio. Os pretos que o digam.

Paiz phantastico!

Ser do seu paiz é, pois, ao que parece, como vinhamos dizendo, divisa, á ultima hora, dos nossos grandes estadistas e dos nossos grandes patriotas. O sr. Alpoim tambem é do *seu paiz*. E cita o exemplo da Hespanha para que todos sejam, como os hespanhoes, e como o sr. Alfredo de Magalhães, *tão sómente*... do seu paiz. Percebe-se. Como a Hespanha é neutral e não tem razões nenhuma para sahir da neutralidade, o sr. Alpoim não cessa d'exaltar a Hespanha, apontando o seu exemplo. Ficou o quadro incompleto. Para ficar completo era preciso que o sr. Alpoim nos dissesse o que faz com a

mão esquerda enquanto vae com a direita dispondo... o seu joguinho.

Que paridade existe entre a situação hespanhola e a situação portugueza? Que compromissos tinha a Hespanha com qualquer das nações que estão em guerra? Que interesses a poderiam levar para um lado ou para o outro? Quando algum interesse pesasse sobre ella seria inteiramente opposto ao interesse português. De facto, a corrente germanophila, que é poderosa na Hespanha, funda-se em velhos e recentes aggravos da Inglaterra e da França. A Hespanha não esqueceu ainda a epocha de Carlos V e dos Filippes. Por um lado. E a Hespanha tem atravessada na garganta Gibraltar Marrocos e... Portugal.

Um dos motivos por que a Hespanha detesta a Inglaterra e a França, mas sobretudo a Inglaterra, é porque ambas contrariaram e contrariam na sua aspiração eterna e *suprema*, a união iberica. Aspiração *impossivel* de realizar, e sobre isso falaremos largamente porque já vejo que o sr. Alpoim, que a toda a hora exalta a Hespanha e diz coisas varias sobre ella, ou a desconhece inteiramente e ignora do principio ao fim a sua historia ou está mangando com os seus leitores como o sr. Alfredo de Magalhães esteve mangando com os seus ouvintes, aspiração impossivel de realizar enquanto existir a alliança entre Portugal e a Gran Bretanha. Mas não sejamos ingleses, e *tão sómente* portugueses, por amor da *blague* do sr. Alfredo de Magalhães, dos manejos dos monarchicos e do sr. Alpoim, aquelles porque querem proclamar a monarchia e este porque se quer vingiar dos republicanos, e... *Deus super omnia*, como dizia o nosso Pimenta de Castro, que viveu e morreu, na verdade, como um genuino... Borda d'Agua.

Obra que seria infame, se não fosse antes de tudo, como toda a obra portu-

guêsa, por qualquer lado que se encare, d'uma estupidez immensa».

De todos estes artigos se conclue que logo no primeiro numero de *O de Aveiro*, estando eu ainda no exilio e não pensando, sequer, em ser amnistiado, sahi a defender a causa nacional com a mesma resolução, firmeza e energia com que o estou fazendo hoje. O que, aliás, já vinha praticando, como se demonstra com o 1.º volume das *Cartas de Longe*, desde 1914.

Quando escrevi os artigos publicados no primeiro numero de *O de Aveiro*, ainda eu ignorava a declaração da guerra feita a Portugal pela Allemanha. Só tive conhecimento d'ella ás duas horas e meia da tarde de sexta feira 10 de março, em Tuy, onde me achava então cumprindo o exilio. E immediatamente entreguei no consulado português d'aquella eidade a seguinte participação :

Tuy, 10 de Março de 1916

Ill.º e Ex.º Senhor Consul
de Portugal em Tuy

Acabo de saber que a Allemanha declarou guerra a Portugal. O meu valimento não é nenhum e o governo português não precisa dos meus serviços para nada. Bem o sei. Entretanto, as contingencias da guerra levam ás vezes á necessidade de aproveitar até mulheres e creanças. Para esse extremo, ou para o que as circumstancias impuserem e o governo entender, sem estar no meu proposito predispôr o mesmo governo para me abrir as fronteiras, longe de mim tal pensamento que seria offensivo do meu patriotismo e da minha dignidade, mas tambem sem me querer aproveitar das circumstancias de proscripto para fugir ao cumprimento do meu dever de português se a Patria exlgrir o sacrificio de todos, peço a V. Ex.ª se digne transmitir ao governo de Portugal

que estou prompto, sem condições, a tudo quanto seja preciso e eu possa fazer em honra e defesa da minha Patria.

Com consideração me subscrevo

De V. Ex.ª
Att.º V.ºr Rep.ºr e Cr.ºdo

FRANCISCO MANUEL HOMEM CHRISTO

Este documento foi publicado no segundo numero de *O de Aveiro*, de 19 de março, sendo seguido d'estas palavras:

O sr. Homem Christo ouviu muitas vezes as maiores blasphemias patrioticas no exilio. Indignado, e protestando, respondeu sempre: «Pois no dia em que o meu paiz fôr atacado por outra nação, eu esqueço-me de monarchicos e republicanos para só me lembrar de que sou português, e entro no primeiro consulado da Republica para gritar bem alto: Se tambem eu for preciso, aqui estou.»

*O sr. Homem Christo cumpriu.
Viva Portugal!*

No mesmo numero de *O de Aveiro* sahiram os artigos que passamos a trasladar.

Sob a epigraphie **Muito grave** :

A' hora a que escrevemos este pequeno artigo, ignoramos absolutamente quem seja o presidente do novo ministerio e a forma como este será organizado. Mas seja Pedro ou Paulo, branco ou azul, verde ou encarnado, haja sahido o ministerio da direita, do centro ou da esquerda, ou de todas as fracções politicas de Portugal, manda o nosso patriotismo que lembremos a todos mais uma vez a excepcional gravidade do actual momento historico.

Não se illudam! Não tenham pessimismos, mas não se deixem tambem acalentar por um optimismo delirante. Não se deixem possuir de desalentadora confiança, mas ainda menos de cega confiança. Encarem a situação cheios de calma e coragem, mas convençam-se de que é das peores que Portugal tem atravessado.

E referimo-nos á situação interna, que não á externa. A externa não é má. Tudo indica que a victoria final será dos alliados. Os imperios centraes não podem vencer e a isso nos referimos n'outra parte. O perigo é de dentro, não é de fóra. Mas o de dentro é enorme.

A *untão nacional* é uma palavra van. Nem os republicanos se unem, quanto mais republicanos com socialistas, catholicos, livres pensadores e monarchicos. Não ha educação. Não ha civismo. Não ha patriotismo. O que ha é immensa hypocrisia. O que abunda é egoismo e cynismo. Raro sentimento, quasi nenhuma sinceridade, e muita hypocrisia. Immensa hypocrisia. O character portuguez, que vem enfraquecendo ha seculos, está hoje dissolvido.

Os proprios elementos patrioticos, que se encontram, diga-se a verdade, sobretudo nas multidões republicanas, estão dominados por uma grande desorientação e por uma dose de indisciplina deploravel. Isso é grave. E fóra d'isso... não ha nada.

Os monarchicos encolhem as garras, com medo. Mas tolo será o governo se com isso se illudir. A attitude, que os monarchicos denunciaram antes da guerra, persiste. O seu fundo é o mesmo: de intransigente hostilidade.

Paiva Couceiro, consultado por alguns dos seus antigos officiaes sobre o caminho a seguir n'esta dolorosa conjunctura, respondeu que a sua attitude era a mesma; que nada tinha que ver com o que se passava no paiz desde que a guerra entre Portugal e a Allemanha não era... uma **guerra nacional!**

Os monarchicos abraçam e confraternizam com os allemães que abandonam Portugal. Evidentemente, não ha, entre nós e os allemães, odio de raças, velhas rixas ou profunda hostilidade. Mas o mais elemental decoro impunha agora uma reserva delicada. Decoro individual e decoro nacional. Não ha decoro nenhum. Os monarchicos que estão no estrangeiro abraçam-nos á chegada. E os que estão em Portugal dizem-lhes ao ouvido: *Até breve; Deus os traga victoriosos quanto antes para derribarem isso que ahí está.*

Que o governo abra os olhos! Que não se illuda! Ai de Portugal, se não pode corresponder aos seus compromissos e tornar-se um valor positivo perante os alliados!

Eu estava, repito, em Tuy. Sabia o que se passava. O que eu dizia sobre Paiva Couceiro e os monarchicos que viviam na Galliza era inteiramente exacto. De

resto, os leitores vão vendo a *lucidez* com que eu previa *todos* os factos que se vieram a realizar.

Outro pequeno artigo, e este agora sob a epigraphe **Corvos e Traidores.**

Lê-se na *Liberdade*, de 9 de março, e na sua secção *Diario de Lisboa*:

Não somos leitores de jornaes hespanhoes, protestando assim contra essa invasão que a Imprensa estrangeira está fazendo em Portugal a ponto de a "Esphera," vender no nosso paiz dez mil exemplares.

Crêmos que somos o unico portuguez que nunca leu o "A. B. C.," depois da guerra, continuando, todavia a passar de excellente saude.

Dez mil exemplares! Só porque a *Esphera* é germanophila! *Trinta mil,* não vende inenos, o *A B C,* só porque é delirantemente germanophilo, e porque, de vez em quando,... insulta Portugal! E não sustentam *os seus jornaes!* Suspendeu o jornal do Annibal Soares, suspendeu o jornal de Rocha Martins, por lhes faltarem... *leitores monarchicos!*

Agora leiam isto, que eu transcrevo do *Faro de Vigo*, de 11 do corrente, e que lhe é transmittido telegraphicamente de Madrid como coisa importante:

Dice hoy "La Tribuna, que Portugal ha jugado con fuego, produciendo un incendio en que Espana puede verse envuelta.

"Para los espanoles anade—la independencia de Portugal es cosa esencial.

Pero nunca poderemos consentir que en el suelo lusitano se instale cualquier nación extranjera que convierta las costas portuguesas en nuevos Gibraltares.

La guerra terminará con el triunfo de Alemania, que no tendrá interés em que Portugal conserve su independencia.

Para entonces debemos estar preparados á recibir la herencia.,,

O inimigo secular espreita, ancioso! Os corvos afiam o bico e as garras! E os *traidores* cá estão, para lhes abrir a porta, dentro da praça!

Sim, porque elles não leem dezenas de milhares de numeros de gazetas e revistas hespanholas só por amor da Germania, Mas tambem porque... *antes Affonso XIII que Affonso Costa!*

A's armas, portuguezes! A's armas e... alerta!

Este grito de *alerta* contra as ambições da Hespanha tambem fomos nós o

único, desde o primeiro dia de guerra e da existencia de *O De Aveiro*, a solta-lo **sem descanso**. Ainda ali os factos vieram dar razão á nossa *pertinacia*.

Ainda outro pequeno artigo, sob a epigraphé **Abram os olhos**:

Já no ultimo numero mostrámos quanto são esmagadores, no caso da alliança inglêsa, os argumentos a empregar contra os monarchicos. Accusam estes os republicanos,—até o sr. Alfredo Pimenta!—de terem feito campanhas anglophobas. Mas, primeiramente, se em alguma coisa os republicanos mostraram bom senso foi em não as fazer agora. Em segundo logar, quando, em que circumstancias, em que epocha, fizeram os republicanos as suas campanhas anglophobas?

Seja qual for o aspecto sob o qual encaremos os politicos portuguezes, apresentam-se-nos sempre, todos elles, como homens sem character. Não ha sombra de sinceridade nas suas palavras. Não ha sombra de patriotismo nos seus actos.

Preso por ter cão e preso por não o ter. Os republicanos são maus porque destruíram tudo quanto fizeram os monarchicos. E os republicanos são maus porque não destruíram tudo quanto deixaram os monarchicos. E' bico ou cabeça?

Os republicanos, na politica interna, fizeram tábua rasa da tradição. Aqui d'el-rei contra os republicanos, aventureiros de má morte! Mas os republicanos, na politica externa, mantiveram a tradição. Aqui d'el-rei contra os republicanos que não mandaram tudo para casa do diabo!

Paiz extraordinário!

Os republicanos, ao menos, foi quando a Inglaterra nos prejudicava ou offendia que fizeram as suas campanhas anglophobas. Foi em 1881, quando a Inglaterra, por meio d'um tratado, ameaçava Lourenço Marques. Foi em 1890, quando a Inglaterra, nos mandava um *ultimatum*. E foi durante a campanha do Transwal, quando os monarchicos, deixando passar as suas tropas pelo nosso territorio, a ajudavam a estrangular uma pequena nacionalidade. Mas os monarchicos fazem a sua campanha anglophoba quando elles mesmos reconhecem e confessam (palavras da *Nação*, transcriptas no numero anterior de «O de Aveiro») *que as nossas colonias desaparecerão por completo se a Alemanha triumphar*.

Paiz extraordinário!

Assim o confessou a *Nação* publicamente e assim o confessam **todos** em particular. **Todos!** Apenas, para diminuir a infamia aos proprios olhos, tentando enganar a consciencia e abafar o

grito do remorso, accrescentam: *Que ellas estão perdidas de toda a forma*.

Isto é uma affirmação gratuita, uma desculpa de mau pagador, um subterfugio estúpido e vil. Como havíamos de ficar sem as colonias no dia immediato áquelle em que nos tivéssemos batido ao lado da Inglaterra, da Italia, da França e da Russia vencedoras? Perde-las-bemos um dia, isso sim, se continuarmos como até aqui n'uma vida de dissipações e loucuras, tratando-as ao desbaráto. Mas em consecuencia da guerra, arrancadas no congresso da paz, ficando vencedores os nossos alliados, é suprema estupidez só imagina-lo.

«Se ha monarchicos, diz o sr. Padre Mestre Alfredo Pimenta, que desejam a victoria da Alemanha, na ingenua disposição de que ella lhes traria a restauração da Monarchia, os republicanos desejam a victoria dos alliados porque têm a crença de que tal victoria lhes garantirá a Republica».

Alto lá, Padre Mestre! Não estamos defendendo os republicanos, de quem temos recebido mais agravos do que o senhor, e que *cordialmente detestamos*. Estamos defendendo os interesses do paiz e da verdade. Mas que comparação ha entre os dois casos? Os republicanos, se favorecem a republica, ou se é esse o seu unico objectivo, fazem-no ao menos dentro da lei, da tradição, em harmonia com os interesses nacionaes, e honrando a herança que os monarchicos lhe deixaram. E os monarchicos favorecem a monarchia atraçoando os interesses do paiz, desmentindo todos os seus actos de politica internacional até o dia 5 d'outubro, deshonorando o seu passado, exauctorando o seu rei, commettendo um erro politico sem nome-que, como já disse no 1.º volume das *Cartas de Longe*, *vae* acabar de os inutilizar; em summa, compromettendo-se estupidamente e cobrindo-se de ignominia.

Abram os olhos e calem-se. O que me admira é que de tanto jornalista que tem a republica ainda nenhum os fizesse calar. O que aliás era bem facil.

Emfim, no mesmo numero, e sob o titulo **Alerta! Alerta!** publicavam mais este artigo, que merece tambem mencionar-se:

«E' muito interessante, mesmo interessantissimo, o primeiro artigo que publica o *A B C* de 14 do corrente. Não sabemos se esse numero foi ou não apprehendido em Portugal. Nós, não o mandariamos apprehender. Ao contrario, fa-

lo-íamos publicar em edição especial, e espalhar pelo paiz, limitando-nos a pôr-lhe como epigraphe: **As aspirações, e o modo de ver e de sentir, dos germanophilos portugueses.**

E' aquillo! E' aquillo mesmo!

As palavras do barão de Rosen, quando nos chamou *vassallos da Inglaterra*, não eram d'elle. Eram dos germanophilos portugueses.

São estes, depois de terem sido os auctores da alliança inglêsa, quem diz agora que somos *vassallos da Inglaterra*. E como querem elles conseguir que deixemos de ser vassallos da Inglaterra? Fazendo-nos vassallos da Hespanha!

O artigo do *A B C*, que se intitula *El Peligro Portugues*, de que é auctor o sr. F. de Llanos y Torriglia, e que não transcrevemos, na integra, com grande eusto, pelo receio de ter sido prohibido, denuncia a decepção, direi a *viva irritação* dos germanophilos hespanhoes, que é a *viva irritação* dos germanophilos portugueses, pela nossa entrada franca no conflicto europeu.

A Hespanha *toda*, digamos a verdade, que convem sabe-la, não viu com bons olhos a nossa última attitude. Quem escreve estas linhas sabia de ha muito, como sabe *muitas outras coisas*, que a diplomacia de Madrid *contrariava* a nossa participação na guerra. Porquê? Porque esta nos dava um papel de *relevô* na Peninsula.

Estamos dizendo uma *grande verdade*. Que nos oiçam todos os portugueses.

O gabinete de Madrid não ia nem vae na insensata corrente dos germanophilos. Tinha, e tem, grandes duvidas sobre o triumpho da Allemanha. Mas triumphava a Allemanha? Portugal só conservaria a sua independencia *se a Hespanha quizesse*. Mas fieava, sem a menor duvida, *vassallo da Hespanha*. Nós não somos vassallos da Inglaterra. Nunea o fomos, nem é difficil demonstra-lo. Mas, n'essa

hypothese, fieariamos *vassallos da Hespanha*.

Triumphavam os alliados? Portugal fieava na sombra, valor nullo da Peninsula. Não entrando na guerra, a sua alliança com a Gran Bretanha tornava-se um *valor indifferente*, pelo menos, ficando todo o valor positivo eoneentrado na Hespanha. E a Hespanha poderia realizar o seu *desideratum*, que já não esconde, o de ter nas suas mãos a direcção de *toda* a politica internacional na Peninsula. E, n'esse dia, Portugal deixou de ser, de facto, um paiz independente.

A nossa entrada na guerra desconcertou esse plano como o denuncia o proprio artigo do *A B C*.

Este elama que se a Allemanha triumphar pôe o pé na Peninsula, o que a Hespanha, diz, não pode consentir. Ora sabe muito bem o *A B C* que tal não succederá, limitando-se a Allemanha a apoderar-se da nossa parte insular e ultramarina, entregando o resto á Hespanha.

Clama o *A B C* que se triumphar a Inglaterra, esta fará de Portugal um novo Gibraltar, o que tambem a Hespanha, diz, não pode consentir. Ora ainda aqui o *A B C* não está dizendo o que sente. O que sente o *A B C* é que o plano da Hespanha se mallogra. Que triumphe a Allemanha, pouca lhe importa. O que lhe importa é que triumphe a Inglaterra.

Diz o *A B C* que todos os Hespanhoes querem a independencia de Portugal. Sim, senhor. Mas a independencia... com feudo. Ora o plano do feudo quebrou-o Portugal, entrando, d'armas na mão, ... na eontenda.

Sobre isto ha muito que dizer. Di-lo-hemos n'outro dia.

E dissémos. Em artigo de fundo, com a nossa assignatura, intitulado *Guerra Nacional*, e que sahiu no tereeiro numero de *O de Aveiro*, de 26 de Março.

Ei-lo:

•Creio, como dizem os monarchicos, que os republicanos que pretendiam, desde o dia 1 de agosto de 1914, que Portugal entrasse em guerra, só tinham em vista fortalecer a republica. Não houve ainda no regimen republicano, como não as houve nunca no regimen monarchico, provas de que os nossos politicantes albergassem ou alberguem um pensamento elevado, largo, intelligente, fecundo, grande em face dos principios ou dos interesses nacionaes. Todavia, e ao contrario do que sustentavam os monarchicos e o famoso sr. Brito Camacho, todo o interesse do paiz era que a contenda se não viesse a encerrar sem que n'ella tomasse parte activa Portugal.

Quem escreve estas linhas disse sempre, invariavelmente, tenazmente, como é seu costume, quando d'elle se apodera uma convicção inabalavel, e alto e bom som, como tambem é de sua tradição e de seus habitos, disse sempre, *desde a primeira hora*, no seio dos emigrados, quando estes expandiam os seus sentimentos germanophilos, barafustando contra a *loucura republicana*: «E, todavia, o interesse, o grande interesse de Portugal era que a Inglaterra o convidasse. Se o não convidada, é uma desgraça».

Pois em que situação ficavamos nós, postos de banda, como inuteis, pelos nossos velhos alliados?

Isso causava prazer a alguem? Parece que sim. A muita gente. A immensa gente. Pois a mim causava-me uma grande, uma profunda, uma infinita tristeza. Se isto é um crime, dou a mão á palmatoria.

Ficava perdido o meu pobre Portugal, e eu sou, sempre fui, portuguez acima de tudo, portuguez antes de mais nada. Perdido, sim, se a Inglaterra não recorresse ao seu auxilio, grande ou pequeno, no transe mais grave, talvez, da sua historia.

Mais grave que o da guerra napoleonica. Napoleão trazia dentro de si o virus da ambição pessoal que o havia de devorar. A França estava agitada pelas idéas revolucionarias, por dissensões politicas de toda a ordem, que não davam ao imperio garantias de estabilidade.

Na Allemanha não ha dissensões de *nenhuma ordem*. A Allemanha é guiada por uma monarchia tradicionalissima e prestigiosa e por ella conduzida ao combate. A Allemanha não soffre os efeitos transitorios do espirito guerreiro, como a França republicana e napoleonica, mas os efeitos d'um militarismo de ferro, systematicamente organizado. A Allemanha é uma nação disciplinadissima e, em tudo, com uma organização maravilhosa. Nada d'isto se compara com o perigo napoleonico, alimentado apenas pelo genio de um homem, o perigo que a França então representava. Por isso digo e repito: este é o maior perigo que a Gran Bretanha tem corrido na sua existencia secular. Este é o transe mais grave da sua historia. Porque o é, ella tem recorrido *a tudo*. Ella tem buscado auxilios em *toda a parte*. O nosso auxilio, por mais pequeno que fôsse, representava uma parcella, e como parcella importante, da somma geral que ella perfaz desde o principio colhendo aqui e acolá. Dispensava-o? Punha-nos de parte? Abandonava-nos? N'esta occasião? Era a nossa sentença de morte. Portugal, com as ambições que pollulam de novo em torno d'elle, abatido, dividido, enfraquecido por mil causas, ficava condemnado.

Condemnado se a Inglaterra não invocasse a nossa antiga alliança, tão intima, tão velha, de natureza moral, mais que material, tão apertada, que já não ha, nem pode haver, e ao contrario do que muitos pretendem é para nós uma vantagem, que já não ha, nem pode haver, estipulações especiaes ou artigos expressos a regula-la.

Duplamente condemnado e deshonrado se, invocando a a Gran Bretanha, não pudesse ir em auxilio prompto e eficaz do seu velho alliado.

Esta era a situação que ao meu espirito se apresentava e apresenta com flagrante nitidez e com flagrante verdade. E, d'esse modo, não podiam os germanopnulos, e os que faziam propaganda systematica contra a guerra, enfraquecendo o paiz mais do que elle estava, abatendo ainda mais o sentimento nacional, desmoralizando ainda mais o nosso character por desgraça já tão desmoralizado, não podiam esses e não podem deixar de se erguer a meus olhos ou como traidores ou como parvos.

Cessem todas as hypocriasias, que é hora de cessarem. Abaixo os euphemismos. Mascaras arrancadas. Parvos eram ou traidores eram, parvos são ou traidores são, agora mesmo, encarando a guerra como fructo d'imprudencias jacobinas, o que deprime e enfraquece, em vez de a considerarem, o que fortalece e exalta, como *guerra nacional*!

Eu li a *Historia Geral da Hespanha*, do celebre padre jesuita Mariana. Eu li a *Historia Critica de Hespanha*, do jesuita Masdeu, tão elogiada na sua *Historia de Portugal* pelo nosso Herculano. Eu li a *Historia Oeral de Hespanha* de Modesto Lafuente e eu li a *Historia Geral da Hespanha* de Victor Gebhardt. Em todos elles senti, vivida, anhelante uma aspiração commuin: a posse de Portugal. Em todos elles senti o pesar dolorosissimo, o espinho da nossa separação, e espinho cruciante. Todos elles consideram Portugal apenas, no fundo, como uma *provincia desnuebrada*, que ha de voltar, que é forçoso que volte, a fazer parte integrante da Hespanha.

Eu tratarei didacticamente o assumpto, com citações e provas, na sua altura respectiva, nas minhas *Cartas de Longe*.

E bem preciso é, n'um paiz onde não ha incia duzia de pessoas, vou jura-lo, nem entre os mais cultos, que tenham lido na sua vida uma Historia de Hespanha.

Eu permaneci em Hespanha mais de dois annos, por vezes, com intervallos, mas em todo o caso mais de dois annos, percorrendo algumas provincias e vendo varias terras. Observei. Abri os olhos, partindo do principio de que tenho olhos para andar com elles abertos e não com elles fechados. Ouvi, e tenho muito bons ouvidos. Sei ligar premissas para tirar conclusões. Sei fazer raciocinios. Não sou inteiramente parvo. Pois bem; a Hespanha, *toda ella*, em peso, tem *uma só* aspiração, ou, pelo menos, *uma suprema* aspiração: Portugal!

Com a nossa *inlependencia*, sem a nossa *independencia*? Com a nossa autonomia, sem a nossa autonomia? Isso é um caso secundario. Ha muita gente, na verdade, que admite a nossa *independencia* ou a nossa autonomia dentro da união. Muitissima, em toda a Hespanha. E quasi todos são sinceros, ou assim o devemos suppor, que é o mais habil. Admittamos, sem custo, que são sinceros. Mas agora perguntamos: o que é a *independencia* d'um povo, fundido, federado, ou como lhe queiram chamar,—de palavras estou eu farto,—com outro povo maior, mais numeroso e, portanto, mais forte? O que seria a nossa propria *autonomia* com o character, o temperamento, a famosa *arrogancia* hespanhola?

Os hespanhoes serão sinceros, demo-lo de barato, nas suas palavras e desejos. Mas acima de todos os desejos, boas intenções e boas palavras estão os *factos* e o temperamento invencivel dos homens e dos povos. Os hespanhoes, ao dizerem isso, desconhecem ou esqueccin-se do seu proprio character e da sua propria historia.

Agora mesmo elles estão denunciando o que seriu o decantado accordo ou a pretendida federação peninsular. Deixemos o que *se segreda* nos bastidores diplomaticos. Vamos só ao que *não offende* e é notorio. Ora o que todo o mundo ouve dizer, o que affirmam as proprias gazetas hespanholas, é que a Hespanha pretende dirigir de Madrid toda a politica internacional peninsular. O que seria isso, senão o mais grave attentado contra a soberania portugûesa, sem paridade com o que tem feito a Inglaterra, senão o primeiro passo, e já decisivo, para a enfeudação de Portugal?

Por que motivo contraminava a diplomacia de Madrid os desejos que manifestava a diplomacia de Lisboa quanto á entrada de Portugal na guerra?

Colloquemos o problema, e assim deveria ter sido collocado ha muito tempo, no seu campo *de verdade*. Não nos illudamos. Ai dos illudidos e dos cegos! A situação portuguesa, depois do 5 d'outubro, tornou-se *muito precaria*. Pelos erros dos republicanos? Sem duvida. Mas tambem pelos erros, grandes erros, e falta de abnegação e patriotismo dos monarchicos. Assim se foi esboçando, até se tornar um pouco ameaçadora, a situação de 1383 e 1578. E na altura a que chegaram as coisas, só havia um meio de evitar que ellas se aggravassem: entrar na guerra europeia ao lado da nação nossa alliada.

D'este modo, a guerra tornou-se *pro-fundamente nacional*. Só a não querem ver por esse prisma aquelles que, como em 1383 e 1578, collocam acima dos interesses do paiz os interesses e odios do seu bando e os seus interesses e odios pessoaes. D'um lado os portugûeses que querem Portugal livre, soberano, absolutamente independente, senhor dos seus destinos, mantendo puro o briiho da sua grande historia, a honra e a gloria da

sua grande raça; do outro os que estão promptos, comtanto que desapareça a republica, a estender os pulsos aos grilhões, como escravos.

Nem só é nacional a guerra que se faz para defender o territorio invadido e talado. Se a França tem intervindo em 1866, impedindo que a Austria fosse esmagada, teria feito, por ecellencia, *guerra nacional*. A Inglaterra paga o erro de não ter intervindo em 1870. E hoje mesmo, não repelle uma ameaça *directa*, mas uma ameaça indirecta, sem que ninguem n'esse grande paiz deixe de considerar *nacional*, e bem *nacional*, a guerra que a Gran Bretanha está fazendo á Allemanha. Assim Portugal, fiel á sua velha alliança e por ella coagido a cumprir o seu dever, vae ao mesmo tempo defender o futuro das suas colonias, padrao da sua independencia, o maior titulo da sua historia, e afugentar os corvos que, em volta de sí, julgando-o moribundo, já entravam de adejar, affirmando mais uma vez o seu direito de povo livre e soberano, de armas na mão, no campo da batalha.

Correrá sangue portugûes? Mas foi com sangue que essa patria se creou, se desenvolveu, se mantem ha oito seculos e se tornou gloriosa. Sangue portugûes correu nos campos d'Ourique e d'Aljubarrota, no Montijo e no Ameixial, na Hespanha e outros paizes da Europa, nos sertões e plagas mais distantes da Africa, Asia, Oceania e America; sem ter corrido sangue portugûes, e a jorros, não teria existido Portugal nem o seu nome echoaria no mundo, enchendo as paginas da historia.

Em torrentes correu o sangue belga, e a sua terra vêem os belgas vencida, occupada e arrasada, só porque esse povo feliz, progressivo, rico, próspero, quiz manter o respeito que se lhe devia e que elle devia... a si proprio.

Ah, não. Por ora, só vejo um argumento nos que argumentam em sentido opposto ao meu: existir republica em vez de monarchia e governar o Affonso Costa em vez do... Brito Camacho. Que o conservem todos os imbecis, todos os degenerados, todos os homens sem brio e sem vergonha n'essa patria; que eu, por mim, inimigo dos republicanos e inimigo figadal do Affonso Costa, continuarei gritando:

Pois viva a republica, e cem republicas, pois viva o Affonso Costa, e cem Affonsos Costas, comtanto que viva... Portugal.

Foi n'esse terceiro numero de *O De Aveiro* que veio tambem este pequeno artigo, intitulado **Justiça a todos:**

Lê-se no *Mundo*, de 18 de Março:

Lemos no órgão nocturno dos monarchicos que o ex-rei D. Manuel enviára um telegramma ao sr. Sabugosa, pedindo-lhe para transmittir aos seus parciais que «em vista do estado de guerra, toda a questão politica deve ser posta absolutamente de lado». Está bem. Mesmo o ex-rei D. Manuel, sendo hospede de um dos paizes alliados, que por signat é alliado de Portugal, não poderia tomar attitude diversa. Seria impossivel, ainda que sua esposa, que é alemã, lhe aconselhasse procedimento contrario. Mas devemos dizer, com a nossa habitual sinceridade, que ficamos nutrido um certo... receio, se recordarmos que em 1914, ao estalar a guerra, identicas communições fizera o ex-rei aos seus parciais, dando-se não obstante pouco tempo depois a intentona de Mafra, mas que tinha ramificações largas. Ao ter esta, pois, ficamos... periclitantes. O seguro morreu de velho. Não vá acontecer o mesmo que em 1914...

Justiça a todos!

Não devemos nada ao Senhor D. Manuel, mas devemos tudo á verdade. Ora a verdade é que o Senhor D. Manuel podia muito bem *não dizer nada*, sem que a Inglaterra lhe impusesse, que não impunha, attitude diversa. A verdade é que o Senhor D. Manuel mantem essa attitude desde que a guerra foi declarada. A verdade, portanto, é que sua esposa não lhe aconselhou, ou se lh'o

aconselhou, foi inutil, procedimento contrario. Mas a verdade tambem é que os monarchicos, desde o mais alto até o mais baixo, salvo uma duzia d'elles o maximo, estes contados entre os que estavam no estrangeiro e em Portugal, não fizeram *caso nenhum* do que lhes disse o Senhor D. Manoel.

Não é a primeira vez que dizemos isto, nem a segunda, mas insistir *não faz mal nenhum á verdade*.

N'esse caso, dirão todos, o Senhor D. Manuel foi *exauctorado*. Pois está claro. Olha a novidade! Exauctoradissimo. Mas não é d'isso que se trata. Trata-se de dizer ou de não dizer a verdade.

Exauctoradissimo, que é o tirocinio d'aquella futura monarchia do sr. Alfredo Pimenta, em particular, e dos *integralistas*, em geral, com um rei obedecido, respeitado, indiscutivel, sagrado, sobre a muleta das *élites* a aconselha-lo e inspira-lo.

Porque não usou o ex-monarcha, poderá ainda objectar-se, de qualquer procedimento contra subditos tão pouco disciplinados e tão malcreados? Mas qual procedimento? Essa é boa! Qual procedimento, se não ficaram, repito, uma duzia a apoiá-lo? Só dois caminhos restavam abertos ao real exilado: ou calar-se, por honra do convento, ou... renunciar.

Então, concluir-se-ha, o *Mundo* tem razão quando diz ficar... *periclitante*. Tem, relativamente aos subditos. Não tem, relativamente ao ex-monarcha. Quanto a este, é uma injustiça muito grande. O Senhor D. Manuel é sincero, sincerissimo, na defesa dos alliados. E não é para elle só um caso de *calculo politico*, é tambem um caso de sympathia pessoal. Gosta da Inglaterra e da França. Quanto aos subditos, a gazeta de Lisboa põe, com effeito, o dedo sobre a chaga. Eu não quero apontar factos precisos e concretos, que envolvam responsabilidade pessoal, porque não sou *denunciante*. E se fustigo agora os monarchicos com vigor, é pelo imperioso dever de combater n'esta hora grave as correntes anti-patrioticas. E' um grande serviço prestado á nação. D'esses combates resulta sempre alguma utilidade. Muitos reconsideram, pois só iam na corrente por falta de reflexão. Outros conteem-se, abrandados na sua furia pelo grito da propria consciencia. E outros tantos, sem desanimar no odio nem cançar na infamia, agacham-se, ao menos, covardemente, cheios de medo. Eis por que os fustigo. Por isso, e porque, ao mesmo tempo, não posso conter a minha indignação. O que sei e o que vejo é para revoltar as pedras das calçadas.

Não quero, pois, apontar factos precisos e con-

cretos. Mas se os apontasse, todas as boas almas d'essa terra ficariam apavoradas. Isto está peor que após a morte de D. Fernando e que no tempo de D. Henrique, o rei cardeat que succedeu ao pobre D. Sebastião. E' maior ainda a falta de patriotismo. Mais ainda para abysnar a torpeza e a infamia. Ha canalhas que nem na forca pagariam os seus attentados anti-patrioticos.

A gazeta de Lisboa não deixa de ter razão. Da outra vez *tudo* continuou a conspirar depois da carta publica do Senhor D. Manuel. *Tudo*, sem excepção. O Senhor D. Manuel, sabendo-o, escreveu a muitos cartas particulares. Foi energico. Chegou mesmo a irritar-se. Liam-n'as, e atiravam-n'as para o lado mandando in-continenti, como já dissémos, o rei... áquella parte.

Agora, estou que não succederá o mesmo. Não por falta de vontade. Não que os defenha qualquer sentimento patriótico. Elles abraçam os allemães, beijam nos, andam com elles de braço dado, ao mesmo tempo que dizem em publico que... *ne defendent a patria!* Elles vomitam em familia as maiores blasphemias, os mais vergonhosos improperios. Elles fazem votos, os mais ardentes votos, pelo triumpho da Alemanha. Mas estou que não irão alem d'essa infamia. Tem medo. As circumstancias, agora, são mais graves!

Teriam medo, effectivamente, se o governo houvesse tomado a attitude que eu e todos esperavamos. Mas a fraqueza do governo foi e é tamanha que os monarchicos fizeram peor do que haviam feito antes de 1916, indo alem *de tudo* quanto era dado prever n'esse capitulo da infamia. Os monarchicos e todos os que pelos motivos conhecidos tiveram interesse directo ou indirecto em contrariar ou combater a nossa participação na guerra.

Sobre a attitude do rei e dos monarchicos, ainda sahiram n'esse terceiro numero de *O de Aveiro* dois artigos dignos de nota, um intitulado **Interessantissimo** e outro **Conde de Mangualde**. Limitemo-nos a transcrever o primeiro.

Em terceira pagina publicava o *Dia*, de 17, o seguinte telegramma do Senhor D. Manuel:

Comte de Sabugosa

Santo Amaro — Lisbon.

Twickenham, 15, 18, 42.

Veillez rendre aussi publiques que pos-

sible les suivantes instructions: En vue de l'état de guerre toute question politique doit être mise absolument de côté: nous devons uniquement penser à notre bien aimé pays et devons joindre nos efforts pour la victoire finale des alliés. Tous doivent offrir leurs services au gouvernement portugais. Je connais le patriotisme et le dévouement de mes partisans et je suis sûr que mes instructions seront suivies.

(a) Manuel.

Em terceira pagina, sem uma palavra de commentario!

Ainda podia haver o pretexto da *ultima hora*, Manhosamente, e toda a sua decantada habilidade, como aliás a de todos os *grandes homens* da Parvonia, consiste em manha, o sr. Moreira de Almeida, para não ter que *commentar*, metten aquillo na secção *Ultimas Noticias*.

Com grande curiosidade, aguardamos o *Dia* de 18. Com grande curiosidade, o abrimos. Nem uma palavra! O *Rei à margem*, como sempre, E não se pode dizer que o *Dia* espere o annuciado manifesto da *direcção politica* (elles próprios, monarchicos, já declararam que não sabem *quem é* a sua direcção politica) sobre a attitude dos monarchicos. Para exaltar o acto do Senhor D. Manuel não era preciso *manifesto*, nem que a *direcção politica* dos monarchicos dissesse aos monarchicos o que elles haviam de fazer. O proprio *Dia* assim o entendeu, exaltando no dia seguinte, 18, os srs. Azevedo Coutinho e Jorge Camacho, o primeiro por ter mandado um telegramma ao governo, ou ao presidente da republica, offerecendo os seus serviços, e o segundo porque *oostava* que tinha feito o mesmo.

Chamo a attenção dos leitores para tudo isto, porque tudo isto é interessantissimo.

Não me parece provavel que o sr. Jorge Camacho tenha enviado o telegramma que se diz. Pelo menos, não eram essas as suas intenções nos primeiros dias. O sr. Jorge Camacho estava disposto, como todos os outros officiaes, a seguir as indicações de Paiva Couceiro, que não considera *nacional* a guerra com a Alemanha. Se o sr. Jorge Camacho houvesse enviado o telegramma, o *Dia*, dizendo *consta*, não dava esse facto como *simples boato*. E assim como appareceu logo o *texto* do telegramma do sr. Azevedo Coutinho, já teria apparecido o *texto* do telegramma do sr. Jorge Camacho. Mas é tal o proposito que tem os monarchicos de *lançar poeira nos olhos do publico*, que o *consta* do *Dia* foi

convertido em *certeza* por todas as outras gazetas do partido. O supposto offercimento do sr. Camacho tem corrido, nas tubas da fama e do applauso, todo o jornaalismo realista.

Attendam os leitores, **que tudo isto é interessante.**

Mas traduzamos o telegramma do Senhor D. Manuel, que é melhor.

Queira tornar publicas quanto possivel as seguintes Instrucções:

“Em virtude do estado de guerra, toda a questão politica deve ser posta absolutamente de parte.

“Devemos pensar unicamente na nossa bem amada patria e devemos conjugar os nossos esforços para a victoria final dos allados.

“Todos devem offerecer os seus serviços ao governo portuguez. Conheço o patriotismo e a dedicação dos meus partidarios e estou certo de que as minhas Instrucções serão seguidas..

O acto do rei é nobre e sympathico. E o rei, havemos de affirma-lo e repeti-lo sempre, é n'isto sincerissimo. Pois sendo um acto nobre e sympathico. **Os monarchicos não lhe deram relevo nenhum.** Por isso mesmo que sabem que o rei é sincero, e que o não podem ver por essa sinceridade, receberam o telegramma do rei **com manifesta má vontade**, publicando-o **às escondidas**, o *Dia*, por exemplo, e sem os commentarios **que são da praxe** e que por todos os titulos elle requeria.

Ao mesmo tempo, **para lançar poeira nos olhos do publico**, continuando a torpe hypocrisia de que estão do lado dos interesses do paiz, exaltam os officiaes monarchicos que offerecem os seus serviços. **Mas esses officiaes são dois, até agora, unloamente**, admittindo que seja certo o telegramma que ao sr. Jorge Camacho se attribue.

O telegramma do rei é **peremptorio**. O rei manda tornar **publicas e bem publicas** as suas instrucções. O rei não admite que acima das suas ordens estejam as da tal *direcção politica*. Não espera por manifesto da direcção politica, nem por manifesto nenhum. E assim o toma o *Dia* por legitimo, já o dissemos, publicando e louvando os nomes dos officiaes que offereceram os seus serviços. E assim o tomaram esses officiaes, offerecendo-se de seguida. Mas estes offi-

ciaes são dois. Os outros, seguramente mais de trinta?

Os outros ficaram á espera... do sr. Paiva Couceiro. Quer dizer, **mas uma vez se prova que para os monarchicos o seu rei não tem valor nenhum. Mas uma vez o exaltoram solennemente.**

O Senhor D. Manuel considera *nacional* a guerra entre Portugal e a Allemanha. Os monarchicos consideram *o contrario*, por mais que se esforcem por apparentar patriotismo, e poem á margem o *seu rei*, fazendo-lhe brejeiramente... *signaes de despedida*.

O Senhor D. Manuel diz-lhes: **Offereçam-se.** O sr. Paiva Couceiro diz-lhes: **Façam o que quizerem, mas eu, por mim, visto que se não trata d'uma guerra nacional, não me offereço.** E os monarchicos, quasi em peso, seguem o sr. Paiva Couceiro e deixam o Senhor D. Manuel... *sósinho!*

Mas o rei declara no fim do telegramma que conhece a **dedicação** dos seus partidarios e o seu **patriotismo**.

Muito bem. Eis ahí a dedicação e o patriotismo dos seus partidarios... *definidos!*

Ah, como isto é interessantissimo!

O sr. Jorge Camacho *nunca* se offereceu. A nossa supposição era exacta. O sr. Jorge Camacho, que andava em Tuy de braço dado com os allemães, era germanophilo feroz. Uma verdadeira fera contra os allados. Logar tenente, porque o era, do sr. Paiva Couceiro, seria impossivel que deixasse de seguir as indicações do seu marechal, para todos aquelles parvos a *unica majestade*.

Fica provado, e com esta conclusão encerramos este capitulo, que logo nos tres primeiros numeros de *O de Aveiro* pusemos toda a questão interna e externa no seu campo de *verdade*. D'alí por deante, dando-nos os factos sempre razão, não fizemos mais do que desenvolver esses pontos basilares.

O numero 7 de *O de Aveiro* é o que se chama um *numero cheio*. Publicou-se em 30 de abril de 1916. Já eu estava em Portugal. Traz, entre outros artigos bons, quatro que merecem trasladar-se. Um intitula-se **Traidores**, outro **Catholicos**, outro **Portugal na Guerra** e outro **Monarchicos**. Passemos a transcreve-los por esta mesma ordem.

«Os republicanos tem estragado tudo. Até estragaram o termo *traidor*. Abusaram d'elle de tal fórma que chegámos a isto: os traidores, os authenticos traidores, a si proprios se denominam, ironicamente, . . . *traidores*. Agarra, agarra, que é ladrão. Conhece-se este velho truc de ladrões. O gatuno correndo e gritando, a fingir que vae perseguindo o authentico gatuno: *agarra, agarra, que é ladrão*. Agora, tambem, os traidores gritam, chasqueando e rindo: *agarra, agarra, que é traidor*, e com esse truc ficam impunes e vão . . . atraíçoando.

Traidores, para os republicanos, eram todos quantos não estavam de accordo com elles, ou antes, com as suas tyrannias e mais outros attentados demagogicos. Até o sr. Brito Camacho, que justifica agora, e protege, os germanophilos, chamava traidores aos simples monarchicos. Republica era synonymo, até para o sr. Brito Camacho, de independencia nacional. Cahida a republica, lá se ia por agua abaixo a independencia patria. Logo, eram *traidores* os que conspiravam contra a republica, e até, logicamente, os simples monarchicos. Se já se viu assim um disparate! . . .

D'esta fórma, abusando de tudo, tudo estragaram, até os dictionarios. Já não ha dictionarios que valham. Já não ha termos proprios. Já não ha palavras significativas. Já não ha phrases que impressionem. Os traidores riem-se, quando lhes chamam traidores, e continuam, impunemente, e até descaradamente, a atraíçoar.

Comtudo, a traição existe. Isso não obsta a que ella exista e a que seja, mesmo, formidavel.

Leio n'um periodico que em Lisboa appareceram pasquins affixados nas paredes, com estes dizeres: *Abaixo a guerra*. Mas perdão. Isso é a consequencia logica da campanha que se fez desde o dia 1 de Agosto de 1914 e á frente da qual estava o sr. Brito Camacho!

Leio no mesmo periodico que nos urinoes de Lisboa appareceu escripto: *Soldados, desertae*. Mas perdão. Isso era inevitavel, isso era fatal, dada a attitude que tomou, logo após o começo da guerra europeia, o sr. Brito Camacho.

Os monarchicos e os catholicos tem muitas culpas do que, n'esse capitulo guerra, vem occorrendo ha perto de dois annos. Mas é preciso notar-se que elles não se teriam atrevido á sua propaganda desenfreada, sem o ousio que lhes dava o sr. Brito Camacho. Sejamos justos e vá a responsabilidade a quem toca.

O sr. Brito Camacho entendia que os monarchicos eram *traidores*, antes da guerra europeia declarada. Mas depois d'isso entendeu que eram *grandes patriotas*. Cobriu-os de ridiculos, de injurias, de affrontas sangrentas até aquella

data. Mas tomou-os em seguida sob a sua protecção e proclamou-os homens honrados. Já n'outro dia vimos aqui, n'esta gazeta, que o sr. Brito Camacho escreveu na *Lucta*, com grandes applausos da *Liberdade* e de todas as mais gazetas catholicas e monarchicas, que *facilmente se comprehendia que um portuguez monarchico ou republicano fosse germanophilo até o dia em que a Allemanha se declarou em guerra connosco*. Então... que querem agora que se lhe faça?

O sr. Brito Camacho foi sempre muito forte no sophisma, mas sempre muito fraco na logica. Ser germanophilo, como então dissémos e agora repetimos, é ser partidario da Allemanha. Ser partidario da Allemanha é desejar o seu triumpho. Manifestamente. Ora o triumpho da Allemanha seria **o nosso desastre, mesmo antes da Allemanha declarar guerra a Portugal**. Hoje será peor. Mas já então seria o **nosso desastre**, e por dois motivos: um, as conhecidissimas ambições colonias da Allemanha; outro, a nossa alliança com a Inglaterra.

Quem desconhecia isto? Ninguem. Os proprios monarchicos, como tambem n'esta gazeta ficou registado com um extracto da *Nação*, o confessavam, ás vezes, fugindo-lhes a boca para a verdade. *Como se comprehendia, pois, facilmente, que um portuguez, monarchico ou republicano, fosse germanophilo até o dia em que a Allemanha se declarou em guerra connosco?*

Mas havia outra coisa. Os monarchicos e os catholicos não eram germanophilos **senão por odio á Republica**. Simples odio á republica! O seu odio á Inglaterra era a niera consequencia do seu odio á republica. E isto mette-se pelos ollos dentro até dos cegos, quanto mais dos que vêem e trazem os ollos abertos. Pois como se tornava a Inglaterra funesta aos interesses portuguezes, des-

de 5 d'outubro de 1910 até os primeiros dias de agosto de 1914, tendo sido uns poucos de seculos, até 5 de outubro de 1910, **indispensavel á independencia nacional, como affirmavam os monarchicos?** Pois não foi a alliança inglêsa obra d'elles, obra de que se *orgulhavam*, e não lhe deram elles duração secular? A *admiração* pela Allemanha era uma treta muito grande. Outra grande treta, a historia do mal que nos tem feito a Inglaterra. Os patriotas, que só viam o mal que nos tem feito a Inglaterra, á *ultima hora*! O caso era outro. A Inglaterra não mandou uma esquadra a Portugal, nem um exercito, para collocar no throno o sr. Paiva Couceiro ou o sr. Moreira de Almeida, que do sr. D. Manuel não querem elles saber para nada. A Allemanha, dado o seu conflicto com a Inglaterra, e vista a attitudo dos republicanos contra ella, provavelmente destruiu a republica e estabelecia uma monarchia em Portugal. D'aqui, e só d'aqui, a impetuosa corrente germanophila. D'aqui, e só d'aqui, o odio á Inglaterra e o amor á Allemanha. D'aqui e só d'aqui! Motivo unico! Motivo que o sr. Camacho, que não é tolo, *via muito bem*. Até o viam os tolos! Até o viam os cegos! Quanto mais o sr. Camacho, que não é tolo nem inteiramente cego. E, sendo assim, como é, chegavamos a mais este paradoxo monstruoso, como tudo quanto se faz em Portugal: o sr. Camacho, que chamava *traidores* aos monarchicos e os injuriava, quando elles honestamente conspiravam contra a republica, como os republicanos honestamente (não consistiu n'isso a sua deshonestidade) haviam conspirado contra o velho regimen, achava-os honrados quando elles sacrificavam ao proposito de destruir a republica a propria integridade do territorio portuguez, a propria independencia nacional.

Isto é monstruoso, mas é assim mesmo.

Facilmente se comprehendia que um português, monarchico ou republicano (esta generalização do republicano devia ser para elle ou para os da grei), *fosse germanophilo até o dia em que a Allemanha se declarou em guerra conosco.* Quer dizer, facilmente se comprehendia que um português quizesse vêr perdidos, e desde já, e **por um acto consciente e deliberado**, o que é infame, **pelo menos** as nossas colonias. Facilmente se comprehendia que um português, **por um acto consciente e deliberado**, nos quizesse vêr pagar, duro e caro, o crime da alliança inglêsa, de que era justamente auctor o miseravel de tal fórma desnacionalizado. Facilmente se comprehendia que um português, **por um acto consciente e deliberado**, nos quizesse enfeudado á Hespanha, que era fatalmente o que acontecia, esmagada a Inglaterra, perdido portanto esse apoio para nós, e nós á mercê da Allemanha. Já dissemos aqui n'um artigo, mas não faz mal repeti-lo, que, vencedora a Allemanha, o seu alliado natural na peninsula iberica não será Portugal, mas a Hespanha. Tudo isso nos acontecia, **fatalmente**, era o menos que nos podia acontecer, se a Allemanha triumphasse antes de declarada a guerra a Portugal. Hoje, sobrevindo tal desgraça, ha-de-nos acontecer **muito mais**. Mas o sr. Camacho achava bem. E os que eram *traidores*, quando pura e simplesmente conspiravam contra a republica, como o sr. Camacho e outros tinham conspirado contra o throno, passavam a ser, conspirando agora da forma torpe e infame que fica referida, *homens honrados*. E a independencia nacional, que ficava perdida com o mero caso da monarchia que sossobrou em 5 de outubro ser restaurada, e d'alii o epitheto de *traidores* com que o sr. Camacho e os outros republicanos assignalavam os monarchicos, não ficava perdida, vencedora

a Allemanha, confiscadas as nossas colonias, rota a alliança inglêsa, restaurada uma monarchia hespanhola ou allemã enfeudado á Hespanha.

Tal é a obra de mentira, de hypocrisia, de jogo abjecto de miseraveis interesses de pessoas e de bandos, que representa a politica, toda ella, em Portugal. Nunca houve obra séria e perduravel a que não presidisse a sinceridade e a verdade. Nunca! O objectivo da arte, da litteratura, da philosophia, da sciencia, e portanto da politica, que é a arte das artes e a sciencia das sciencias, que todas resume e contem, foi sempre a verdade. Diz-se que o politico não pode ter a candidez e a boa fé dos santos. Nem elle nem ninguem. E' certo. Mas entre essa arte da vida, indispensavel a todo o homem que lida com homens, e a má fé e o deshavergonhamento dos tratantes, ha um abysmo, ha distancia. Ora em Portugal nunca houve nem ha politicos, por mais que os alicantineiros e troca-tintas se enfeitem com pennas de pavão. Em Portugal só houve e só ha, com rarissimas excepções, ou ciganos, ou sicarios. ● politico português foi e é isso: ou cigano ou sicario. E mais nada.

Fala-se em *traição!* Pois não ha duvida que o que se está representando ahi, n'um entrenez infame, é uma das maiores traições da historia. Das mais torpes! Das mais abjectas! Das mais repugnantes! Não ha duvida. Nós é que já estamos tão acostumados *a tudo*, que já tudo se nos torna indifferente. Em que paiz se viu um espectáculo assim, de todos esses que estão em guerra? Digam lá, se são capazes!

Os monarchicos queixam-se. Teriam razão, se não se houvessem conduzido de tal modo que perderam todo o direito a queixar-se. E' um factó vulgarissimo na vida: haver enorme razão de queixa e perder todo o direito a queixar-se.

A politica dos monarchicos nem sob o ponto de vista da ciganice deixou de ser um desastre. Nem ciganos habeis tiveram á sua frente. Nem atilados sicarios. Tudo e todos um desastre. Os partidos foram sempre quadrilhas em Portugal. Mas o chamado partido monarchico nem sequer é uma quadrilha organizada. Falta-lhe esse prestigio e respeito, que tambem as quadrilhas, que tambem os bandidos, dentro da sua moral torpe, precisam de ser *prestigiosos e respeitavels*. E perderam tudo no dia em que arrastaram pela lama o Senhor D. Manuel, que era a unica, oiçam bem, que era a unica *garantia* de restauração monarchica. Por um lado dispensaram-no. Imbecis, d'una imbecilidade nunca vista, desvairados, mas boçalmente desvairados, julgaram ter *força para tudo*, n'elles proprios. E que podiam, assim, fazer rei de Portugal *quem elles quizessem*: um principe allemão, um principe hespanhol, indifferentemente D. Manuel ou D. Miguel, em ultimo caso o D. Paiva, como lhe chamam os hespanhoes. Nunca se viu imbecilidade igual. Isso por um lado. Por outro lado, abateram-no, diminuiram-no, enlamearam-no, exauctoraram-no.

Essa força, a maior que elles tinham, elles proprios a despedaçaram.

Eu *virei a casaca*. Eu, que elles, para me diminuir aos olhos da *sua gente*, accusaram de republicano na *Nação*, e no *Diario da Manhã*, do Ar. uella. E por todos elles era tido como tal. Eu, *republicano*, virei a casaca, porque os flagello com a mesma independencia e justiça com que flagellei os seus adversarios. E elles, monarchicos, ficaram com a *casaca do direito* achincalhando o rei, diffamando-o, desobedecendo-lhe, enfim: reduzindo-o a lama, que foi peor que reduzi-lo a nada. Grande corja!

Monarchicos sem sombras d'ideal monarchico, catholicos sem sombras d'ideal

catholico, necessariamente haviam de ser *patriotas* sem sombras d'amor patrio. Mas, desorganizados, desprestigiados, acephalos, tendo-se elles mesmos encarregado de se decapitar com o seu procedimento contra o rei, não sahiriam dos desvãos, onde ficariam jogando de porta, que é o seu jogo predilecto, limitados ás intrigas do costume, se o sr. Brito Camacho lhes não tem dado a audacia que lhes faltava.

Não se comprehende bem a attitude d'este homem. Querem alguns explica-la pelo seu feitio vesgo, e pela necessidade de encontrar fóra do campo republicano o apoio que no campo republicano lhe faltava. Mas se essa explicação é bastante para illuminar um dos prismas do character do chefe unionista, no conjuncto não satisfaz. Elle sabia que Portugal, alliado da Inglaterra, não poderia manter uma séria neutralidade. Elle sabia que, mesmo que a Inglaterra não nos pedisse auxilio armado, desde que a nossa neutralidade *não era séria*, a belligerancia seria inevitavelmente o desenlace. A que visava, então, com a sua tão dissolvente, tão funesta propaganda? Com que fim se arvorou em patrono *decidido* dos monarchicos e dos catholicos, cuja germanophilia constituia e constitue uma *traição* manifesta? Altos juizos de Deus! Profundo mysterio! Fosse porem como fosse e porque fosse, uma vez desencadeada a corrente contra a guerra, o que está acontecendo, pasquins, incendios, incitações á deserção, etc., era d'esperar.

Teem grande culpa os catholicos e os monarchicos. Mas a maior culpa é do sr. Brito Camacho. Tremenda responsabilidade e inexplicavel conducta, n'um homem que se propunha e propõe... salvar a republica e a patria!

Vejamos agora o artigo **Catholicos**.

«Escrevem-nos varios catholicos fazendo

considerações sobre a nossa attitude. Temos a responder que a nossa attitude é *sempre a mesma*.

Defendemos e defenderemos a liberdade religiosa e os direitos dos catholicos. Estejam certos de que n'esse ponto não mudaremos. Mas tambem estejam certos de que combateimos e combateremos todas as especulações e todos os attentados, *venham lá donde vierem*.

N'este desassombro, n'esta independencia e n'este desinteresse, é que está todo o nosso merito.

A proposito transcrevo o que deixei dicto em artigo de fundo do primeiro numero de *O de Aveiro*. Ora leiam:

Agora basta-me-hia ser germanophilo esturrado, exaltar o imperialismo, babar de servilismo repugnante a pata de ferro da Germania, cahir no papo do sr. Moreira d'Almeida como *todos*, para ganhando torrentes de dinheiro, ter leitores aos milhares. Não quero! Ai de mim, como já disse no 1.º volume das minhas *Cartas de Longe*, se, agora, que estou muito mais perto da sepultura que do berço, uma onda de loucura ou de fraqueza senil me arrebatasse. Não quero! Honrarei o meu passado. E do alto d'elle, como pedestal inabalavel e invulneravel, verei com desdém a serpente da maledicencia erguer o collo raivosa, e ouvirei, encolhendo os hombros, o seu silvo envenenado.

Assim como sei quaes são os processos de *ganhar*, assim não ignorò que é inutil, para apoiar seja quem for, contar com publico independente em Portugal. Tudo, do mais alto ao mais baixo, exploradores e explorados, algozes e vitimas, recebe o santo e a seuhia das confrarias e dos bandos partidarios. Não ha outro criterio nem outra moral na minha patria.

De tudo se conclue que seria loucura nossa, minha e do director d'este periodico, ou pelo menos ingenuidade indesculpavel, vir a publico esperanças em qualquer interesse de dinheiro ou com a illusão fagueira, e portauto infantil, de concorrer para a salvação nacional. Que ninguém tenha essa idéa! Ao contrario, isto é um sacrificio, que nos impomos tão somente para ver se, á força de elicotadas e pedradas, conseguimos diminuir um pouco a musica pavorosa com que nos atormentam os ouvidos as ráns que se accumulam... n'esse pantano.

Leram? Se leram, está bem. Ficam sabendo que não ignoro nenhum dos processos de *especular* e de *ganhar*. Ficam sabendo, não. Já o sabiam. Mas não é mau recorda-lo. Simplesmente, *eu não quero emprega-los*. Torno a repetir as palavras que disse no primeiro numero de *O de Aveiro*. Teria tido, se eu quizesse, *leitores aos milhares*. Ganharia, se eu quizesse, *torrentes de dinheiro*. **Não quero!** Não quiz e **não quero**. Para o fazer teria que sacrificar a minha sinceridade. Teria que mentir. Teria que especular. Teria que ser **um malandro**. Os catholicos preferem os malandros? Bom proveito. Ainda ha pouco mais de uma semana, conversando com umas senhoras religiosas muito illustres e virtuosas, das congregações portuguezas, em Hespanha, eu lhes dizia: «Estou farto de ver malandros, e as senhoras tambem, que se dizem catholicos e que são um verdadeiro ultraje ao catholicismo e a Deus. Gente prostituida de ambos os sexos, gente infame, sem nenhuma sinceridade, sem nenhum ideal, sem nenhuma crenças, para quem a religião é *uma capa*, um meio de especular, um instrumento de ganhar, e nada mais. Ainda detesto mais esses tartufos, vis hypocritas, que os proprios demagogos desenfreados. Estes, ao menos, são francos».

Eu sou catholico, oiço dizer a cada passo aos maiores **malandros**. Eu sou catholico! O que elles são é **bandidos**. Mas, para os catholicos, dizer *eu sou catholico* é quanto basta. Preferem os ultimos canalhas, os mais vis especuladores, *contanto que se digam catholicos*, aos homens sinceros e de virtude que não andam a dizer o que não sentem ou a bater hypocritamente nos peitos pelas egrejas. Pois fiquem-se com elles. Sejam felizes.

Fiquem-se com elles. Nós é que não vendemos a nossa sinceridade, a nos-

sa independencia, a nossa liberdade de pensar **por preço nenhum**.

Ha catholicos e catholicos. Ha catholicos muito sinceros e muito dignos. Esses, ninguem os aprecia mais do que eu. Eu amo quem tem crenças. Mas ha catholicos, ou creaturas dizendo-se taes, que são a ultima expressão da infamia e da vileza. E abundam! Infelizmente abundam. Oleio e repugnam-me esses cntes abjectos.

Ha catholicos que são catholicos. Catholicos acima de tudo e antes de tudo. Tambem os aprecio. Muito! Mas ha catholicos que são *políticos*, simplesmente. Confesso que não tenho por elles uma grande sympathia. E é claro que não me refiro ao sr. Moreira de Almeida, nem aos monarchicos catholicos. Estes dão-me vontade de rir. Refiro-me aos do partido catholico, *exclusivamente*. Onde ha tarufos... d'alto lá com elles!

Vi-os andar na emigração sempre *á coca*, sempre *á pesca*, e eu detesto pescadores d'aguas turvas. Sempre detestei. Vi-os arvorados em *chefes de conspiradores*. Vio-os *membros de comités* Vi-os *altos representantes da causa* em varias capitacs europeias. Da causa monarchica, comprehende-se. E agora vejo-os a descompor os monarchicos e a *exaltarem-se de indignação* sempre que os monarchicos lhes chamam... monarchicos, a elles! Não querem confusões com os monarchicos, protestam. Mas eram ministros monarchicos do Couceiro, quando estavam certos... de que o Couceiro venceria! Couceiro tinha o seu ministerio organizado. Pois alguns d'esses, que berram agora que não são monarchicos e que não querem confusões com os monarchicos, seriam ministros monarchicos... se o Couceiro restaurasse a monarchia! Grandes pandegos. Eu conheço essa comedia toda e com ella me hei de rir. Eu sei coisas para encher *uns poucos de volumes*, quanto mais uma ou outra columna d'es-

ta gazeta. Irei dizendo a pouco e pouco *aquillo que me parecer*.

Sempre pescadores d'aguas turvas, sempre á coca, aliás como os marechaes monarchicos *quasi sem excepção*, ora eram manuelistas, ora miguelistas. Donde sopra o vento? Quem promettia mais? Quem dava mais?

Ausencia absoluta de convicções e de principios. Grande corja!

Até á segunda incursão do Couceiro, foram todos *manuelistas*, promptos para *comer* o Couceiro na questão do plebiscito, que os fazia rir. Todos elles tinham o Couceiro e não se enganavam, na conta de imbecil. Depois da segunda incursão foram todos, algum tempo, *miguelistas*. Marechaes monarchicos e tudo. Parecia-lhes que o D. Miguel *tinha furo*. Quando viram *que o não tinha*, bateram de novo *em retirada*. Pescadores d'aguas turvas! Podia, ou pode lá triumphar uma causa onde havia e ha falta de sinceridade absoluta!

Sempre á coca, falamos agora só dos *políticos* catholicos, ei-los em Portugal a fazer o que fizeram no exilio. No exilio perguntavam: *Vence o Manuel? Vence o Miguel? Quem dá é pae! Nós somos d'aquelle que dér mais!* Em Portugal perguntavam e perguntam: *Vence a republica? Vence a monarchia? Quem dá é pae! Nós somos d'aquelle que dér mais!*

A eterna maromba do especulador politico. Os *políticos* catholicos não fizeram differença nenhuma dos outros, na falta de sinceridade e de rigidez de principios.

Na questão patriotica, *seguiram o mesmo caminho*. Absolutamente convencidos de que triumphava a Allemanha, foram germanophilos *em mussa*. Quizeram lá saber dos principios religiosos ou das doutrinas da Igreja! A Allemanha é protestante. Quizeram lá saber d'isso! A Allemanha provocou a guerra. Ella e só el-

la! E agora nos lembra de novo que para não alterar o curso das *Cartas de Longe* ainda não démos, n'esse ponto, no piolho Alfredo Pimenta, a tarefa que elle precisa. E como as *Cartas de Longe* se vão alongando n'outros assumptos, não temos remedio senão dedicar um artigo especial á coça no Pimenta. Talvez seja no proximo numero.

A Allemanha provocou a guerra. Ella e só ella. Quizeram lá saber d'isso! Provocou esta carnificina pavorosa, este horror que estamos vendo. E a Egreja é contra a guerra. Quizeram lá saber d'isso! A Allemanha rasgou *impudentemente* o tratado sobre a neutralidade da Belgica, onde tinha posto a sua assignatura. A Allemanha esmagou esse religiosissimo e catholicissimo paiz. Quizeram lá saber d'isso! A Allemanha attentou *contra todos os povos*. Desrespeitou *em absoluto* as pequenas nacionalidades. Reproduziu a phrase celebre *La force prime le droit*, com o impudor que poz em tudo. Praticou as maiores atrocidades, contra todos e contra tudo. E a Egreja prega o respeito dos fracos e humildes. E a Egreja defende o direito contra a força. Quizeram lá saber d'isso! Dava a Allemanha maiores garantias politicas? Eis tudo!

Portugal ficava perdido, *absolutamente perdido*, com o triumpho da Allemanha. Quizeram lá saber d'isso! Esse crime hão de paga-lo. Fiquem certos de que o hão de pagar, e *duramente*. Quizeram lá saber d'isso! Cahia a republica, a negregada e amaldiçoada republica? Eis tudo!

Agora falant em patria! Não illudem ninguém. E' a cantata dos monarchicos. O crime, o grande crime, commetteu-se, e ficou patente a todos. Hão-de paga-lo, e *duramente*. Pelo que nos toca, somos n'esse ponto de *intransigencia absoluta*. Sempre assim fomos. Em se tratando de patria, ou de principios fundamentaes, escusam de contar connosco. Sempre esti-

vemos, sempre estaremos do lado da patria, seja quem fôr que tenhamos d'encontrar a defende-la. E seja quem for, que estiver a combate-la. E' nosso filho, que a combate? Renegamo-lo. A justiça prende-o e condemna-o como traidor? Que o fuzile.

A patria, para nós, acima de tudo. A patria e os principios fundamentaes de verdade e de justiça. Quem fôr inimigo da patria e d'esses principios de virtude, é nosso inimigo. E nós somos, por nossa vez, **seu implacavel inimigo**.

Ha catholicos, dizem-nos, que não são germanophilos. Pois de accordo. Tratamos da regra geral, não tratamos das excepções. Se os ha, **seguramente** estão d'accordo connosco. Ou nientem!

Ha catholicos, dizem-nos tambem, que estão fóra da *corrente politica* dos catholicos. Pois de accordo. Ainda ahi estamos de accordo. Na Galliza, varios parochos portuguezes emigrados se nos dirigiram, em 1911 e 1912, a pedir-nos que não defendessemos a separação da Egreja e do Estado. Porquê? interrogámos. Porque vae ser para nós, replicaram, *uma grande tyrannia*. Ficamos á mercê... dos jesuitas!

Isto é rigorosamente authenticico. Só o dizemos para mostrar as divergencias que ha entre os catholicos, e a complexidade do problema religioso. E' um grave problema. De resto, nós somos defensor da separação da Egreja e do Estado e defensor dos jesuitas, agora germanophilos em peso, o que os compromette gravemente, mas onde ha homens de grande virtude e de grande merecimento.

Em resumo, em conclusão, e para responder em poucas palavras ás objecções que nos fazem, *nós somos o que somos, e não fazemos differença nenhuma do que fomos*. Na nossa independencia, no nosso absoluto desinteresse, está o nosso merito, que este paiz não aprecia, mas

que apreciamos nós, e é quanto basta. N'isso e na nossa sinceridade.

Não ha publico independente para nos lêr? E' a mesma coisa. Mas especulador, não o seremos. Mas fazer o jogo das capellinhas ou dos bandos, jamais. Mas mentir, mas deixar de dizer o que sentimos, nunca.

Em qualquer outro paiz, isto teria um valor enorme. *Enormissimo!* A singularidade que nos distingue seria *apreciadissima*. Aqui não tem valor nenhum. Ninguem a aprecia. E' o mesmo. O que os senhores todos ainda não perceberam é que não vivemos *dos outros e para os outros*. Vivemos *de nós e para nós*. Unicamente. Se vivessemos dos outros e para os outros, ou já nos tinhamos suicidado, ou haveríamos *crystallizado* em pulha ha muito tempo.

Não, não. Vivemos *de nós e para nós*. E n'esse caso, é-nos absolutamente indifferente o que os outros pensam e o que ou outros sentem.

Passem muito bem.

Defendemos e defenderemos os catholicos. Mas sempre que julgarmos preciso censura-los, censura-los-hemos. Não fazemos excepções. Não tivemos, nem temos, nem teremos, espirito de bando, de seita ou confraria. E com não corremos atrás do interesse, contentando-nos com pouco, temos fortemente assegurada a nossa independencia.

Isto é que vale *oiro*, para nós. Oiro do mais fino quilate. O oiro dos senhores... desprezamo-lo.

E passem muito bein. Sejam felizes."

E' de justiça confessar que a attitude de alguns de aquelles que eram visados n'este artigo se modificou depois notavelmente. Os jesuitas e o sr. Pinheiro Torres, que veio a deixar a direcção da *Liberdade* por se haver tornado incompativel com os germanophilos, o sr. Pinhei-

ro Torres, que é em Portugal, na imprensa e na tribuna, o representante mais auctorizado e mais *authentico* dos jesuitas, assumiram uma attitude patriótica digna de todo o elogio.

Segue-se o artigo **Portugal na Guerra.**

Não sabemos, nem ninguem sabe, ou se alguém sabe não o diz, se marcharemos ou não marcharemos para o campo de batalha. Mas, desde que estamos em guerra com a Allemanha, devemos estar preparados para todas as eventualidades.

Fez-se, e ainda se faz á socapa, uma furiosa propaganda contra a guerra. Ora quem escreve estas linhas é dos que enteadem que não ha nada melhor do que a paz. Sempre fomos um pacifista, no sentido rigoroso da palavra. E como não somos dos que julgam superficialmente e pelas primeiras impressões os homens, as coisas e os factos, estamos convencido de que a tremenda hecatombe a que estamos assistindo é um passo agigantado para o pacifismo, ao contrario do que pretendem e affirmam os militaristas e os reacconarios.

A democracia, como o socialismo, sahirão com novas forças d'esta refrega, ainda ao contrario do que affirmam e esperam os reacconarios. Para estes é um dogma que a republica radical em França tem os seus dias contados. Calculam que a propria republica, em absoluto, desaparecerá, substituindo-a a monarchia das *élites*, que já vão preconizando para Portugal. Mas, em ultimo caso, admittem que, quando não venha a monarchia, pelo menos a republica conservadora scrá um facto incontestavel.

Nada d'isto succederá. O que vac sahir da enorme convulsão europeia é uma *poussée* socialista formidavel. Uma onda invasora, avassaladora, que se estenderá ao mundo todo. E, com ella, as ideias de internacionalismo, de pacifismo, a que os extermínios presentes darão força extraordinaria.

Mas não se chegava a isso, era impossivel lá chegar, sem a tremenda collisão a que estamos assistindo. Isto era fatal e não percebemos como serve d'argumento aos militaristas contra os principios democraticos. Para que os principios democraticos pudessem triumphar na sua generalidade, era necessaria esta prova. O mundo abafava sob o peso dos armamentos. A preparação guerreira consumia sommas colossaes. O militarismo estava na Allemanha em toda a sua florescencia, em toda a sua pujança, e não queria ceder, e não cedia nem uma pollegada. Muitas tentativas se fi-

zeram no sentido de resolver o conflicto por meio da paz. Fizeram-nas os socialistas, sobretudo os socialistas franceses procurando chegar a um accordo com os socialistas allemães. Fizeram-nas os governos, sobretudo o governo britannico, que propôz ao allienão, por mais do que uma vez, a limitação das esquadras. Fizeram-nas os philantropos como Fredctico Passy, Bloch, Carnegic, etc. E fizeram-nas os proprios imperautes, como o imperador da Russia, a cuja iniciativa se deve o congresso de 1899, que se reuniu em Haya. Tudo esbarrou na resistencia da Alemanha, que nunca aceitou proposta nenhuma susceptivel de conduzir á paz. A guerra era inevitavel.

Era a unica salhida. Era o unico meio dos propósitos pacifistas e idéas internacionalistas poderem vingar. Terminada a guerra e vencida a Alemanha, é certa uma reacção pacifista e democratica de valor e força incalculaveis.

Portugal, dada a sua alliança com a Inglaterra, não podia deixar de ser arrastado no turbilhão. Ou houvesse monarchia, ou houvesse republica, era um passo inevitavel. Não o dizemos com prazer, pois, repetimos, sempre professámos doutrinas pacifista e sempre considerámos a extincção da guerra como um dos mais santos e mais bellos ideaes da humanidade. Se o exercito portuguez tiver de marchar, não é sem dôr que o vemos marchar. Mas, repetimos, por mais doloroso que isso seja para todos, não se podia evitar. Se amanhã, admittamos essa hypothese, a monarchia fosse restaurada, o exercito marchava da mesma forma. Insinuar o contrario seria mentir, seria especular, e nós fomos sempre rebelde á especulação e á mentira.

Com monarchia ou com republica, marchava, dado o caso, é claro, da Inglaterra o reclamar. Marchava se estivesse a monarchia no poder, marchava ou marchará, sempre no caso da Inglaterra o reclamar, estando a republica estabelecida, como não deixaria de marchar se uma revolução n'essa altura derribasse a monarchia ou vice-versa. Marchava em todas as hypothses. Não esquecer: *em todas as hypothses*.

E o homem mais bronco comprehende isto. Nós temos uma alliança com a Inglaterra. Uma alliança é *um contracto*, em virtude do qual dois paizes promettem auxiliar-se um ao outro em casos necessarios. Nem era digno quebrar a alliança com a Inglaterra depois de estar declarada a guerra entre esta e a Alemanha, nem o podíamos fazer. A Inglaterra não ficaria, depois d'isso, de braços cruzados. E quebrar como, e a que pretexto, se é uma alliança secular? Mesmo que o nosso interesse, e supremo interesse, não

impusesse a conservação d'essa alliança, que impunha, não se quebra assim do pé para a mão uma alliança que persiste ha mais de cinco seculos.

Se quebrassemos a alliança com a Inglaterra praticavamos o que se chama uma felonía—estamos escrevendo para o povo e não para os sabios—e teriamos como tal de a pagar caro. Uma felonía, quer dizer uma perfidia, uma deslealdade. Não é no momento do perigo que um homem leal diz a outro, sobre um contracto estabelecido entre os dois: «Agora por aqui me sirvo; arranje-se lá como quizer, que eu vou-me embora». Era uma acção feia e, sobre feia, baldada. A Inglaterra tem grandes unhas e apressar-se-ia a cravá-las, com força, nas nossas carnes.

Não podemos ter a pretensão de que as allianças sirvam só para favorecer os nossos interesses. É claro que a Inglaterra não tem sido nossa aliada só por amor dos nossos lindos olhos. Não estava alli á nossa disposição, simplesmente para nos acudir no momento do perigo, sem que, por nosso lado, lhe dessemos compensações. Não faltaria mais nada! Ella ajuda-nos. Mas, quando é preciso, ajudamo-la a ella. Bastaria isto para que tivéssemos agora o dever de marchar.

Mas, junto a esses motivos, ha outro mais forte. A Alemanha, vencedora, levava-nos *todas as nossas colonias*. Levava-nos a Madeira e os Açores, pela certa, porque, sob todos os aspectos, até o da estratégia marítima, são pontos admiraveis. E enfeudava-nos á Hespanha. Ou ficaríamos sob a canga d'este paiz, que é pesada, e nós já o experimentamos, ou, pelo menos, na sua dependencia, como vassallos. D'esta maneira, não são já os interesses da Inglaterra, da nossa aliada, que vamos servir, *mas os nossos proprios interesses*.

É um transe doloroso por que vamos passar? Sem duvida. Mas o povo bem sabe que se não apauham trintas a bragas enxutas e que não cabem dois proveitos n'um sacco. Toda a gente se arrisca para viver. Toda a gente soffre e trabalha. A vida é uma cadeia de soffrimentos, de luctas e de contrariedades. Era bem boim, se fosse só gosar! Se queremos ser livres e independentes, se queremos manter o lustre da nossa historia, se queremos ser dignos dos nossos maiores, temos que nos arriscar. Esta patria cnstou muitas lagrimas, muito sangue, muitos sacrificios e muitas vidas aos nossos antepassados. Para nós a termos, soffreram elles. Para a mantermos e transmittirmos aos nossos descendentes, temos que soffrer nós. Ou seremos amaldiçoados por uns e outros, pelos que nos antecederam e pelos que hão

de vir depois de nós, sofrendo o desprezo, ao mesmo tempo, da Europa. Deus nos livrasse de mosirar agora á Europa, por qualquer acto menos digno, que eramos um povo de pulhas e covardes!

O portuguez honrou sempre o seu nome na historia.

A Belgica só foi ameaçada na sua honra. Não foi ameaçada, como nós, na honra e nos interesses. Todavia, não hesitou, para defender a sua honra, em recorrer ás armas. A propria Inglaterra não entrou na guerra de motu proprio. E todas as outras nações da Europa, mais ou menos, foram arrastadas. Não haviamos de ser nós agora a unica a pôr-nos a chorar!

Não. O povo portuguez é um povo de guerreiros. Sempre foi. Pode evitar a occasião. E' medida de prudencia. Mas chegada ella, nem foge, nem chora. Avança, gritando, como sempre: *Viva Portugal!*

Cerrae os ouvidos, soldados, aos especuladores politicos, que são peores que as serpentes. Mais falsos e venenosos. Ouvi-los para quê? Se amanhã viesse a monarchia, o resultado era o mesmo. Marchava-se! E seria um acto tão feio, tão indigno, estar a fazer desordens n'este instante em que todo o mundo nos contempla, que a essa idéa até o ex-rei de Portugal se sente envergonhado. E' elle o primeiro que diz que se lhe dessem agora o throno não o aceitava. E' elle o primeiro a recomendar vivamente que se não faça agora desorden, pondo-se acima de tudo os interesses e a honra d'esta patria.

Já vedes! E' duro o dever. Eu reconheço-o. Mas é forçoso cumpri-lo. Vae-se correr risco. Mas entre mortos e feridos, disseram sempre os nossos antepassados, que eram homens corajosos, *alguem ha de escapar.*

Eis a verdade. Eis a philosophia do caso. *Entre mortos e feridos alguem ha de escapar.* O homem nasceu para o perigo e para a lucta. Avante! E viva Portugal!

Eis o artigo *Monarchicos.*

«Assim como temos recebido cartas de catholicos, a que n'outro logar nos referimos, assim temos recebido cartas de monarchicos. Mas estas nem se discutem. Que querem os senhores que se lhes faça, se os senhores não teem feito senão tollices? Os senhores teem, e continuarão a ter, o castigo que merecem.

Alguns queixam-se dos marechaes. Mas os marechaes, é já velho, estão sempre á altura dos soldados e os soldados sempre á altura dos marechaes. *Os povos teem os governos que merecem.* Ha excepções, porque todas as regras geraes as admittem. Mas n'este caso, o dos monarchicos portuguezes, não. Não falamos *por informações.* Falamos de sciencia certa. *Nós vimos e ouvimos.* Ora o que vimos e ouvimos? Que os soldados estavam *contentissimos* com os marechaes e os marechaes contentissimos com os soldados. A's vezes, uns e outros *murmuravam.* Mas eram expansões meridionaes, simplesmente. No fundo, amiguinhos e unidinhos para a vida e para a morte. Então agora chorem na cama, que é parte quente.

Porque não tenham illusões. Os senhores teem o fundo *messianico*, que tanto nos caracteriza. Os senhores são *sebastianistas*, n'isso liquidam. Se eu, que não sou muito velho, ainda conheci, aqui, n'esta cidade de Aveiro, sebastianistas! O Custodio João Marques era sebastianista. Conhecemo-lo, eu e todos os homens do meu tempo. Está na memoria de nós todos. Esperava *anciosamente* a vinda de D. Sebastião. Para elle era *um dogma* que D. Sebastião viria. Viveu cem annos, ou mais. E... morreu crente que D. Sebastião... viria!

Não tenham illusões. O paiz está cansado. O paiz está farto. O paiz não pode continuar n'esta vida. Isto não é vida. *Sem honra e sem proveito* nos aniquilamos a nós mesmos. Pode lá ser!

Não contentes com tanta asneira, os senhores, já o disse no meu volume *Cartas de Longe*, fizeram mais esta, na questão patriotica, *que é definitiva.* Os senhores, se teem assumido uma attitude patriotica, nobre e digna, creavam uma *auctoridade immensa.* Collocavam-se *admiravelmente.* Mas se os senhores são imbecis?

Esperavam e esperam que o paiz se *revolte*, com medo da guerra. D'isso estão *absolutamente* convencidos. Mas não contaram com o fundo de *bom senso*, de *intelligencia*, de *consciencia*, que ha no âmago de todos, até d'aquelles que não são dignos, nem sensatos, nem intelligentes. Não revolta nada. Revoltar para quê? Se tivermos de marchar para o campo da batalha, *ninguem nos livra d'isso*. Revoltar para quê? Era, sobre queda, coice. Era aggravar a situação, *sem vantagem nenhuma*. Vinha a monarchia? O mais certo *era vir a anarchia, o fim de tudo*, e não a monarchia. O paiz tem o senso preciso para vêr isso. Mas que viesse a monarchia. Não marchavamos? Pois os senhores acreditam que ha um cavador d'enxada n'esta terra, por más bronco, que não veja que se tivermos de marchar, **marchamos**, ou haja republica ou haja monarchia?

- Não sejam imbecis.

E ha alguém, que não veja ainda que a Inglaterra, agora, não ficaria de braços cruzados deante das nossas luctas intestinas?

Os senhores são d'uma ignorancia assombrosa. Essa ignorancia é commum aos proprios marechaes, que os senhores, mercê ainda d'essa ignorancia, consideram de sabedoria *quasi divina*. Por essa ignorancia absoluta, desconhecendo a historia de Portugal e dos outros paizes, a psychologia da Gran Bretanha e d'outros povos, é que os marechaes *esperavam* que a Inglaterra viesse restaurar a monarchia. E' que os marechaes se indignaram com a Inglaterra *por ella não vir restaurar a monarchia*. Imbecilidade, meus caros! Imbecilidade inaudita! Não era esse o caso da Inglaterra intervir. *Mas agora, sim*. A Inglaterra já está em Lisboa. E está muito bem, como nossa alliada e amiga. Varios jornalecos querem tirar d'isso proveito para deprimir o governo

da republica. Ora a Inglaterra está em Lisboa, como está em Paris. Como a França está em Londres. A França está em Petrogrado e a Russia está em Paris. As tropas inglesas e as tropas russas pisam o solo da França, como as tropas francêsas pisarão o solo da Inglaterra e da Russia, sendo preciso, como as nossas tropas, em condições identicas, poderão pisar amanhã o solo d'esses paizes. Veem missões inglesas a Lisboa, como vão a Petrogrado, Roma e Paris. Como vão a Londres missões italianas, russas e francêsas.

E' uma *causa commum*. São *mutuos auxilios*. Não ha n'isso desprimôr nem offensa para nenhuma das nações que se uniram, conjugando os seus esforços *n'um mesmo sentido*.

Então, d'espada desembainhada e a cavallo, julgam os senhores que a Inglaterra ficaria, embainhando a espada e desmontando-se, a vêr-nos, de braços cruzados, do alto de Santa Catharina, esmurrar os narizes uns aos outros, n'uma briga ignobil, porque n'esta altura seria ignobil, n'um batalhar de purria vergonhosa e indecente? Que seria hoje para ella propria, nossa velha alliada, secular alliada, alem d'um prejuizo, e a Inglaterra nunca deixou de se mover quando viu *os seus interesses feridos*, aos olhos do mundo um desprestigio e uma offensa?

Os senhores estão doidos, decidadamente. E' tarde. Soprem-lhe ás botas. Isto n'una hypothese inadmissivel. O paiz, apesar de tudo, e demais a mais convencido de que isso só serviria para nos deshonnar, não dará esse spectaculo vil. O sacrificio é duro. Mas o paiz, e vendo alem de tudo que é o sacrificio de *quasi toda a Europa*, cumprirá resignado e sereno, forte e altivo, o seu dever. Servirá os interesses nacionaes, honrando o nome que herdon de seus avós, *ao mesmo tempo*. Esse nome glorioso é heroi-

co, que fulge na historia do mundo, e que o mundo conhece e admira.

Chorem na cama, amigos, que é parte quente. Os senhores só podiam triumphar pela integridade moral, com provas de virtude, intelligencia e bom senso. Em face dos senhores estava *um bando*. Era necessario que os senhores fossem *um partido*. Do lado opposto davam-se provas d'egoismo, de desordem, de insensata demagogia. Attendia-se muito menos aos interesses da patria, que aos interesses de corrilho. Era indispensavel que os senhores fossem o espectaculo da ordem, da abnegação e do patriotismo. Mas se os senhores se revelaram *um bando* peor do que o outro?

Bando que, de tombo em tombo, de asneira em asneira, foi até exauctorar o seu chefe supremo, o rei, por elle dar provas de... patriotismo! Bando que, de tombo em tombo, d'asneira em asneira, depois de affixar o rotulo *antes Affonso XIII que Affonso Costa*, acabou por cahir de joelhos deante da Allemanha, gritando: *Tudo menos isto!*

Menos isto era a republica. Mas era tambem, n'esta conjunctura gravissima, o resto do patrimonio nacional. D'esse patrimonio, que é a maior justificação da nossa independencia. D'esse patrimonio, que resume as paginas mais famosas da famosa historia portuguesa. D'esse patrimonio, onde, com os rugidos dos leões, se misturam os echos das vozes dos heroes, heroes de bronze, mais intrepidos e fortes que os proprios leões. Heroes de bronze, que, com façanhas inegalaveis, inspiraram as paginas dos *Lusíadas*, outro bronze, que ficará resoando nos ouvidos dos homens enquanto houver homens n'este planeta.

Menos isto era a republica. Mas era tambem a integridade nacional, a gloria, a honra, a vida moral dos que representam ainda e recolhem as tradições *d'um grande povo*.

Os monarchicos feriram o *sentimento nacional*. E a isso, não resiste *causa nenhuma*.

Aos erros dos republicanos, os monarchicos oppuzeram erros *maiores ainda*. Deante de um pessimo bando, surgiu outro bando que acabou por se definir... *peor ainda*. A philosophia da velha de Syracusa appareceria, era fatal, *como ultimo julgamento*.

O paiz esperou. Esperou demais. Não pode esperar mais tempo. O que se não fez até agora, já não se faz. Os monarchicos tiveram cinco annos, *para proceder*. Que fizeram? *Nada!* Intrigas e *microscopicos* barulhos. E' a confissão estrondosa da sua impotencia. Basta! Para festas e luxos, basta.

O paiz quer trabalhar e progredir. Quer e **precisa**. E para isso *só ha um recurso*. Não é o de *quanto peor melhor*. E' o de impôr a ordem, a paz, a liberdade e a tolerancia á republica.

Se não fosse o *quanto peor melhor*, isso já estava conseguido ha muito tempo.

N'este artigo dizem-se grandes verdades, como, de resto, em todos elles. Faço estes commentarios no fim de outubro de 1917, ou quasi anno e meio depois do artigo haver sido escripto. E o tempo e os factos tornam-no mais real, ainda, e mais vivo. O governo democratico tem commettido tantas immoralidades e tantos erros que levou o desgosto, a indignação e a revolta ao seio do seu proprio partido. O que os monarchicos não teriam ganho se em frente do que ali está se erguessem como um partido nacional, patriótico, bem orientado, moralizado, digno! Mas os monarchicos só teem dado exemplos de immoralidade e de torpeza, de falta de sentimentos patrioticos e de principios politicos, só se teem offerecido aos olhos de todos como **o peor** dos bandos que teem surgido n'este paiz. Chegaram mesmo a chafurdar na **tral-**

ção, na mais espantosa **balxeza moral**, n'uma infamia, sem exaggero, **nunca vista**. Sim, **nunca vista!** O paiz desvia com nojo os olhos de cima d'elles. Eu nunca suppuz que pudesse chegar a tempo de exclamar: *os republicanos são muito maus, mas os monarchicos são peores do que elles*. Pois tenho que o dizer, que assim o manda a justiça!

Passemos, porem, adiante.

Do n.º 8 do *O de Aveiro* transcrevo o artigo que se segue, da serie *Portugal na Guerra*:

Continuamos sem querer saber se marchamos ou não marchamos para a guerra, e se marchamos hoje ou amanhã. São segredos d'Estado, que o Estado não revela a ninguém. Se é que o proprio Estado já tomou alguma resolução a tal respeito.

O que nos importa a nós, jornalistas, não é isso. E quando dizemos jornalistas não tomamos o termo na accepção de informadores, que é uma accepção mesquinha. Em Portugal não ha jornalistas. Ha *reporteres*, *gazeteiros*, informadores do publico. O jornal estrangeiro tem artigos. O jornal portuguez tem *noticias*. E toda a missão do nosso jornal consiste em intrigar, bisbilhotar, dar *noticias novas* ou *sensacionaes* a todo o transe. Do jornal e do jornalista. E assim o jornalista portuguez é d'uma ignorancia e d'uma mediocridade extremas. E o jornal, que devia ser um mestre e um guia, um orientador ponderado e culto, um grande instrumento de educação, não passa d'um grande elemento de dissolução e de intriga.

Mas deixemos isso.

Como já dissémos no ultimo artigo, é necessario que o publico, o grande publico, o povo, veja a situação como ella é, olhando-a calmo e sereno. Em volta d'um caso tão grave como a guerra, enredou-se a torpissima politica. Esta reles politica portuguesa, que é uma coisa infamissima. E ninguém encara nem agita o facto sob o ponto de vista dos interesses nacionaes, mas apenas sob o ponto de vista dos interesses de corrilho. D'esta arte, o publico pode ser victima, o que é preciso evitar, d'armadilhas perigosissimas.

A questão foi aqui posta por nós, ha oito dias, com a lealdade, a sinceridade e a clareza do costume. Ha oito dias é um modo de falar, por que não temos cessado, desde que appareceu o

primeiro numero d'este periodico, de a apresentar aos olhos dos leitores pelo seu verdadeiro prisma.

Invariavelmente temos dicto que, sendo nós aliados da Inglaterra, *fatalmente* a guerra europea nos attingiria. Invariavelmente temos dicto que a pouca vergonha e a traição consistiram em fazer, desde o principio, desaforada campanha contra a guerra, quando nós não deviamos nem **podamos** deixar de seguir a Inglaterra e sendo *quasi certo* que a Inglaterra acabaria por nos coagir a acompanhá-la. Essa pouca vergonha e essa traição tinham e teem um fim politico abjectamente mesquinho, miseravelmente partidario, que foi posto em jogo não só pelos monarchicos como pelos proprios republicanos, os partidarios do cidadão Brito Camacho.

Que se dissesse que a guerra não era a melhor coisa d'este mundo, estava muito bem. Que se proclamasse a necessidade de não irmos para a guerra sem sermos a isso obrigados, era correcto e patriotico. Mas invocar este pretexto para uma propagauda furiosa, que visava tão somente a preparar o espirito publico para *a revolta* no momento em que o povo fosse chamado ás armas, era infame, era um crime de lesa patria, era um acto sem nome, inqualificavel, que nem na forca e na fogueira se pagava.

A *revolta*, o que se queria era a *revolta*. A *revolta*, o que se preparava era a *revolta*. Ainda agora, com os papelinhos espalhados em Lisboa, onde lê: *Abaixo a guerra*, com os dizeres: *Soldados, desertae*, gravados nos urinoes e nas paredes dos edificios e casas da nossa capital, não se tem em vista *senão a revolta*. Com os incendios repugnantes e atrozoes, como foi o do deposito de fardamentos e o da Escola Naval, só ha um objectivo: impedir que saia limpo, honrado, glorioso e livre, da contenda que vae abrangendo o mundo, o nosso Portugal.

Mas revolta como e porquê?

Vamos primeiro a este ponto: porquê? A republica tem feito muitas coisas más; mas, para termos o direito de lhe exigir a responsabilidade dos seus actos maus, é indispensavel não lhe attribuir perfidamente, ou responsabilidades alheias, ou culpas imaginarias. Esta é que é a justiça, e ai de quem se colloca fóra da justiça e da verdade. Não foi a republica quem fez a alliança com a Inglaterra. Quem a fez foram exactamente aquelles que, com torpes fins politicos, querem agora iuculcar, os bandidos, que essa alliança é um desastre. A republica encontrou-a feita, e não a encontrou feita de dias, *mas de seculos*. Se fosse uma alliança feita na vespera da repu-

blica ser proclamada, ainda se poderia discutir, de certo modo, a responsabilidade do regimen revolucionario. Mas ella não tinha uma existencia de dias, tinha uma existencia secular. A republica tinha *fatalmente* que a acceitar, pois nem podia ficar á mercê do acaso, quebrando-a, e então é que a sua responsabilidade seria immensa, nem uma alliança se substitue com a rapidez e a facilidade com que se faz um par de sapatos.

Isto na hypothese da alliança inglesa *ser má*, que *não é*. Evidentemente, a Inglaterra ha de tirar d'ahi proveito. Quem é o asno que pretende o contrario? Mas se é proveitosa á Inglaterra, tambem nos é proveitosa a nós. José de Alpoim, o Chora Chico da politica nacional, pèrfidamente exalta a Hespanha a toda a hora. Ora em conhecimento melhor a Hespanha, porque andei por lá dois annos, que o nosso Chora Chico, que só a conhece das suas viagens de recreio. Poderia *provar*, e hei de faze-lo no momento opportuno, que a Hespanha nem hoje, que estamos tão enfraquecidos e abatidos, nos leva, sob muitos pontos de vista, *a minima vantagem*. Limitando, porem, a questão ao campo da politica externa, pergunta-se: onde estão as colonias da Hespanha? Que vantagens tirou a Hespanha da sua falta de allianças? Que ganhou ella e que perdemos nós, ella a berrar contra a Gran Bretanha e nós aliados da Inglaterra?

A Hespanha todos os dias nos achincalha e insulta, nas suas gazetas, por sermos aliados da Inglaterra. Bastaria isso, para ficar bem provada a enorme força que essa alliança nos dá. Doe-lhe, á Hespanha? Pois se lhe doe é porque pusemos, nós, Portugal, *o dedo na etaga*. Independente d'isso, porem, quero dizer, mesmo á parte a arma de defesa que a alliança inglesa nos dá contra as tendencias absorventes da Hespanha, e caso para perguntar: onde está o dominio colonial da Hespanha?

Nós temos ainda um dominio colonial de *primeira ordem*. Levou-nos a Inglaterra parte d'elle? Não teria levado *nem metade*, se tivessemos tido juizo para o administrar. Não foi a Inglaterra que nos roubou, foi a nossa incuria, o nosso desleixo, a nossa incapacidade. Mas suppunhamos o *peor*. Admittamos que, realmente, a Gran Bretanha nos espoliou, e á má cara. Não nos espoliou tanto ainda assim, a nós, muito mais fracos que a Hespanha, que o nosso dominio colonial não seja ainda de *primeira ordem*.

É a Hespanha? O que tem ella? O que conserva, do seu enorme patrimonio?

A alliança inglesa garantiu-nos até agora a in-

dependencia, que, sem ella, seria muito problematica em face das ambições constantes da Hespanha, que não abandonou, não abandona, nem abandonará o seu *objectivo supremo* da união peninsular. A alliança inglesa garantiu-nos até agora a posse da Madeira e dos Açores, tão cubigados. A alliança inglesa garantiu-nos a posse d'um dominio colonial, que, depois de muito reduzido, ainda é de primeira ordem.

Acham pouco? Eu não acho!

Mas partimos do principio de que a alliança inglesa é desastrosa, como pretendem os bandidos *que a fizeram*, ou que a herdaram feita, e que sempre a defendram e applaudiram, lembrando-se só agora de que ella é e tem sido desastrosa. Que culpa tem a republica? Havemos de nos revoltar por isso contra ella? Se tivesse de haver revolta por tal motivo seria contra os monarchicos. Se o povo, na falsa hypothese de que a alliança é inglesa é má, tivesse de fuzilar alguém, não fuzilaria os republicanos, fuzilaria os monarchicos.

Estes infelizes, de tombo em tombo, como succede a todos os aventureiros, já chegaram a esta situação desgraçada: repellem e condemnam a *sua unica obra aproveitavel*. Elles só deixaram uma coisa boa, *uma só*. Foi a alliança inglesa. Pois ci-los, voz em grita a amaldiçoa-la. O que pode a falta de fé e de principios, o espirito d'especulação, o criminoso egoismo do sicario politico em Portugal!

Assente o *porquê*, vejamos o *como*. O *porquê* da revolta que os especuladores politicos, os sicarios, vem de ha muito atizando, seria uma iniquidade e uma iniquidade. É o *como*? Ou melhor, e *para quê*? O *como* seria difficil, pois a Inglaterra, já o dissemos no ultimo numero, não ficaria agora de braços cruzados. Davamos um espectáculo indecoroso, que nos envergonhava e talvez perdesse no conceito do mundo, e nada mais. Teriamos de voltar, *chicoteados, á primeira forma*.

Seria a difficuldade do *como* da republica, se porventura a republica houvesse pensado em trocar a alliança inglesa pela alliança da Alemanha, segundo pretendem os traidores germanophilos. Trocar como? A Alemanha não chega cá. Tanto não chega, que estamos em guerra com ella ha perto de dois mezes e ainda não se sentiu aqui o estouro das suas granadas. Mas quem chega cá, senhora dos mares, é a Inglaterra. Chega a Lisboa, chega ao Porto, a todo o nosso litoral, á Madeira, aos Açores e ás colonias. Havia de ser bonito, muito bonito, a republica a trocar a alliança inglesa pela germanica depois da guerra declarada!

Que ficasse neutral, proclamam ainda varios tratantés germanophilos. Eu ouvi-o a alguns. E chamo-lhes *tratantes* porque já não é a imbecilidade, mas a infamia, que dicta essas palavras. Neutraes, para cahirmos no dia seguinte no papo da Hespanha! Não ha imbecilidade que resista a esta evidencia flagrante. Neutraes como a Hespanha, berravam os miseraveis! Portugal neutro, isto é, abandonado, desprotegido, só, n'esta conjuntura, e junto da Hespanha, que estende as garras vendo-nos alliados da Inglaterra quanto mais se nos visse... isolados! Ah, os canalhas! Que são os mesmos que gritam: *Anies Affonso XIII que Affonso Costa!* Que são os mesmos que proclamam: *Venha o que vier, contanto que nos tirem isso que ali está!* Não quero morrer e não hei de morrer, sem os ver fuzilados! Digo, enforcados! Fuzilados, não. Enforcados!

Eis, pois, o caso. Revolta para quê? Supponhamos que amanhã o paiz ou o exercito se revoltavam. Para quê? Para não irmos para a guerra? Mas então é que nós ficavamos em verdadeira guerra. Pois não seria um descommunal disparate? As granadas allemãs ainda cá não chegaram. Mas as inglêsas estoiravam-nos dentro de casa no dia immediato. Revoltar para quê? Para proclamar a monarchia? E depois, se a proclamassemos? Os germauophilos monarchiccos e catholicos faziam no dia seguinte a alliança com a Germania? E a Germania é que nos vinha defender do bombardeamento dos alliados? Dos alliados, que, sem a Grecia ter com nenhum d'elles alliauça, lhe gritaram: *Ou vae ou racha?* Ou *quietinha e disposta a tudo* ou *bloqueada no dia immediato?* Foram os termos em que á Grecia, *que não tinha alliança com nenhum d'elles*, se dirigiram os alliados! Faziam-nos menos a nós, se, restaurada amanhã a monarchia, a monarchia quizesse quebrar, *que não queriu*, a sua seçular alliança com a Gran Bretanha?

Que não queria. O povo ficava comido mais uma vez. O que os bandidos querem é o *poleiro*. Importam-se lá com o povo para nada!

Mas admittamos. A nova monarchia fazia, a alliança com a Germania? Impossivel! Ficava neutral, á mercê da Hespanha? Impossivel! Então o quê? A mesma situação, exactamente a mesma que hoje temos com a republica, não é verdade? E para isso é que nos haviamos de *voltar*? Ora bolas!

Estar a discutir isto é uma vergonha. Mas uma vergonha necessaria, consequencia d'outra vergonha maior, a existencia de *milhares de traidores* que conspiram incessantemente contra esta

patria. Isto ainda não se viu *em paiz nenhum*. A França, a grande França, estava cheia de catholicos, de socialistas, de anarchistas e de monarchicos. Não se ouviu uma palavra, não se viu um gesto! Uma coisa admiravel. Quem escreveu estas linhas estava lá. Estava em Paris, ao declarar-se a guerra. Viu e ouviu. E no proximo artigo dirá o que é o espirito heroico d'essa França gloriosa, d'essa França formidavel. Até os *apaches*, os criminosos *apaches*, a escoria social, correram a bater-se como leões, sem um murmurio, e muitos d'elles apagaram as nozoas da grilheta com o sangue d'uma coragem indomavel. E muitos d'elles enfeixaram na frente os loiros dos heroes.

A França *não queria* a guerra. A França, sabe-o todo o mundo, era *pacifista* até á medula dos ossos. Foi com horror que recebem a declaração de guerra. Se aquelle povo gentil, elegante, sentimental, espiritual, não havia de ter horror á guerra! Mas desde que a guerra foi um facto, não hesitou, nem tremeu. E está espantando o mundo com a sua heroicidade.

A guerra é má. Mas no meio das suas sombras tem raios de luz fulgurantes. Tem tristezas. Mas, a par das tristezas, alegrias inolvidaveis. Tem baixos. Mas tem altos. O ceto a contrastar com o abysmo, a montanha a contrastar com o valle.

Quem desce ao abysmo e quem sobe ao céu? Quem recebe a mortalha da morte e quem colhe os loiros dos heroes? Quem vae rir, quem vae chorar? Ninguém sabe. Insondaveis decretos do destino! Mas o que se sabe é que *nem todos morrem*. E' que, a par das lagrimas, ha risos, o céu ao pé do abysmo, a vida junto da morte. Basta! Avante! Não se morre senão uma vez e morre-se em toda a parte. Morre quem tem de morrer e quem morre... fez cem annos.

Avante! E que não se diga, perante a Europa que nos contempla, que já não ha... portugêses em Portugal.

Ha de have-los, e tão capazes de honrar o nome d'esta terra como o honraram os seus maiores.

Avante! E viva Portugal!

Do numero 9, publicado em 14 de maio de 1916, e ainda da serie *Portugal na Guerra*:

Uma pessoa, que nos escreve, diz-nos:

*Que importa que eu, que admiro a França como a mais bella e a mais epica nação do muu-

do, que considero a alliança inglêsa como absolutamente indispensavel, me interesse por um desgraçado allemão, cardiaco em ultimo grau, que aqui conheci, e a quem a barbaridade nacional internou apesar de por doença estar ha quinze annos ausente do serviço militar? Enão o facto d'estarmos em guerra com a Allemanha, —que de resto tem recebido de nós mais offensas que nós d'ella—ha de fazer com que eu enjeite sentimentos da humanidade, ou que aquelle que julga que a Allemanha ha de vencer passe a fazer raciocinos contrarios?»

«Vamos de vagar. Nada de confusões. Basta ler as minhas *Cartas de Longe*, ou as que já estão publicadas e colleccionadas em volume, ou as que n'este mesmo jornal vou escrevendo, para que se veja que não só não tenho nenhum odio á Allemanha, senão que tambem a admiro. Mas esse não é o caso de que se trata! Eu nunca injuriei a Allemanha. Mas esse não é o caso de que se trata! Pode-se admirar a Allemanha e não se ser *germanophilo*. E pode-se ser *germanophilo* sem ter a menor admiração pela Allemanha. Pois então o auctor da epistola julga que os *germanophilos* portugêses tem alguma admiração pela Allemanha? Veja o que eu hoje digo no artigo de fundo e nas *Cartas de Longe*. Elles não teem admiração nenhuma pela Allemanha. Elles não sabem nada da Allemanha. O seu *germanophilismo* traduz-se n'isto só: odio á republica.

Eis o perigo! E eis o crime!

Pois porque não ha de um homem ter sentimentos humanitarios com os allemães, ainda que esteja em guerra com os allemães? No caso do cardiaco não ha que censurar o governo, nem que bordar themas sobre a barbaridade nacional. Se fosse admittir excepções, estava bem arranjado o governo. Mas, independente d'isso, tanto o sentimento humanitario com o inimigo não é *um crime*, que o direito internacional o prescreve rigorosamente.

Do mesmo modo, que importa lá estar-se ou não se estar convencido de que a Allemanha perde ou vence? Ora essa! Então o epistologo julga que nasci hontem?

O sentimento humanitario não leva a *andar áe braço dado* com os allemães. O estar convencido de que a Allemanha triumphha não força a usar d'essa convicção como arma feroz de propaganda.

Ha monarchicos que não são germanophilos, diz o auctor da epistola. Evidentemente. Quem o nega? Mas não tire d'ahi a conclusão, ou de que não ha germanophilos, ou de que nenhum germanophilo deseja o triumpho da Allemanha.

Ora valha-o Deus!

Pois não vê que os proprios marechaes monarchicos e as proprias gazetas monarchicas o desinentem? Não os vê a sophismar a todos os instantes, a chicanar grosseiramente? Que logo que o inimigo pise uma pollegada de territorio nacional, correrão a defende-lo. Mas nós podemos ficar vencidos, anniquilados, arrazados, esmagados, e o nosso exercito a bater-se com o inimigo, sem que uma pollegada do territorio nacional seja invadida.

Tartufos, meu amigo!

Que a guerra entre Portugal e a Allemanha não é uma *guerra nacional*. Tartufos, meu amigos! Guerra nacional é toda aquella em que a nação está envolvida. Estava o mundo bem arranjado, se fosse permittido a cada um entrar em guerra *só quando a guerra lhe agra-lasse*. Se o pegar ou não pegar em armas, o julgar da utilidade ou inutilidade da guerra, da sua razão ou sem razão, fosse um caso de simples alvedrio.

Porque não seguiram os *patriotas* o conselho do Senhor D. Manuel, porque não obedeceram á sua ordem, d'elle, *monarchicamente* chefe do exercito, e foram tão promptos em obedecer ás ordens d'el

gran Paiva Couceiro? Isso é que é heroísmo? Isso é que é civismo? Isso é que é não desejar o *triumpho da Alemanha?* Ora pense a nosso respeito o que quiser, mas não volte para cá com essas tretas.

Depois do *burro morto*... hein? Perdidas as colonias, perdida a Madeira e os Açores, Portugal enfeudado á Hespanha, *mas derribada a republica*, que é a magna questão, veríamos como os *patriotas*, offerecendo os seus serviços, appareciam. As *gloriosas espadas!* Então sim. E ainda eram capazes de os receber com loiros e arcos de triumpho. Tartufos!

Isto é uma vergonha, como já dissemos no artigo anterior. Estar a discutir isto, é uma vergonha immensa.

Eu estava em Paris quando se declarou a guerra. Percorri metade da França, depois d'isso. Ninguém discutiu coisa nenhuma. Ninguém tremeu. Ah, como nos falta o espirito, a educação heroica d'essa grande França!

Em minha casa, em Paris, entraram quatro thalassões, no mez d'agosto de 1914, radiantes de alegria. Dois d'elles eram de Coimbra.

— Isto está perdido! gritaram. Porque o português grita sempre.

Attonito, sem poder dominar o meu assombro, olhei para elles.

— Perdido?!

— Sim. Não vê esta tristeza de Paris? Tudo murcho! Tudo succumbido! Ainda agora alli vimos passar um regimento como se fosse para um cemiterio, tão grande era o silencio. Não ha enthusiasmo nenhum.

— E' a melhor manifestação do espirito heroico, meus amigos! Mas os senhores não comprehendem isto.

Riram-se!

Em Bayonne, dizia-me uma senhora portuguesa:

— Não posso ver estas mulheres. Co-

mo ellas estão calmas! Não teem pena dos filhos e dos maridos.

— E' a educação heroica, é o espirito heroico, minha senhora, que V.^a Ex.^a não comprehende!

Era a educação heroica, effectivamente.

Em França, os rapazes festejam com ruido o apuramento militar. Quando são apurados para soldados, percorrem as ruas, cantando, com papelinhos, fitas e raminhos nos chapéos, como aqui, exactamente, nas nossas romarias. Essa alegria, depois da guerra, redobrou. Era um assombro! Homens cantando, homens festejando o seu apuramento, segundo o uso tradicional, nas vespervas, talvez, d'irem morrer!

Quem percorreu as cidades de França, não diria que a devorava um grande incendio. Calma absoluta!

Eu estive em Bayonne, que é uma pequena cidade, estando lá 16:000 homens de guerra n'esse momento. Não havia um atropello, uma desordem, um ajuntamento militar perturbador.

Não havia uma rixa. Nenhum arrega-nho em officiaes, soldados e sargentos. Ao contrario, delicadeza extrema com os civis. Nunca passavam em sentido contrario que não dessem, abandonando o passeio e descendo para o leito da rua, se era necessario, o lado da parede aos velhos, ás mulheres e ás creanças. A' noite, e aos domingos, reuniam-se aos milhares nos cafés e praças publicas.

Nunca se ouvia uma algazarra! A mais insignificante gritaria! E alegres, risinhos, satisfeitos, como nos periodos normaes da vida! Esse spectaculo era sublime. E eu dizia sempre, disse-o e escrevi-o, desde a primeira hora: *Estes homens vão surprehender e admirar o mundo!* Assim foi, como se está vendo.

Que vergonha, estarmos nós aqui a discutir se deve ser assim ou assado, se a guerra é da republica ou da monar-

chia, e se ganha a republica ou ganha a monarchia! Eu posso falar assim. Tenho auctoridade para isso. Estou velho, não sou preciso militarmente, não quero regressar ao exercito, longe de mim tal idéa, e não tenho vontade nenhuma d'ir para a guerra. Não me sinto com feitiço para heroe. E ainda bem, porque faço *muito mau juizo* dos nossos heroes modernos. Não o fui, não o sou e não o pretendo ser. Mas o meu offerecimento está de pé e ninguem sabe aonde chegam as contingencias da guerra. Se fôr preciso, se me chamarem, se me disserem *vá, vou*. Sem trepidar. Não olho para traz e não fujo. Estejam certos. Por isso tenho, repito, autoridade para clamar: que vergonha esta, andarmos aqui a discutir o dever patriótico n'esta hora angustiosa e gravissima!

E os parlapatões a falarem sobre o Santo Condestabre e outras glorias portuguezas! O Santo Condestabre está gelado de horror no fundo da sepultura. E' certo que já no tempo d'elle havia traidores. Mas ao menos eram guerreiros, esses traidores. Batiam-se contra a patria, mas *batiam-se*. O Santo Condestabre desconheceu os *caganifancias*, até republicanos, que andam a gritar pelos cantos que a sua *patria é a familia*, que não tem amor senão á mulher, ao porco e á gallinha. Isto é que é nosso. Muito do nosso tempo, muito dos nossos dias. O Santo Condestabre desconheceu as *gloriosas espadas*, que distinguem entre guerra da monarchia e guerra da republica. O Santo Condestabre nunca suppoz que dos heroicos soldados de Aljubarrota resultassem estes chicaneiros indecentes, minados de hypocrisia e covardia.

E o Gama? E Affonso de Albuquerque? E essa pleiade de navegadores e conquistadores que são hoje, mais do que uma gloria portugueza, uma gloria do mundo?

Ah, se elles, que despenderam o seu sangue a jorros, para erguer a sua patria á sua maior altura, ouvissem estes *meninos*, até certos patriotas republicanos, clamar que a sua patria é o porco e a gallinha!... Morriam de nojo, segunda vez.

Felizmente, são excepções, e grandes excepções, os que dizem isso. O portuguez tem grandes defeitos, mas tem uma grande virtude: não é *medicas*. O portuguez é *soldado*, sempre o foi, e é valente. *Cumprirá o seu dever*.

O portuguez não volta as costas, nunca as voltou, ao inimigo. Não será, ao fim de oito seculos de historia gloriosa, que se desmentirá... a si mesmo.

Avante! Portugal sahirá maior e mais honrado d'esta crise.

Cumprirá honradamente o seu dever.

Avante!

Do número 10, continuação da serie *Portugal na Guerra*:

O que se passa entre-nós ainda não se passou, nem se passará, nem se poderia passar em nação nenhuma do mundo. Em nação nenhuma do mundo se admittiria que um quindam se dissesse amigo do paiz com o qual o seu paiz estivesse em guerra. Fuzilavam-no, ou, quando não o fuzilassem as justicas, lapidava-o a indignação patriótica immediatamente.

Em nação nenhuma do mundo se consentiria que fosse comparado ás mais puras glorias nacionaes, ás figuras symbolicas do patriotismo nacional, um quindam, que declara que não se sente obrigado a pegar em armas contra o paiz, que declarou guerra ao seu, por não considerar essa guerra *nacional*, e que dá esse conselho ás pessoas sobre quem tem influencia. Quando o quindam não pudesse ser apanhado e fuzilado, fuzilava-se quem tivesse a audacia de o proclamar *symbolo da patria*, ou, quando as justicas não o fuzilassem, lapidava-o a indignação patriótica immediatamente.

Em nação nenhuma do mundo se consentiria que *os heroes* declarassem que estavam promptos a verter o seu sangue pela patria quando uma pollegada do territorio nacional fosse invadida, sendo certo que o nosso caso agora é o de podermos perder as colonias, a Madeira, os

Açores, o proprio continente, sem que uma pollegada de terra patria seja occupada por um supposto invasor. Esses *heroes burlescos*, esses tratantes, não seriam fuzilados, porque a sua baixesa moral, o seu sophisma indecente, a sua vil chicana não está á altura de tão tragico castigo. Seriam amarrados nús a um potro, e allí açoitados e cuspidos com desprezo.

Em paiz nenhum do mundo se consentiria, enfim, a hypocrisia affrontosa, a mentira ultrajante, o descaramento impudico de jornalqueiros *traidores*, verdadeiros agentes allemães, ou pagos, ou de livre vontade e *por amor*, mais torpes ainda, estes, e mais infames do que os outros.

Isto não pode continuar, e contra estes crimes e abusos, que enfraquecem e desmoralizam o sentimento publico, que pervertem a alma nacional, que constituem o *maior de todos os perigos*, se impõem *sem demora* medidas rigorosas e extremas.

Salus populi suprema lex esto.

Seria muito bom que o patriotismo, na sua falta o *sensu communi*, tornassem desnecessarias essas medidas. Seria muito bom que todos passassem a gravidade das circumstancias, e fossem *graves*, quando não pudessem ser *dignos*. E supprissem a falta de caracter pela intelligencia. Mas se nem ao menos n'esta hora solenne, em que estão em jogo os destinos de Portugal, ha gravidade, seriedade, respeito de nós mesmos, o mais vulgar *sensu communi*, que *venha a força* coagir a indignidade, a leviandade e a insensatez.

Salus populi suprema lex esto.

Já aqui dissemos, disséino-lo logo no primeiro numero d'esta gazeta, que os republicanos não souberam nem governar, nem tyrannisar. Por simples motivos politicos commetteram os maiores arbitrios, e arbitrios desnecessarios. Absolutamente desnecessarios. Foram elles os culpados, só elles, da reacção que se formou. Encheram de insultos e correram a pontapé quem lhes estendia os braços e os cumprimentava. Mas quando assim não fosse, quando a reacção não houvesse sido por elles provocada, não lhes era licito oppor-lhes os arbitrios, as violencias, a tyrannia demagogica *que não resolveu nada*, que os enfraqueceu em vez de lhes dar força, exauctorando-os na Europa.

Ahi foram *tyrannos*. D'uma tyrannia desnecessaria e insensata. Mas quando a tyrannia se tornou precisa, quando a salvação nacional e o bom senso a impunham, deixaram que lavrasse a traição por toda a parte. Foram tyrannos, e

ferozes tyrannos, por espirito de seita. E não o foram por espirito de patria.

Veja-se a Inglaterra. Se ha paiz mais livre no mundo! Que mais respeite as liberdades publicas, as garantias e os direitos individuaes! E a severidade extrema, e a energia de ferro com que ella reprime e castiga a revolta da Irlanda! E como a opinião publica inglêsa se indignou contra a imprevidencia do governador da Irlanda, que não soube impedir que os manejos dos revoltosos se alastrassem! Mais não ha comparação entre a Irlanda e Portugal. A questão da Irlanda não é uma questão partidaria mas uma questão nacional. A nossa é ignobilmente partidaria. A consciencia universal não lança sobre os irlandezes o labéo de traidores. Não são traidores, são *patriotas*. O irlandez nunca quiz ser inglê. Quiz ser, unicamente, e sempre, irlandês. Não se revoltava contra a mãe patria. Revoltava-se contra os conquistadores e *tyrannos* da mãe patria. Não obstante, o seu acto, agora, foi menos sympathico, e a Inglaterra, a livre Inglaterra, repriniu-o e castigou-o como um acto de traição. Que dizer dos miseraveis, que, por simples espirito de bando, não duvidam entre nós conspirar contra a existencia do proprio Portugal? Se os irlandeses são traidores, o que são os portuguezes que clamam *antes Affonso XIII do que Affonso Costa?* Que respondem, a quem lhe objecta que perdemos *tudo* se a Allemanha triumphar: *Venha o que vier, contanto que nos tirem isso que ahi está?* Se os irlandeses merecem a morte, o que merecem estes portuguezes assim tão depravados? Em qualquer paiz do mundo já teriam subido os degraus do patibulo, para se não deshonrarem as balas que os matassem.

Fulminei e fulmino os arbitrios sem nome dos republicanos. Os monarchicos não se deshonravam, conspirando. Era burlesco trata-los como traidores, como era infame levar a defesa legitima da republica até o ponto de esquecer os principaes fundamentos da liberdade e do direito. Mas, por isso mesmo, agora fulmino a traição dos monarchicos. Agora, sim, que são *traidores*. Agora, sim, que o nome é proprio. Se os republicanos não podiam nem deviam sacrificar ao seu espirito de bando, ao seu sectarismo feroz, os principios fundamentaes do direito e da liberdade que prégarão, para assentar sobre as suas ruinas a intolerancia e a tyrannia, *muito menos* podem e devem agora os monarchicos sacrificar a esse vil espirito de quadrilha a propria integridade nacional, a propria independencia da patria. A nós é que ninguem, com razão e justiça,

pode accusar de incoherencia, na altitude que tomámos em face de republicanos e monarchicos.

Sempre collocámos a patria acima de tudo. *Sempre* atacámos os republicanos—está ahí a collecção do *Povo de Aveiro* a prova-lo—pela sua falta de respeito á bandeira a pretexto de que a bandeira era monarchica. Como havíamos nós agora de proceder de fórma differente com os monarchicos? A bandeira não é da monarchia nem da republica, é da patria. Azul e branca ou verde e encarnada. Pela nossa opinião teria ficado sempre azul e branca, e acio que foi um preconceito estúpido, um sectarismo mesquinho, n'esse ponto, altera-la. Mas desde que não foi possível fazer vingar esse principio de bom senso, preconceito estúpido, sectarismo mesquinho seria repelli-la por se ter tornado verde e encarnada. Conservem as suas predilecções os monarchicos. Façam-na de novo azul e branca, se um dia triumpharem. Mas, no intervallo, a bandeira verde e encarnada é a bandeira da patria. Por espirito d'ordem, mesmo, de disciplina, de educação nacional. Para que o monarchicos, respeitando-se a si mesmos, possam ser pelos outros respeitados. E contra isto não ha sophismas que valham.

O que se diz da bandeira diz-se do hymno nacional. Contam-me que ainda na terça-feira d'esta semana houve uma pequena reluctancia, logo vencida, da parte de certo publico, no Theatro Aveirense, a erguer-se, quando a orchestra tocava o hymno nacional. Póde lá ser! Ou fosse o hymno da carta ou seja a Portugêsa, o hymno nacional é o *hymno nacional*. Abusou-se d'elle? Abusou. Enjoou esse abuso? Enjoou. Em Portugal abusa-se de tudo e o abuso tudo mata. E' uma consequencia da nossa falta de bom senso e educação. Ou digamos só *da nossa falta de educação*. A insensatez é um dos corollarios da falta d'educação. Toda a gente sem educação é insensata. Enjoou, sim senhores. Mas, em primeiro lugar, um theatro não é uma baraca de feira. Em segundo lugar, da orchestra faziam parte militares. Em terceiro lugar, terceiro pela ordem numerica mas primeiro pela ordem moral, nós não estamos em periodos normaes; estamos n'um periodo anormalissimo, **em estado de guerra**. E, n'este *estado de guerra*, é bom, é util, é proveitoso, é louvavel, tudo quanto fizer vibrar o sentimento patriotico.

Eu serei doido, meus senhores, e os senhores serão todos homens de muito juizo. Mas os factos teem vindo sempre em reforço da minha doidice e contra o vosso juizo tão apregoado.

Sabem quantos em tempo me conheceram, que eu cheguei quasi a passar, no exercito e fóra d'elle, por *militarão*. Ora eu nada tinha de militarão. Apenas não transigia, tanto quanto se desejava, com a onda do relaxamento, da preguiça, da indisciplina, que ameaçava tragar-nos. Eu via o abysmo que nos esperava, e atrevia-me a *renar contra a maré*, para o evitar. Eu limitava-me a cumprir *com decencia* os regulamentos militares. *Com decencia!* E cumprilos *com decencia* não era applica-los *á risca*, coisa já impossível ha muitos e muitos annos n'esta patria. Era não me deixar pisar, era ter vergonha de voltar as costas á indisciplina e á desordem, de as deixar passar insolentes e ovanles, cuspiendo-me no rosto, sem lucta e protesto da minha parte. Eu protestava e luctava, por dever de consciencia e intelligencia, nada mais. Convencido, por um lado de que sem ordem e disciplina não ha sociedades organizadas; por outro lado, de que a ordem e a disciplina nunca foram incompativeis com a larga e rasgada democracia que eu advogava.

Com os tempos, não mudei. O meu fundo permaneceu o mesmo. E' bem certo que o que o berço dá a tumba o leva. Penso como pensava. Tudo quanto eu dizia se confirmou, e outra haveria sido a sorte d'esta terra se as minhas idéas e doutrinas pudessem ter vingado. Mas sendo eu o que fui e pensando como pensava, mas tendo o paiz descido quasi até o fundo do abysmo sem a minha cumplicidade, não só não admira senão que é natural e logico que eu continue a não querer tornar-me cumplice da sua queda mortal. Lucto ainda. E hoje com mais razão, pois o momento decisivo está proximo. Amanhã, ou ainda temos aberto deante de nós o caminho da regeneração, se pudermos ou quizermos regenerár-nos, ou desceremos á sepultura da ignominia em lama e vergonha amortalhados.

O governo fez mal em deixar, logo após o mês de agosto de 1914, os germanophilos á vontade. N'esse momento é que devia ter começado a *tyrannia patriotica*. Lavrou fundo a propaganda contra a guerra, que encontrava o egoismo como elemento favoravel. Na guerra vae morrer muito menos gente do que morre em dez annos d'emigração, levadas e levadas sahidas d'este paiz ao encontro da miseria e da morte. Milhares e milhares de pessoas que não voltam, ou que voltam estropiadas. O alcoolismo, a tísica, a fome, milhares e milhares de pessoas matam por seu lado. Nunca os bandidos, que choram agora sobre a sorte dos que vão morrer pela sua patria,

quizeram saber dos que morrem de doença, de miséria e de fome. Nunca os problemas, que podiam evitar em grande parte estes desastres, receberam a sua *patriótica* atenção. O povo foi lançado n'este paiz ao mais completo abandono. Em nenhuma outra nação do mundo elle vive tão abandonado. Agora mesmo clamam, pela bocca dos Pimentas, que não vale a pena instrui-lo. Agora mesmo advogam a doutrina das *élites*, que é, na essencia, o *desprezo da canalha*. Mas ei-los a combater a guerra, com pena dos *pobresinhos* que lá hão de ficar!

Não é com pena dos *pobresinhos*, não. Que não se deixe o povo cahir n'essa arrioseca. Quaes *pobresinhos*! Ao contrario, só na guerra ha egualdade nos sacrificios entre o rico e o pobre. O pobre vae para a guerra. Mas tambem vae o rico! De toda e qualquer outra morte, de todo e qualquer outro sacrificio elle, rico, se poderá livrar por dinheiro, ou adia-los. Na guerra, não. Combate ao lado do pobre, e ao lado do pobre, consoante a sorte, que tanto pode proteger rico como pobre, vive ou morre. Não é com pena dos *pobresinhos*. E' por torpe espirito, torpissimo, infamissimo espirito partidario. Amanhã, proclamada a monarchia, como já temos dicto, da mesma fórma, ou mais depressa ainda, iriamos para a guerra.

Ha já um numero crescido de voluntarios portuguezes no campo da batalha. E desde o principio da guerra, alguns tendo assistido aos mais terribes combates. Quantos teem morrido? Pouquissimos. Donde mais uma vez se conclue que o diabo nunca é tão feio como o pintam e que é bem certo que *entre mortos e feridos alguém ha de escapar*.

Quem se arrisca a morrer de fome, quem se arrisca a morrer em plagas distantes n'uma lucta medonha pela vida, com muito menos custo se arrisca a morrer, nobremente, com honra, nos campos da batalha. Onde se morre menos, estejam certos, e onde quem escapa, que é a grande maioria, pode ganhar *fortuna e gloria*.

Sim, *fortuna e gloria*. Não vejam tudo negro. *Este é o reverso da medalha*.

Do numero 11, e da mesma serie:

«O ministro da guerra mandou esta circular á imprensa de Lisboa, na ultima quarta-feira:

São absolutamente Inexactos os boatos tendenciosos que circularam hontem a proposito da partida das forças da Covilhã para Tancos.

A despeito de criminosas tentativas de indisciplina, movidas por inimigos da Patria, as forças seguiram d'aquella cidade para Tancos, como thes havia sido determinado. Segundo as noticias officiaes, prosegue naturalmente a concentração em Tancos de forças provenientes de outros pontos do paiz, estando por toda a parte a ordem assegurada.

Por outro lado lemos n'um jornal que em Lamego se espalham pasquins *aos milhares*, em Lamego e nos arredores, procurando desmoralizar as populações.

Tudo isto nós esperavamos. Esperavamos e esperámos, isto é *muito mais*.

Tudo isto nós vimos *a tempo, a muito tempo*, e contra isso temos vindo a prevenir e exhortar.

Não nos enganavamos, não. Raramente nos enganamos sobre os sicarios que se dizem politicos n'esta pobre patria. Esses miseraveis não teem patria. Esses miseraveis não teem sentimento nenhum no fundo da sua alma de lama. Peores, mas muito peores, que os salteadores d'estrada, que n'estes ha por vezes sentimentos elevados. Os *apaches* de Paris, os celebres *apaches* de Paris, assassinos e ladrões da peor especie, teem-se batido como tigres em defeza da sua patria.

Na Italia e na Russia, muitos criminosos de direito commum, que andavam fugidos por terras estrangeiras, se apresentaram, ao ser declarada a guerra, pedindo que fizessem d'elles o que entendessem como castigo dos seus crimes, mas que os deixassem primeiro cumprir o dever santo de empunharem uma espingarda para ajudar os seus concidadãos a vencerem o adversario. Só em Portugal, homens que se dizem professores, homens que se dizem magistrados, homens que se dizem padres, homens que se dizem proprietarios, homens que se dizem nobres, fidalgos de raça, homens que se dizem jornalistas, escriptores, tribunos, homens que foram conselheiros e ministros d'Es-

tado, directores geraes, chefes de repartição, etc., conspiram a favor do inimigo, intrigam, tramam, na esperança de se vingarem dos republicanos, ainda que á custa da honra, dos interesses e salvação da sua patria.

Isto é hediondo, isto é horrivel, mas é uma grande verdade.

Que faz o governo? Não sei. O governo não pode nem deve ter illusões, e bastaria o que nós lhe temos dicto para que não as tivesse. Nós temos falado bem claramente e bem eloquentemente. Mas nem era preciso que nós falassemos para que luz se fizesse sobre as intenções, **por demais manifestas**, dos inimigos da Patria. Bastaria ler a imprensa germanophila.

A attitude d'essa imprensa tem sido ignobil. Verdadeiramente ignobil. Tem chegado a ser *uma troça*. Pura troça, e n'esse sentido escrevemos, tambem, de forma a não restar a menor duvida sobre os factos narrados.

Este spectaculo nunca se viu, não cessaremos de o dizer porque tambem já o dissemos, em nenhum dos paizes em guerra. Aqui fala-se, escreve-se, berra-se, como em tempos normaes, e ha indignação se não se consente que se fale e se berre como durante a normalidade.

Só a gritaria que ali tem ido por causa da censura prévia, como se não houvesse censura prévia nos outros paizes e não seja lá muito mais rigorosa do que cá! A censura prévia *não tem que fazer*, desde que haja em quem escreve o senso e o patriotismo necessarios. E, depois, se não houvesse nada que a justificasse! Mas se nós estamos a ver que o descaramento chega a ponto dos órgãos germanophilos *negarem* que ha germanophilos em Portugal!... Agora mesmo, no instante em que escrevo estas linhas, me chega uma gazeta infame, que, não contente de já ter negado *impune-*

mente a existencia de germanophilos em Portugal, volta a repeti-lo com uma audacia assombrosa! A mesma gazeta infame, que, ainda n'outro dia, affirmava que o *A B, C* não só não era germanophilo, mas que até *inseria todos os dias artigos nada lisonjeiros para a Alemanha!*

E não quer o governo que, em cima d'esta audacia e d'esta troça, e da impunidade que ellas representam, se tramem conspirações e ardam os edificios do Estado!

Haja moderação. Mas haja seriedade. Nós não pedimos violencias, nem excessos. Até os achamos condemnaveis. Mas que haja seriedade. A ninguem é permitido fazer justiça por suas mãos. Não incitamos os fanaticos. Ao contrario. Mas para que, precisamente, se evitem as exaltações dos fanaticos, é indispensavel que o governo, com mão firme, evite a troça, consequencia da impunidade. Que um jornal aprecie e discuta, está bem. Mas que escarneça a justiça, achamos mal.

Isto quanto á imprensa. Quanto aos manejos secretos, é o caso muito mais grave. E que elles existem, muitos indicios e factos o demonstrem. E que os seus auctores *são capazes de tudo*, provam-no bem alto os incendios dos edificios do Estado.

Alerta, pois! Cuidado. E sejam impiedosos com os traidores á patria.

Ao povo, já temos dicto a verdade. Não repellir os manejos dos infames agitadores é uma tolice, alem d'um crime de lesa-patria. Se nada nos salva d'irmos para a guerra! Pois quem é que nos havia de salvar? Quem, e como? A Allemanha declarou-nos guerra. Supponhamos que ainda era possivel, com uma mudanca de governo, fazer, sem nada perdermos, as pazes com ella. Mas tinhamos logo guerra com a Gran Bretanha! A paz com a Allemanha era a guerra de-

clarada á Gran Bretanha! Pois isto não é claro? Para que agravar, pois, com uma guerra civil, uma situação tão grave e delicada? Asnatico e infame. Haja um pouco de juizo, homens de Portugal!

As mães, as filhas, as irmãs, as esposas, as noivas, choram. E' natural e legitimo. Mas que se lembrem as mulheres portuguezas de quanto mais do que ellas soffreram as mães, as filhas, as irmãs, as esposas e as noivas dos que, nos tempos heroicos, iam para o desconhecido, para o mysterio, por mares nunca dantes navegados. Como essa despedida não seria bein mais dolorosa! E, comtudo, foi com esses sacrificios que se fez esta patria. E com elles a havemos de manter e de continuar.

Que se lembrem, como já lhes disse, no ultimo artigo, do reverso da medalha. Se a guerra é a morte para uns, é, para outros, a fortuna e a gloria. Homens que vão simples sargentos, simples soldados, e que voltam officiaes. Homens que vão desconhecidos e que veem consagrados. Que vão sem emprego e que veem com o seu futuro assegurado. E' uma loteria. Quem ganha? Quem perde? Só o destino o sabe.

Comtudo, não ha logar para desesperanças. Ao contrario! Alma forte e cabeça erguida! *Até á vista!* E como não ha de ser bello, salva a patria, salvos elles, salvos e felizes, o regresso dos heroes!

Coragem, mulheres! E viva Portugal!

Muito mais gente, já o disse, morre nos Brasis, sem honra e sem gloria.

Coragem! E viva Portugal!

Do numero 12, da mesma serie:

«Diz a *Opinião*, de sexta-feira, 26 de maio:

Os «papelinhos» continuam a revoltear por toda a parte. O *A B C*, de Madrid, vende-se como canela.

Jornaes desafectos ao regimen tem uma liberdade de critica como nunca se viu. Os boateiros insinuam as mais torpes mentiras.

Acautelae-vos, Viglae. A vigilancia não é espionagem quando se trata de defender a Patria contra o inimigo de fóra e os traidores de dentro.

Diz a mesma *Opinião*, de terça feira, 30 de maio:

E' certo. Faz-se uma propaganda desenfreada contra a nossa participação efectiva na guerra. Boas linguas andam por ahi aconselhando, cochichando infamias, pregando ignominia. Já aqui o dissemos: o governo tem de manter uma constante e aturada vigilancia, e castigar os que atraçoam a Patria por estes vergonhosos processos.

Basta de branduras.

Mas o que querem elles? E' claro que o governo tem que os fazer recolher á *toca*, com um acto d'energia extrema. Mas extrema. Ou não faz nada. Porém, independente d'isso, eu pergunto: o que querem elles?

O paiz deve comprehender que a vida dos povos, como a vida dos homens, não se leva sem sacrificios e trabalhos. Que ha povos, como individuos, mais felizes do que outros. E que ha periodos felizes e periodos infelizes, bons e maus bocados na vida dos povos e na vida dos homens.

Raro é o homem que atravessa a existencia sem altos e baixos. É raro é o povo que atravessou tres quartos de seculo sem um *mau bocado*.

Portugal tem sido dos paizes mais felizes do mundo, nos ultimos cem annos. Ora essa *felicidade* não podia ser eterna. Não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. Chegou-lhe, enfim, a sua vez. Foi accumulando peccados sobre peccados sem se penitenciar. Agora paga-os.

Isto é corrente. E banal.

O que querem esses que *aconselham*,

que *cochicham*, que *mentem e intrigam*? Como nos livram elles das difficuldades actuaes? Eis o que é preciso saber-se. Eis o que o povo lhes deve perguntar.

Que não saia ninguem d'esse ponto. Sahir d'ahi é perder tempo. E' delirar. Nada de discussões sobre Allemanha, França, Inglaterra, Russia ou Italia. Não queremos saber se a Allemanha é melhor ou peor do que a França ou a Inglaterra. Não queremos saber se foi a França se foi a Allemanha, se foi a Gran Bretanha, ou quem foi, que provocou a guerra. Não queremos mesmo saber se a republica tem culpa ou não tem culpa no facto d'irmos para a guerra. Queremos só saber isto: quem nos livra, e como d'esta difficuldade?

A guerra está declarada. Como evitar a guerra? E' o que nós queremos que nos digam os bandidos, que andam a fazer propaganda contra a guerra.

A isso não respondem elles. Perguntem-lhes isso, e nós juramos que não dão resposta, salvo se o homemzinho for burro, que satisfaça um cavador d'enxada?

Mas vamos a outra pergunta. Quem tem a culpa do estado a que chegámos? E quem tem, mesmo, **maior culpa**?

E' boa! Os republicanos tem muita culpa, e não sou eu que os absolvo. Muita culpa! Mas a grande culpa dos republicanos, sempre eu disse a mesma coisa, foi não remediar. Foi mesmo, concordo, agravar. Concordo, não, que eu affirmei-o directamente muitas vezes e não enjeito nenhuma das minhas responsabilidades. Mas se eu tomei culpas aos republicanos, e por ellas os combati vivamente, nunca deixei, mas nunca, de as tomar tambem aos monarchicos. E como fazer o contrario, se o contrario seria estupidez, e se a estupidez ainda desprestigia mais que a propria iniquidade?

Os monarchicos crearam tudo, até os

propios republicanos. Pois quem deu asas e aso aos republicanos? Quem destruiu a propria monarchia, senão os monarchicos? E justamente os chefes monarchicos, *os mesmíssimos chefes monarchicos*, que a querem agora restaurar.

Os republicanos ainda não governam ha seis annos. Os absolutistas, que os migueis representam, governaram sculos, e os constitucionaes governaram oitenta annos. E' em seis annos que se leva uma nação a este estado? Se a nação estivesse boa, era em menos de seis annos que os republicanos a escavacavam, ainda que andassem de alavanca e canartello empunho a demoli-la a toda a hora?

Então, já vêem que é caso para arrancar lingua a esses que andam a intrigar.

Se não estivessemos em periodo de guerra, periodo que começou em agosto de 1914 porque desde logo ficámos comprometidos e com a vida atrapalhada, não diríamos nada. Os monarchicos queriam deitar abaixo os republicanos? Que deitassem. Diziam que mal por mal antes Pombal? Adeante. Até certo ponto, e em grande parte, não deixariam de ter razão. Mas agora? Agora, que uma mudança de instituições seria um gravissimo embaraço? Agora, que nem essa mudança seria provavel, mesmo nada provavel, ficando tudo limitado a uma guerra civil ou uma desordem que seria a nossa desgraça?

Apre, canalha! Agora é andar para deante. Agora é aguentar. Agora é ter paciencia até nos safarmos da rascada.

Depois, a guerra, com republica ou monarchia, era fatal. Cem vezes o temos dicto, mas cem vezes é preciso repeti-lo para oppôr essa grande verdade aos manejos da canalha. A republica não tem culpa nenhuma da guerra, como a não teria a monarchia se fosse ella que governasse. Um homem vac pelo meio da rua, cahe-lhe na cabeça uma telha d'um telhado. Que culpa teve elle? Nenhuma. Foi

o destino. Foi a sorte. Foi o acaso. Ora a guerra europeia foi a telha que nos cahiu, a nós, na cabeça, quando seguíamos tranquillamente o nosso caminho, do alto do telhado. Não mettemos para ahi prego nem estopa. Mas ella veio, eramos aliado da Inglaterra, a Inglaterra pedia *forçosamente, fatalmente*, o nosso auxilio, logo que a guerra se demorasse, sempre quem escreve estas linhas o disse, desde a primeira hora, como outras coisas que sahiram certas, e, formulado o pedido pela Gran Bretanha, com monarchia ou republica só tínhamos um recurso: era marchar. Esta é que é a verdade. Dizer o contrario é uma especulação infame. Como especulação infame são esses manejos que tendem a lançar o paiz em novas vergonhas e desgraças.

Costuma-se dizer que as desgraças succedem aos homens. Pois aos homens e ás nações. Era bello, nós agora deixarmos perder esta patria, que custou oito seculos de sacrificios de toda a ordem, para não nos incomodarmos. Ou para satisfazer as especulações monarchicas! Quebravam-se os tumulos, erguiam-se as lousas dos cemiterios, para os nossos maiores nos virem lançar em rosto os seus escarros. Elles sacrificaram-se por nós e nós temos, que é a lei eterna da natureza, que nos sacrificar pelos que vierem atraz de nós.

Não vamos para a guerra, ora essa, vamos bailar! A vida é um *baile*, uma pandega pegada! Estava agora o Portugalorio reservado para ser o unico, no mundo, a levar a vida n'uma pandega rasgada. Viva a pandega! A Europa inteira anda em guerra, mas Portugal não vae para a guerra, vae foliar. E as nações, no fim, cá lhe veem trazer, sollicitas e respeitosas, o quinhão que lhe couber!

Elle ha atrevimentos que deixam um homem pasmado.

Não vamos para a guerra, que choraram as mulheres. E as mães d'ellas, para que ellas vivessem, não choraram! As mães d'ellas, e as mães das mães, e as mães das avós, e, assim, até o começo da humanidade. A lei da vida não é rir, minhas amigas, é chorar.

Sim, chorem, que eu comprehendendo as lagrimas. São santas, essas lagrimas. E porque são santas, com ellas se tem amassado a vida toda da pobre humanidade.

Chorou a Virgem. E o proprio Jesus, antes de subir o Golgotha, olhou para traz. Nem por isso o sacrificio, o grande sacrificio, deixou de se consummar. Deus não teria feito chorar a Virgem, nem obrigado a tantos transes dolorosos, Deus não teria feito morrer Jesus, se, sem lagrimas, sem soffrimentos, sem dores, sem sacrificios, fosse possivel... redimir a humanidade.

Chorar, chorar! Sofrer, sofrer! Avante. Cumpra-se a triste lei da humanidade.»

Do numero 16, da mesma serie, publicado em 2 de Julho de 1916:

Continuam as manobras e os sophismas em volta da situação que os acontecimentos nos crearam em face da guerra europeia. Os monarchicos portuguezes, residentes no Rio de Janeiro, reunindo-se n'aquella cidade, votaram as seguintes resoluções:

«*Pôr todas as suas energias e valimento ás ordens do governo da Republica, até á terminação da constagração europeia, nos casos seguintes:*

Primeiro:—Se a Integridade da Patria fôr materialmente offendida por qualquer potencia.

Segundo:—Logo que o governo, por meio de uma amnistia ampla, abra as portas da Patria a todos os portuguezes d'etta banidos, que abranja todos quantos soffram rigores penaes de origem politica, quaesquer que sejam as suas opiniões, monarchicos, republicanos, syndicalistas, socialistas ou anarchistas.»

Se a integridade da Patria fôr materialmente offendida por qualquer potencia!

Mas que entendem elles por isto? E' a mesma chicana infame, o mesmo sophisma grosseirissimo dos emigrados, quando clamam que correrão a offerer os seus serviços se o exercito allemão transpuser a fronteira ou a esquadra germanica entrar em Lisboa.

E' uma troça, que, á força de repetida, se vae tornando, a mais não ser, irritante.

Nós dizemos se o exercito allemão transpuser a fronteira, porque não é com a Hespanha que estamos em guerra, é com a Allemanha. Logo, a hypothese formulada para o caso d'um exercito inimigo invadir o territorio nacional, só se pode entender com a Allemanha. Ora essa hypothese é uma troça, um ludíbrio, uma affronta, uma burla indecorosa.

Dupla burla e affronta. E dupla: 1.º porque não ha probabilidade nenhuma, mas nenhuma, do exercito allemão transpôr a fronteira e nem sequer da esquadra germanica entrar em Lisboa; 2.º porque se o exercito allemão chegasse a transpôr a fronteira, ou a esquadra allemã a entrar em Lisboa, o auxilio dos senhores emigrados não servia de nada. Nem o d'elles nem o de ninguém. N'essa hora triste estava morta esta patria.

O auxilio dos senhores emigrados, como o de todos os portuguezes, só pode ser efficaz, e então muito efficaz, se tivermos de marchar d'aqui a juntar-nos aos alliados. A infamia dos homens da emigração, dos homens do Brasil e dos honiens de cá, está em pretender a todo o transe enganar as almas simples, pondo a nossa questão com a Allemanha n'um campo directo, quando ella é todo de caracter indirecto.

O *Dia*, commentando as resoluções dos monarchicos portuguezes do Rio de Janeiro, escreve:

Nada conhecemos mais patriotico, mais digno e mais nobre!

E se isto é traição á Patria, não haverá consciencia recta e imparcial que não exalte tal traição e não julgue portuguezes d'atma e coração os que de tão longe assim offerecem, nos casos que designam, as suas energias e valimentos para a defeza e integridade da Patria, se a offender qualquer potencia.

Não temos a vaidade de haver inspirado taes resoluções: mas se alguma influencia houvessemos tido, teríamos hoje orgulho e não opprobio, porque é assim que se serve a causa de Portugal.

Ora isto é d'um patife de marca. D'um patife e d'um estúpido, porque eu persisto em não saber donde vem a apreçada intelligencia d'estes

homens. O director do *Dia* põe a questão no campo directo, com tanta naturalidade e tanto entono, que parece não perceber que ella é toda indirecta. Ou não percebe ou está convencido de que os outros o não percebem. De qualquer forma, prova que a sua intelligencia não é grande.

A singeleza com que elle diz que *nada conhece mais patriotico, mais digno e mais nobre!* A estupidez, demos-lhe o nome proprio, com que accrescenta: *se isto é traição á Patria, não haverá consciencia recta e imparcial que não exalte tal traição!* E a estupidez com que conclue: *não temos a vaidade de haver inspirado taes resoluções; mas se alguma influencia houvessemos tido, teríamos hoje orgulho e não opprobio, porque é assim que se serve a causa de Portugal.*

Pois que é, **manifestamento**, senão uma traição á patria? **Mas manifestamento!** Assombram-me, estes homens. *E' assim que se serve a causa de Portugal!* Assombram-me, estes homens.

Os do Rio de Janeiro, como os de Portugal, como os emigrados, falam e escrevem como se se tratasse d'uma probabilidade, quando se trata d'uma certeza; como se se tratasse d'uma hypothese, quando se trata d'um facto. Nós não estamos em face d'uma *probabilidade de guerra*. Estamos em face d'uma *declaração de guerra*. Não estamos em face da *hypothese da Attemanha nos atuear*. Estamos em face do *ataque formal, declarado*, da Allemanha. Cada tiro dirigido sobre os francezes, os ingleses, os italianos e os russos, é tiro dirigido sobre nós mesmos. Se esses tiros os abaterem a elles, abatem-nos a nós. São tiros de ricochete? São tiros indirectos? Nem por isso deixam de ter as mesmas consequencias derradeiras. Agora, durante a lucta, soffremos menos, ou estamos soffrendo menos por enquanto. Em perdas de vidas e em outras perdas materiaes. Mas, vencidos os francezes, os ingleses, os italianos e os russos, vencidos ficamos nós, e então não perderemos menos do que elles, que perderemos mais.

Qual é o nosso interesse, *todo o nosso interesse?* Que vençam os alliados. E para isso que fazer? Levar-lhes o nosso auxilio, se d'elle precisarem. Juntarmos todos, nós e elles, para o mesmo fim, os nossos esforços.

A causa é commun. Absolutamente! Sobre isto não ha que sophismar. E' uma verdade tão evidente como a de que a terra gira em volta do sol, a de que o sol brilha, a de que a atmosfera é transparente e a de que dois e dois são quatro. Não temos que discutir n'esta altura, e

menos que ninguém o podem discutir os miseráveis que se dizem germanófilos, mantenedores longos annos da alliança inglêsa, e responsaveis, consequentemente, elles mais do que os outros, por tudo quanto se passa, se a guerra com a Alemanha podia ou não podia ser evitada. Hoje é um facto. E, desde que é um facto, a nossa causa é a causa da França, da Russia, da Italia, da Servia, do Montenegro, da Belgica e da Inglaterra. Tudo quanto favorece estes paizes nos favorece a nós. Tudo quanto os prejudica, a nós nos prejudica. E desde que é um facto, e desde que a nossa causa é a causa dos alliados, *causa commum*, que, legitimamente e logicamente, não pode ser vista em separado, mas em conjuncto, muito felizes temos nós sido em não ter soffrido nem estar soffrendo, ainda, o que os outros teem soffrido até agora. Se entrarmos na guerra, *entramos no fim*, com um fraco contingente relativo á nossa população, com o nosso territorio livre do inimigo, em condições incomparavelmente superiores ás dos outros belligerantes, e sendo certo que a guerra para nós era fatal desde que os miseráveis que se dizem germanófilos haviam feito e mantido a alliança inglêsa. E se a causa é *commum*, como é com a evidencia da luz do sol e da transparencia do ar, como é com a certeza mathematica de que dois e dois são quatro, **só merecem a morte** os que ousam ainda defender, clara ou occultamente, sem rodeios ou com subterfugios, os inimigos dos alliados, que são os inimigos do nosso Portugal.

Matem-nos! E mata-los sem tortura já é para elles muita sorte. Fuzilem-nos, que é honra. Enforquem-nos, que é a unica morte condigna da sua infamia. Ou queimem-nos, deitando depois as cinzas ao vento, para que não fiquem traços sobre o solo portuguez de traidores tão vis e tão canalhas.

Accendam fogueiras publicas, que eu prometto, pela minha parte, fornecer para ellas um molho de lenha. E, velho como estou, ainda carregó com elle ás costas, satisfeito com o meu acto patriótico.

Dizem os do Brasil *que põem todas as suas energias e valimentos ds ordens do governo da Republica se a integridade da Patria for materialmente offendida por qualquer potencia*. Mas eis a traição, mal occulta nas dobras d'este sophisma indecente. Eis a traição dos do Brasil, eis a traição dos emigrados, eis a traição do Rei dos Capadocios, que, **Influenciando-os e interpretando-os a todos**, escreve que *não haverá consciencia recta e imparcial que não exalte tal traição*. E diz-se que este

homem é intelligente! Para elle e para elles, pouco importa que a França, a Russia, a Italia, a Servia, a Belgica e a Inglaterra sejam vencidas. Vencidas ellas, a Alemanha não precisa **de dar um passo** em direcção a Portugal para nos tirar as colonias, a Madeira, os Açores, **tudo quanto ella quizer**. Basta dizer-nos de lá, de Berlim, de Petrogrado, de Roma, de Paris, de Londres, da capital onde firmar o seu dominio sobre o mundo, **largue**, e nós, sem fugir nem mugir, **largamos immediatamente**. Vir cá para quê? Pode vir, *por luxa*. Mas ha de reconhecer que este paiz de bandalhos e de bestas, onde se fazem e se permitem affirmações como estas que estamos registando e contestando, nem esse luxo lhe merece. Não precisa de vir cá, para nos deshonrar, nos expoliar, nos reduzir á escravidão. Mas os *patriotas* do Brasil **só correm a salvar-nos** (idiotas!) **se a integridade da patria fôr materialmente offendida por qualquer potencia**. Depois do burro morto... Idiotas! Depois da casa roubada (o que é muito portuguez) trancas á porta. Idiotas! Idiotas todos. Elles, os do Brasil, só correm a salvar-nos n'essas condições. E o grande jornalista Rei dos Capadocios, lambido, derretido de admiração e vaidade deante de taes discipulos, certo de que mette uma lança em Africa e de que prega uma peça aos adversarios, entupindo-os, bate palmas, sublinha a palavra *qualquer potencia*, proclama *portuguezes de alma e coração os que de láo longe assim offerecem, nos oasos que designam, as suas energias e valimentos para a defesa e integridade da patria*, e conclue: «Não temos a vaidade de haver inspirado taes resoluções; mas se alguma influencia houvessemos tido, teriamos hoje orgulho e não opprobio, porque é assim que se serve a causa de Portugal».

Idiotas! Eu acho perversos, em regra, todos estes politicantes portuguezes. Mas finalizo por os achar, acima de tudo, imbecis.

Eis a traição, nas dobras d'um sophisma tão indecente que ainda a torna mais repugnante. Traição sem igual nos fastos da patria portuguesa.

Sobre isto, e sobre a segunda das condições dos patriotas do Brasil, a que diz respeito á amnistia, falaremos, para não alongar este, no artigo seguinte.

Do numero 17, da mesma serie:

A segunda das condições dos *patriotas* do Brasil não é menos odiosa do que a primeira.

Nem menos odiosa, nem menos estúpida, nem menos falsa, nem menos chicaneira.

Supponhamos que os emigrados eram modelo de fervor e de isenção patriótica. Supponhamos que nenhuma circumstancia attenuava a attitude que o governo tomou em face d'elles. Supponhamos que a falta da amnistia geral não passou d'um acto de pura represalia e vingança, como tantos outros praticados pelos republicanos. Assim mesmo, como admitir, como justificar, que se ponham acima dos interesses ou da salvação da patria os interesses ou a salvação de meia duzia de homens?

E' admiravel!

Então os *patriotas* do Brasil deixam de pôr as suas energias e vatimento ds ordens do governo da republica, tendo a Allemanha declarado guerra a Portugal, só porque a republica commetteu uma injustiça, ou uma tyrannia, com meia duzia de homens?

Mas, n'este caso, valem mais seis homens para os *patriotas* do Brasil que esta patria!

Seis homens poderão significar muito. Mas sempre significam mais sete milhões de habitantes! Mas sempre significa mais a entidade moral e historica que se chama patria!

Em parte nenhuma do mundo, é forçoso insistir n'esse ponto, se ouvem heresias de tal ordem! Insistimos n'este ponto, a vêr se desperta a vergonha nacional. A vergonha dos que as proferem, e a vergonha dos que as ouvem *sem cortar togo a fatu* aos miseraveis. Isto é uma vergonha pegada. Mas não o é só para os *traidores*. E' o para todos que ouvem essas heresias ultrajantes de braços cruzados.

Patriotas do Brasil! Outra mentira, uma das muitas mentiras consagradas com que se desmoraliza este povo ha tantos annos. Não é o espirito patriótico que anima os actores da moção do Rio de Janeiro. E' o mesmo espirito de quadrilha, é o mesmo espirito de bando que deshonra e aniquila esta patria. Aquelle espirito mesquinho, estreito, vil, que põe acima de tudo os interesses proprios ou do bando. Tão mesquinho, tão estreito e tão vil que nem mesmo visa, agora, no caso de que se trata, a defender os emigrados. Visa tão somente a ferir a republica. Tal é a grandeza do patriotismo dos portuguezes que no Brasil se dizem monarchicos! Com honrosas excepções. Ha monarchicos portuguezes no Brasil, sabemos-lo, que não estão d'accordo com as manifestações d'um sectarismo assim indecoroso.

Isto na presumpção de que os emigrados são victimas d'uma injustiça-sem attenuantes. Mas não

é verdade, como, por demais, está demonstrado. Sempre pugnámos e continuamos pugnando por uma amnistia geral e completa. Sempre dissémos e dizemos que o governo a devia ter concedido logo após a declaração da guerra europeia, reservando-se para *enforçar* os monarchicos que depois d'isso conspirassem. Isso, porem, não quer dizer que haja sido correcto, que foi e é incorrectissimo, o procedimento de quasi todos os emigrados.

A sua attitude foi sempre, desde a primeira hora, de germanophilismo absoluto e aberto. Tem graça os do Brasil a tomarem contas á republica pelo procedimento havido por ella para com os emigrados, depois d'estes terem desobedecido ás ordens terminantes do Senhor D. Manuel. Donda se vê que para os do Brasil, como para os de Portugal, só ha uma auctoridade: a do Rei dos Capadocios e a do Santo Condestabre.

O Senhor D. Manuel determinou que todos os monarchicos offerecessem os seus serviços ao governo. Mas determinou o contrario o Rei dos Capadocios e o Santo Condestabre. E os do Brasil juntam-se a estes para a exaltação do ex-monarcha!

Affirmaram as gazetas republicanas, e ainda hoje o affirmam, que o governo esteve á espera de que os emigrados fizessem um *gesto patriótico*. Esse gesto era o de obediencia, nem podia ser outro, ás ordens terminantes do chefe supremo da causa monarchica. Fizeram-n'o? Não. Declararam sem rebuço que o rei tinha o direito de mandar, mas não o direito *de os deshonrar*. Sem se importarem com a legitima conclusão que d'esse dicto se tirava, isto é, que rei que dá ordens que deshonram os subditos é, por seu turno, *rei deshonrado*. Sempre exauctorando, sem sombras de respeito nem sombras d'escrupulo, aquelle que foi simplesmente,—devia-lh'o dizer a consciencia, a todos os bandidos, se elles pudessem ter consciencia,—um bode expiatorio.

Assim declaravam particularmente. Em publico diziam, por intermedio das suas gazetas,—o *Dia* escreveu-o muitas vezes,—que não queriam soffrer a humilhação de fazer um offerecimento para que não lh'o accitassem.

Vejam os motivos sempre mesquinhos a que essa gente subordinava os seus sentimentos patrióticos! Porque se *deshonravam* elles, obedecendo ao rei, se offerecessem os seus serviços ao governo republicano para defesa da patria? Porque a republica os tinha aggravado! Mas esse é o eterno motivo invocado pelos traidores em todos os seculos da historia. Não conheço nenhum que

não fosse traidor por esse motivo, isto é, por os governos constituídos o terem aggravado.

Quanto ao outro pretexto, o de ficarem humilhados se não lhes acceitassem o offerecimento, é tão futil que nem vale a pena examina-lo. Nenhum d'elles, nem o mais catão, deixava de contar na sua vida, porque não ha ninguem que as não conte, majores e mais graves humilhações pessoas. Não ha homem, por mais honesto, por mais intransigente, até, na honestidade, que não haja pedido favor, por exemplo, que, uma vez ao menos, e de maneira directa ou indirecta, lhe não fosse negado. Todos os dias offerecemos os nossos serviços a pessoas das nossas relações sem que o offerecimento seja aproveitado. Nunca ninguem viu n'isso uma humilhação. E era humilhação dizer ao governo: *Aquí me lem para a defesa do paiz, se o governo os deixasse sem resposta.*

Humilhação! Como a historia, fulminando estes tratantes, ha de pasmar!

A verdade é que tudo isso eram pretextos. A verdade é que não se importavam com a patria para nada. A verdade é que o seu unico objectivo consistia em derribar a republica e os republicanos, sacrificando tudo, mas absolutamente tudo, a tal proposito.

O governo sabia-o, e é natural que a vontade de amnistiar homens, que possuíam esses sentimentos, não fosse muito grande. Os monarchicos fariam o mesmo em identicas circumstancias.

Mas o governo sabia mais. O governo sabia que alguns d'esses homens andavam de braço dado com os allemães expulsos de Portugal, e a gritar-lhes alto e bom som, de modo que todo o mundo ouvisse: **O que é necessario é que os senhores entrem por allí dentro e corram aquella canalha a pontapés.** A canalha era... a republica e os republicanos. Se estivesse a monarchia no poder, o que faria ella a republicanos que, nas mesmas circumstancias, procedessem da mesma fórma?

Gritar contra os republicanos não justificava a falta de amnistia. Era legitimo gritar contra os republicanos, como tinha sido legitimo que

os republicanos gritassem contra os monarchicos. Mas andar de braço dado com os allemães depois da declaração de guerra, e dizer aos allemães: *Entrem por allí dentro e corram aquella canalha a pontapés*, era infame. Factos absolutamente verdadeiros. E que justificavam, não só a falta de amnistia, mas até que a republica, podendo, os fuzilasse.

Mas ainda ha outra circumstancia muito importante: é que elles não queriam ser amnistiados. Anda-se a fazer cavallo de batalha, contra o governo, da falta de amnistia, e *elles não queriam ser amnistiados*. Não são simples presumpções. Tudo o indicou desde logo. E elles mesmos o confessam. O correspondente da *Liberdade* tornou publico, sem rodeios, que Paiva Couceiro não acceitaria a amnistia, mesmo que ella lhe fosse dada. Isto é, não a aproveitava. D'este modo, o que lhe convinha era que o governo a não dêsse, para que fosse recahir sobre a republica o odioso. Um outro emigrado, dos seis que ainda ficaram proscriptos, e dos mais conhecidos d'elles, a mim me disse, tambem, logo que a Alemanha nos declarou guerra, que não viria, se o amnistiássem, para Portugal. A conjugar com isto ha o facto de terem ficado *voluntariamente* no exilio alguns outros officiaes. Para quê? Então grita-se tanto contra a falta de amnistia, attribue-se *á falta de amnistia* a attitude anti-patriotica dos monarchicos, e elles andam por lá voluntariamente exilados? E' muito maior o numero dos ex-officiaes, que voluntariamente se mantem no exilio, do que o d'aquelles que não podem regressar.

A'parte tres que eu conheço em França, que não são germanophilos, e que por nenhum motivo seriam capazes de prejudicar a sua patria, todos os outros, proscriptos e não proscriptos, *ficaram lá para conspirar*. Esta é que é verdade. E veem os do Brasil, fazendo coro com os de Portugal, impôr, como condição do seu apoio ao governo da republica contra os inimigos externos da patria, a amnistia aos que não querem ser... amnistiados!

Tudo isto é uma pouca vergonha sem nome. A maior infamia da nossa historia.

Seguiu-se uma pequena interrupção, durante a qual, sem tratar directamente a questão da guerra, tratámos outras que lhe andavam ligadas, para voltar de novo directamente ao assumpto, com um artigo de fundo, intitulado **Tenham cuidado!** que sahio no n.º 21, de 6 de Agosto de 1916. Passamos a transcreve-lo:

«Regressaram os dois ministros que estavam em Londres, e parece certo que trouxeram consigo, como por ahi se afirma, a grave noticia de que o exercito portuguez partiria, enfim, para o campo de batalha.

A transcendencia d'este caso não é preciso accentua-la. Para mim, era de esperar. Muitas vezes tenho escripto que considerarei ponto de fé, desde agosto de 1914, a nossa intervenção na guerra europeia. Mais tarde ou mais cedo era fatal. É isto pelo simples motivo de que não poderíamos manter a nossa neutralidade.

Disse-se, e diz-se ainda, que foram certos elementos republicanos que offereceram á Inglaterra o nosso auxilio armado. Ignoro o que ha de positivo a esse respeito. Mais tarde ou mais cedo se saberá. Ha de se saber. Mas ainda em caso affirmativo, estou certo de que não foi isso que decidiu da nossa cooperação na guerra.

A questão estava em mantermos ou não mantermos a nossa neutralidade. Rota ella, a nossa intervenção na guerra era uma consequencia necessaria d'esse facto.

Ora Portugal não podia, *em caso nenhum*, manter a sua neutralidade.

Não sei se alguém tem illusões a este respeito. Se as tem, não me parece que seja muito atilado.

A Allemanha não se contentava com uma *meia neutralidade*, o mais que, na melhor hypothese, lhe podíamos conceder. A Inglaterra é exigente e nós tínhamos com ella uma alliança secular. E' exigente por indole, e era-o agora por necessidade. Isto é uma guerra medonha, como se tem visto, e entre adversarios formidaveis. Mas, por isso mesmo que são formidaveis, que de um lado e do outro ha recursos enormes, por isso mesmo *todos os recursos são necessarios*. Parecendo um paradoxo, é tudo quanto ha de mais simples, de mais claro é de mais logico. Não obstante a nossa pequenez e o limitado das nossas forças, em muita coisa podíamos ser util, n'esta grande crise, á Inglaterra. Ella havia de recorrer a nós, pedindo ou exigindo *quanto lhe pudessemos dar*. E desde esse momento estava quebrada a nossa neutralidade.

Dir-se-ha que não era o bastante para a Allemanha nos declarar guerra. Era. Ainda que o não fosse, pagariamos, na hora do ajuste de contas, como se a guerra tivesse sido declarada. E, n'esse caso, se os republicanos viram que, dada a hypothese, mais valia correr os perigos do campo da batalha, viram bem. Mas era, sim, era o bastante para que o conflicto aberto com a Allemanha viesse a estalar. A Allemanha poderia amolar por muito tempo, como succedeu de facto.

Mas a uma exigencia da Inglaterra succeder-se-hia outra exigencia, depois outra, e outra, até que uma, que é a lei natural do mundo, faria trasbordar o vaso. Poderiamos nós deixar de declarar guerra á Allemanha. Ella é que não deixava, mais tarde ou mais cedo, de nos declarar guerra a nós. E esse era o grande passo. Dado elle, lá iríamos parar ao campo de batalha.

A Inglaterra não queria, diz-se. Mas se ella não queria, quem a forçava? Então a Inglaterra movia-se só pelo offerecimento de Afionso Costa ou qualquer outro? Não soffram d'essas ingenuidades. A Inglaterra não se regula por determinantes d'essa ordem. Ou o governo portugûes lhe offerecesse ou não offerecesse o nosso auxilio, a Inglaterra só se regularia pelas suas conveniencias ou pelas suas necessidades. E como o fôrno é immenso, fatalmente chegaria o momento d'ella atirar lá para dentro com esta pequena aça.

Assim vimos nós a situação portugûesa em face da guerra europeia desde a primeira hora. E quer-nos parecer que vimos claro.

Emfim, e fosse como fosse, agora já não estamos em presença de conjecturas; estamos em presença d'um facto. Facto positivo, real, e de um positivismo e realidade tão atroz que muita gente acalentou até o ultimo instante a esperanza de o evitar. Grave realidade que deve, ou estamos doidos de todo, tornar-nos, finalmente, ponderados.

Isto tem sido com a guerra, como aliás com tudo e em tudo, uma loucura pegada. Uns bramavam e berravam na praça publica, impunemente, a favor da Allemanha. Outros incendiavam os edificios do Estado. Porque foram portuguesinhos, e não allemães, embora pagos por allemães, os vis incendiarios. Outros faziam propaganda na imprensa a favor dos inimigos, mais ou menos descarada. Outros

preparavam revoltas armadas. E outros, os demagogos, ou ameaçavam invadir as casas e os jornaes realistas ou desancar nas ruas os monarchicos. Quando não cobriam d'injurias os patriotas.

N'outro lugar nos referimos hoje á attitude dos jornaes republicanos com o Senhor D. Manuel, a proposito da explosão de rancores e vaidades mesquinhas que representa o livro do sr. Julio de Villena. Mal sabem elles o mal que com isso fizeram! E assim andamos.

Como dizemos no artigo que vae adiante, nenhum interesse nos move a favor do Senhor D. Manuel. Se o defendemos sempre desde a queda da monarchia, foi por vermos a tremenda iniquidade com que o atacavam. E nunca esteve em nosso animo ouvir ou ver em silencio iniquidades.

Diz-se que o Senhor D. Manuel é ingrato. Pois ha uma boa maneira de estar livre das suas ingratições: é fazer como nós. Ninguem o defendeu ainda com tanta energia. Comtudo, elle nunca nos viu, sequer. Nada lhe pedimos e nada nos deu. Nada lhe devemos, pois. E elle nada nos deve. Nunca o accusaremos de ingratição. Estamos livre d'ella. E pelo simples motivo de que não o defendemos a elle, mas tão somente, embora na sua pessoa, a justiça e a verdade.

Pois não concordam que é uma boa maneira d'escapar d'ingratições?

Independente, porem, da injustiça tremenda que se faz ao ex-rei de Portugal, havia um motivo superior para pôr de banda a torpe especulação politica n'esta hora grave.

Não se julguem já senhores do bolo em absoluto, que se enganam. O momento critico, o momento agudo ainda não tinha começado. Começa agora.

Era forçoso esmagar as tentativas revolucionarias. Muito se fez n'esse sentido. E o melhor, fizémo-lo nós. Não porque

tivessemos mais habilidade ou mais vontade do que outros. Mas porque dispunhamos d'elementos que aos outros faltavam. Nós sabíamos muito bem e sabemos qual era a melhor porta de sahida e qual era a melhor porta de entrada. Não nos perdíamos no labyrintho, mesmo sem fijo magico. Por isso mesmo lamentámos e lamentámos *a grande asneira* dos ataques brutaes, n'esta altura, ao Senhor D. Manuel. Foi tudo! Foi *Lucta*, foi *Republica*, foi *Mundo*, foi tudo. D'esta vez, foi tudo. Tamanha é a força do espirito demagogico em todo o partido republicano!

Era forçoso esmagar as tentativas revolucionarias. Iam levadas de vencida. E o estúpido ataque dos jornaes republicanos veio reaccender o fogo quasi apagado.

Os senhores estão enganados. Os monarchicos nem por não serem uma força combativa e audaz deixam de ser uma *grande força*. Elles não sahem para a rua. Mas por debaixo da cortina são pavorosos. E quando se reúnem materiaes para um incendio, basta uma ponta de cigarro para os inflamar. Quando bater a hora dos homens partirem para a guerra, quando começarem a chegar noticias *de lá*, quando as mulheres puxarem pelos cabellos e desatarem aos *gritos* e aos *ais* pelos campos, é que são ellas.

Façam tudo facil e depois queixem-se.»

No numero 22 continuavamos, tambem em artigo de fundo e sob o titulo **Razões Claras:**

«Deu-se o que estava previsto. Vamos para o campo de batalha.

Eu já disse n'este periodico por mais do que uma vez que *nunca esperei outro resultado*. Não sei o que se passou nem o que se passa entre bastidores. Ignoro se o governo republicano andou a

metter empenhos á Inglaterra para que esta nos deixasse ir combater a seu lado. Acho tudo isso ainda mais do que secundario. Acho-o infantil. E pelo motivo já aqui exposto no numero passado: por que a Inglaterra não se move por determinantes d'essa ordem.

Pedisse o que pedisse o governo português, se pediu, mettesse os empenhos que mettesse, se metteu, nós só iríamos para a frente se conviesse á Gran-Bretanha.

E tanto isto é assim, que tendo sido feito o pedido ha dois annos, pedido, offerecimento ou como lhe queiram chamar, só agora, sempre sobre a hypothese da veracidade d'esse facto, elle se tornou realizavel.

Eu insisto n'este ponto porque o acho importante. Em volta d'elle se tem feito uma intriga *muito perigosa*. E tão perigosa, que muito me admira que o governo a não tenha feito destruir com estes argumentos *de verdade*. E digo *de verdade* porque não ha ninguem, creio, que não concorde que em assumpto de tamanha magnitude a Inglaterra se não deixaria conduzir ou vencer por uma carta d'empenho do sr. Afonso Costa.

Era capaz de a escrever o sr. Afonso Costa? Ou o sr. Bernardino Machado? Eu não duvido, tão habituados elles estão a escrever cartas d'empenho para os meninos que vão fazer exame d'instrucção primaria. Mas tambem não duvido de que a Inglaterra os mandaria, agora sem proposito d'offensa, *passear*. Logo, não vale a pena discutir esse caso.

Gente que não tem vontade de ir para a guerra remorde, por causa d'isso, ameaças. Que se não fosse este!... Que se não fosse aquelle!... Que vão. Mas que hão de ir adiante d'elles os causadores *d'esta desgraça*.

Gente que não tem vontade de ir para a guerra e gente que *faz politica de*

tudo. Essa tem sido a maior arma dos conspiradores e germanophilos. Por isso mesmo convem desfazer nos espiritos dos simples a terrivel artimanha.

Ninguém tem culpa. Vamos, porque a Inglaterra *quer que vamos*. Não iríamos, *se ella não quizesse*. E para irmos ou não irmos, em nada influiu sobre ella a vontade dos homens. Os acontecimentos, sim. Os homens, não.

Não se imagine que irmos ou não irmos é para a propria Inglaterra uma questão secundaria. Tambem isso é facil de imaginar e facil de acreditar. Pois não será? Pois quanto menor for o numero dos que repartirem o bolo não caberá a cada um melhor quinhão? Doze divididos por quatro dão tres. Mas divididos por dois dão seis.

Acodem n'este ponto os maldizentes, mas maldizentes idiotas, a objectar: «A Inglaterra recolherá tudo para si sem nos dar nada. Como sempre, ficaremos logrados.» Com uma idiotia e uma má fé d'esse tamanho é tollice argumentar.

E' claro que cada um recolherá o correspondente ao esforço e sacrificio que tiver feito. A nossa parte não pode ser igual, nem mesmo proporcionalmente, á da Inglaterra. E' evidente. Não pode ser igual á da Belgica e á da Servia. Cada vez mais evidente. Mas tambem não vimos de lá com as mãos a abanar. Algu. ma coisa ganharemos. E esse quanto ha de corresponder, pelo menos, aos nossos sacrificios. Será compensador.

Ganhemos, porem, pouco ou muito, recolhamos dez ou vinte, essa mesma parte, por mais pequena que seja, a Inglaterra, podendo, dispensava. Pois quem quer fiar a dever favores sem necessidade? Só quem é parvo.

Não haja duvidas. Não as pode haver. E' por conveniencia da Inglaterra, é porque ella o deseja, e não para satisfazer caprichos de pessoas ou interesses parti-

darios, que vamos para o campo de batalha.

Este momento *sempre* nós o tivemos por certo. *Sempre* nós o esperámos. Vezes sem conto o temos affirmado. No exílio dissémos *invariavelmente*, a todos os emigrados, quando elles, esfregando as mãos de contentes, clamavam que a Inglaterra *não queria* o nosso auxilio: «Ha de chegar o momento de o querer. Isto é guerra que *exige* todos os recursos. Que *consume* todas as reservas. Tudo é preciso, venha lá donde vier».

Acerescentavamos: «E se o não quizer, peor para nós. Não é motivo para rirmos. E' motivo para chorarmos.»

De feito, que situação moral e material ficaria sendo a nossa, se a Inglaterra, na crise mais grave da sua historia, ainda mais grave que a crise napoleonica, nos dispensasse? A nós, o seu mais antigo alliado?

Ignoramos inteiramente, tornamos a dizello, se os republicanos, ou parte d'elles, empregaram esforços para que a Inglaterra nos convidasse. Empregassemos ou não, era, pois que a Inglaterra se não move por taes motivos, esforço baldado. Mas se com isso se quer dizer que essés republicanos entendiam que era util para o paiz entrar na guerra, eu responderei o que tambem sempre respondi: que entendiam muito bem. Tambem *sempre* o disse. Tambem *sempre* o escrevi. Ainda o escrevi, e n'este mesmo logar, no numero passado.

Com quem eu nunca estive de accordo, foi com sr. Brito Camacho. E considero a sua attitude, sob o ponto de vista patriotico, um desastre. E politico, embora me sejam absolutamente indifferentes os interesses partidarios. Mas ainda sob esse ponto de vista, o sr. Brito Camacho deu um passo errado.

Se attendermos ao egoismo pessoal, manifestamente convinha-nos a neutra-

lidade. Mas se os inglezes tivessem medo de morrer tambem não ha duvida de que já não existiria ha muito a Gran Bretanha. Mas se os francezes tivessem medo de morrer tambem não ha duvida de que já não existiria, ha muito, a França. E o mesmo se pode dizer de todas as nações.

Se os nossos antepassados tivessem medo de morrer, ha muito que não existiria Portugal. Nem Aljubarrota e as batalhas d'esse periodo, nem o 1.º de dezembro e a guerra que se protahiu depois d'isso tantos annos, seriam dos factos mais brilhantes da nossa historia.

A Inglaterra não foi atacada e a Inglaterra pegou em armas. A Italia não foi atacada e a Italia lá está, no campo de batalha.

Essa razão, como tantas outras, não passa d'um sophisma miseravel.

Se a patria é a barriga, eu comprehendendo os pulhas que para não arriscar a vida deixam morrer a sua patria. Eu comprehendendo os pulhas que andam dizendo por ahi: *A minha patria é a familia e não quero saber de mais nada.* E da familia faz parte o porco e a vacca. Comprehendo-os. E para esses o que convem, hoje como amanha, é, certo, a neutralidade. Mas se a patria é um ideal, e vale mais alguma coisa do que o bandulho d'esses pulhas, se ella é eterna e os homens são mortaes, se ella tem mais algum valor do que a vida passageira e *inutil* dos canalhas que limitam a existencia á *pandega rasgada*, ou ao commodismo de comer á lareira, indifferentes a tudo, o lombo de porco ou o lombo de vacca, Portugal **devia entrar na guerra** e eram patriotas e inteligentes os que por isso pugnavam.

Alguns dos meus mais proximos parentes estão apurados para soldados. Não só não me arrependo do offerecimento que fiz em Tuy no mesmo dia em que a

Allemanha declarou guerra a Portugal, como o ratifico aqui, firmemente, n'esta hora grave. Se eu for preciso, cá estou, e marchou *sem trepidar*. Falo, pois, com a maior de todas as auctoridades, que é a do exemplo e a dos factos.

Aquelles dos monarchicos e catholicos, a grande maioria, que a todo o transe combateram e combatem a participação de Portugal na guerra, nem foram politicos nem foram patriotas. Não foram politicos porque a Allemanha será vencida, sempre eu o disse, e elles, com a sua attitude, afundaram a sua causa. Não foram patriotas, porque ao interesse mesquinho da sua seita sacrificavam o alto interesse nacional.

Não foi politico, como elles, nem patriota, o sr. Brito Camacho. Portugal ganhava, directa e indirectamente, com a sua participação na guerra mundial. Alem de manter, indiscutivelmente, desse modo, vencida a Allemanha, as suas colonias e as ilhas adjacentes, affirmava de novo, caso importantissimo, a **sua independencia**, em face da Europa e da **Hispanha cubiçosa**.

Concluindo: a Inglaterra, convidando-nos, não cedeu ás suggestões nem aos empenhos de ninguém. Mas os que tinham vontade de que ella nos convidasse viam a questão com alto criterio e espirito patriotico.

N'esse mesmo numero 22 vinha um outro artigo que vale a pena transcrever-se. Intitulava-se: **Como elles immobilisaram um jornalista catholico aliado-philo**, e trazia como subtítulo: **Os manejos do miguelismo. O sr. Alberto Torres deixa a direcção da «Liberdade»**. Ei-lo:

Com estes titulos e subtítulos, e com a mesma disposição que hoje lhes damos, publicava a *Capital*, de terça-feira passada, o seguinte:

O sr. Alberto Pinheiro Torres, o distinto jornalista e orador catholico que foi deputado no

tempo da monarchia, deixou a direcção do diário portuense *A Liberdade*.

Este facto, que n'outra occasião talvez passasse quasi despercebido fóra do meio religioso, tem na presente conjunctura uma especialissima significação.

Bem sabemos que o que vanos escrever está naturalmente sujeito a ser amanhã contradictado por certa imprensa, embora sem argumentos de peso. Semelhante espectraliva, porém, não nos impedirá de dizer o que pensamos sobre o assumpto e o que nos consta acerca dos manejos que se fizeram para immobilisar a pena do sr. Alberto Pinheiro Torres.

O director da *Liberdade*, monarchico hoje como hontem, catholico extreme, pondo as suas crenças religiosas acima das suas idéas politicas, tomou perante a Republica uma attitude que os nossos leitores conhecem. Para defeza dos interesses da Igreja, entendeu desnecessario combater a existencia das actuaes insituições; affirmou que os catholicos podiam e deviam organisar-se, só como taes, para pugna-rem pelos seus direitos; aconselhou-os a essa organização fóra de todos os arranjes politicos, indicundo-lhes, com solidas razões, tiradas da experienta e da Historia, as vantagens d'essa maneira de proceder e como, só pelo facto de constituirem uma força, os homens de crenças podiam influir no sentido de, na vigencia da Republica, se melhorar grandemente a situação da Igreja entre nós.

A attitude do sr. Alberto Pinheiro Torres desagradou profundamente a certas personagens em que o securismo politico e o odio á Republica imperam com força muito maior do que os ideacs religiosos. Essas personagens—algumas das quaes batem hoje nos peilos quando hontem proferiam blasphemias—entendiam que os catholicos não deviam suhir da sua inactividade senão para trabalhar pela restauração monarchica.

O director da *Liberdade* leve dissabores por causa da campanha que contra elle moveram sujeitos, que, blasonando de monarchicos e catholicos, nunca possuiram a sinceridade das suas crenças religiosas e politicas.

Mas o sr. Alberto Pinheiro Torres defendeu tambem a causa dos alliados contra a dos imperios centraes. O sr. Alberto Pinheiro Torres não é, não quer ser germanophilo. A campanha contra elle redobrou, por isso, de violencia... Os miguellistas, que aneiam pela victoria dos allemães porque julgam que assim se restabeleceria o ramo miguellino no throno de Portugal,

foram, na sombra, enurniçados adversarios do director da *Liberdade*.

O famoso advogado Domingos Pinto Coelho foi ao Porto e manobrou ali com a sua costumada pericia. A *Liberdade* precisava de dinheiro. Entraram para ella capitalistas que decidiram da sua orientação futura. Não mais centros catholicos, não mais a distincção entre religioso e politica monarchica, não mais ullido-phillismo execrado!

O sr. dr. Alberto Pinheiro Torres saiu, pois, da *Liberdade*...

Mas enganam-se os toupeiras que imaginaram prejudicar a marcha das idéas e dos acontecimentos, fechando a bocca e quebrando a penna a um homem de convicções que pretendia servir a sua patria, enquanto elles se querem servir apenas a si proprios!

Enganam-se e hão de ser totalmente desmascarados!

Não sabemos, ao certo, o que ha n'isto de positivo, e nós costumamos dar por certo só aquillo que é certo. Mas, se não é tudo verdade, ha verdade no que ahí fica.

Em certos periodos, convivemos muito com o sr. Pinheiro Torres durante o exilio. Estivemos juntos em Mondariz, depois, durante perto de três meses, em Madrid, falei com elle algumas vezes em Bruxellas e muitas vezes em Paris. Nunca o sr. Pinheiro Torres deixou de manifestar um grande amor pela França e um ardente patriotismo.

Vi-o até exaltadissimo, uma vez, em Mondariz, por alguns terem dicto deante d'elle: *Antes Affonso XIII que Affonso Costa*. E eram pessoas de categoria.

Porém, iniciada a guerra, a *Liberdade* accentuou as suas sympathias germanophilas, e accentuou-as até em extremo. Era uma reviravolta do sr. Pinheiro Torres ou eram influencias extranhas que pesavam sobre elle?

Fosse como fosse, e não obstante a amabilidade extrema com que o sr. Pinheiro Torres me tratou duas vezes, verberei essa attitude, aqui, com vehemencia.

Veio o rompimento com a Alemanha, e o sr. Pinheiro Torres aproveitou esse ensejo, ao que parece, para dar expansão aos seus verdadeiros sentimentos. Pelo menos, a attitude da *Liberdade* desde então foi correcta. Attitude vista com desagrado por elementos catholicos e monarchicos, provocando da parte d'elles, como a propria *Liberdade* confessou, reacções e guerra surda.

Reparem n'isto os patriotas, que é muito significativo!

O que se vê é que o sr. Pinheiro Torres já antes do rompimento com a Allemanha, e eu digo isto porque lhe conheci as suas antigas opiniões; se vira forçado a *ir com a corrente*. Tinha que se submeter, já então, ou que se demittir. Preferiu submeter-se e depois quiz *voltar o bico ao prego*, mas não poudo. E teve que lançar mão da outra ponta do dilemma. Demittiu-se.

Em 28 de Junho dizia elle, em artigo de fuudo:

Hoje os catholicos da Liberdade—com prazer o dizemos—representam, dentro do campo catholico, o grupo que mais nobre attitudo patriotica tomou e que mais de frente tem investido—arrostando com más vontades, calumnias e prejuizos materiaes—com a corrente desnacionalisadora que, como uma maldição, percorria Portugal de norte a sul.

Desde que o interesse nacional o ordenou, nós, com sacrificio de opiniões passadas, puzemos actua de tudo a causa da patria e o germanophiltismo crmimoso da hora presente tem tido em nós o mais declarado inimigo.

Vejam: **arrostando com más vontades, calumnias e prejuizos materiaes!**

Pois a *corrente desnacionalizadora* venceu.

A *Liberdade* quiz arrostar com ella? Augmentaram os **prejuizos materiaes**. As más vontades e as calumnias.

O *germanophiltismo crmimoso da hora presente* teve no grupo do sr. Pinheiro Torres o seu mais declarado inimigo? Pois o sr. Pinheiro Torres foi ao charco. Teve que se demittir. E o seu grupo passou *pelas forcas caudinas*.

Tudo isto é muito interessante. Tudo isto é muito significativo. E' um livro aberto! Leiam-no que é facil de ler.

Duas coisas puseram em cheque o sr. Pinheiro Torres. Uma, foi a idéa, aliás sympathica, e tão forte no estrangeiro, de subtrahir os catholicos á politica. Foi um descuido, porque o sr. Pinheiro Torres *bebe azette* n'essas coisas. E' ladino. Mas a influencia estrangeira fê-lo ahi esquecer-se da mentalidade portugnêsa. *O patz são os politicos*. Julgo que foi a coisa mais acertada que disse José Luciano em toda a sua vida.

Outra, foi combater a conspiração e *investir de frente com a corrente desnacionalizadora*.

A primeira não lh'a perdoaram manuelistas nem miguelistas. A guerra atroz, que lhe moveram a *Nução* e o *Dta!* O que d'elle diziam em par-

ticular, (ouvi-o eu), os d'um e d'outro grupo! O catholico é politico e politico monarchico. Ou não é catholico! O catholicismo não está em Roma senão... *para inglês ver*. De facto, cá em Portugal, está no ministerio do reino para fazer eleições e no ministerio da justiça para fazer dos galopins cleitoracs coroados... priores e bispos. Assim o entende, com raras excepções, todo o monarchico e todo o catholico... digno do nome. Isto é lá um paiz catholico! Nunca o foi. Nunca o ha de ser.

A segunda não lh'a perdoaram os germanophilos, que são quasi todos os manuelistas e todos os miguelistas.

Havia de succumbir, como ha de succumbir o sr. Ayres de Ornellas, e eu propheteizei-lh'o, a este, logo de principio.

De resto, teem todos a sorte que merecem. Todos! Quando eu levantei em Paris uma campanha formidavel contra os do connubio indecente, quando eu lhes lembrei a necessidade de se unirem contra a turbamulta dos especuladores sem nome, *esmagando-os a tempo*, encolheram-se, de pusillaninidade e de medo. Então agora ahi os teem. Arranjem-se com elles.

A *Capitat* attribue toda a intriga que deu em terra com o sr. Pinheiro Torres aos miguelistas. Não são só os miguelistas. São os miguelistas e os do connubio indecente, que é *quasi tudo*, no fim de contas. Não vê a intimidade, cada vez mais estreita, de Moreira de Almeida e miguelistas? Moreira de Almeida é o alma damnada d'isso tudo. E com Moreira de Almeida está o elemento militante realista. O rei é elle. Eu chamava-lhe o Regente, com propriedade, no *Povo de Aveiro no Exilio*.

Mas não ha duvida que a corja das corjas é o miguelismo. N'elle está o elemento enredador, intrigante, conspirante e germanophilo por excellencia. D'elle partem todos os tiros e todos os golpes contra quem quer que seja que os affronte e prejudique. D'elles, colligados com Moreira de Almeida, sahiu a pedrada que quebrou as pernas, agora, ao sr. Pinheiro Torres. Foram elles que aularam a *Vanguarda* contra o sr. Ayres de Ornellas. Foram elles que tiveram a *ingenuidade*, porque no fundo são uns asnos, de suppor que me deixavam *atordoado* atirando-me ás carrelas com Muralha, Costa, Armando & C.^{as}. Foram elles que falsificaram o pacto de Dover. Foram elles que forjaram contra o Senhor D. Manuel todas as calumnias. E são elles que pactuam a infamia de Nauen com a Allemanha, offerecendo-a em segredo aos monarchicos conspirantes e traidores como um dos seus maiores

titulos de gloria, e negando-a aos republicanos.

Mas que querem, se até o governo lhes apra o jogo afrontoso?

Eu já n'outro dia aqui disse que o enigma de Nauen só n'este paiz se permitia. Ha mais de dois mezes que foi dicto que um dos Migueis, pae ou filho, era official do exercito prussiano. A Nação veio com uma carta particular, não a desmentir o facto, mas a da-lo como pouco provavel, promettendo averiguar a verdade toda. Nunca mais averiguou coisa nenhuma, o que torna cada vez mais plausivel o supposto acto infamante do real traidor. E quando lhe falam n'isso reporta-se á carta particular como *colsa definitiva*, quando ella propria a deu como um *simples indicio*. Não se acredita, não se pode acreditar que em dois mezes a Nação ou os chefes do partido legitimista se não pudessem ter entendido com alguém da familia de D. Miguel de Bragança para que caso tão grave fosse posto a limpo.

No exercito austriaco serve um filho de Saldanha da Gama, ou seu proximo parente. D. Constança Telles da Gama casou n'outro dia com D. João de Almeida, official do exercito austriaco. Puderam corresponder-se, casar, encontrar-se. A condessa de Bardi, elemento activissimo, está em relações constantes com os chefes miguelistas. Mas não se sabe se D. Miguel pae é ou não official do exercito prussiano.

E o governo cruza os braços, quando é um dos maiores interessados em aclarar ou fazer aclarar o assumpto, e cruza-os toda a gente.

Então... bolas.

Quem tem razão, são elles. Ser patriota é a maior asneira que se pode praticar n'este paiz.

No numero seguinte, o n.º 23, de 20 de Agosto, sob o titulo **Monarchicos Germanophilos**, e o sub-titulo: **Os manejos miguelistas. Ainda a proposito do sr. Pinheiro Torres**, continuavamos:

A *Capital*, de sexta feira 11, chegada a Aveiro quando o nosso semanario já se vendia em Lisboa, Porto e Coimbra, publicava o seguinte:

Porto, 10.—*Encontrando hoje o brithante jornalista e etegante orador sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, perguntámos-lhe:*

—*Porque abandonou v. ex.ª a Liberdade?*

—*Abandonei a direcção do jornal porque entendi que a orientação que lhe dava—a da integração dos catholicos no movimento nacionat*

—*não agradava á maioria. E, assim, a minha attitude, prejudicando os interesses da empresa, não achava o echo das consciencias, não despertava as energias patrioticas—levantando, n'esta hora gravissima da nossa historia—o espirito nacional, a que eu aspirava. Não houve «cabalas», nem intrigas. Sahl, porque assim me pareceu prudente, continuando, porém, a prestar-lhe o meu concurso fóra do campo politico. Mas penso ainda como pensava, e luctarei até ao fim, na tribuna e na conferencia, pela integração dos catholicos na vida do paiz, porque—desde que a guerra é um facto consumado, não deve haver exclusivismos de partidos, «ratiements» de «coteries», mas todos, todos devemos ser portuguezes. Não me conformo com os accommodaticios, com os que estão explorando com a indiferença e com o egoismo, levando ao povo, aos soldados que amanhã terão de partir para a guerra, um desanimo que é sempre perigoso, um espirito de indisciplina que representa sempre, que é sempre o prenuncio d'uma derrota.*

«*As guerras são más. Mas é nas guerras que se faz a selecção das energias de um povo. E, desde que a guerra é um facto, para que se ha de apoucar o espirito nacional, para que se ha de collocar acima da Patria—que é o ideal sublime—o interesse pequenino e mesquinho de um partido ou de uma corrente?*

«*Entendo que os catholicos devem colaborar com a Republica n'um esforço commum, desinteressado e patriotico, arrostando todos os perigos, batathando nas mesmas fitelras, lado a lado, porque não é um regimen que se defende, mas o torrão sagrado da Patria que é de todos os portuguezes—republicanos, conservadores, catholicos, monarchicos ou atheus.*

«*Muitos não o entendem assim.*

«*Estão em erro e o futuro lh'o demonstrará.*

«*Mesmo, como boa politica, esta é que deve ser a acção dos catholicos.*

—*Porque...*

—*Porque, no fim, tendo os catholicos demonstrado o seu patriotismo, a sua isenção, uma alta noção de civismo—como os catholicos francezes fizeram—poderiam reclamar direitos, regalias, não para elles, que, como cidadãos, as não precisam, mas para a sua confissão religiosa, para a Igreja de que são filhos...*

«*Adoptando a abstenção, fugindo da lucta, não dando o seu esforço á Patria em perigo, com que direito, amanhã, poderão fazer a mats pequena, a mais modesta reclamação?*

—Não terminou—n'esta hora grave da nacionalidade, os catholicos devem até ser os primeiros a dar o exemplo do verdadeiro e sagrado amor da Patria.

Aqui é que elle falou com o coração nas mãos. Não lhe succede sempre isso. Mas succede-lhe ás vezes. Eu conheço-o!

A *Liberdade* de domingo, 13, dizia, sob o titulo *declaração*:

O Sr. Dr. Pinheiro Torres pede que declarem em seu nome que com effeito teve uma conversa com o Sr. Silva Esteves, correspondente de A Capital e antigo redactor d'este jornal; que essa conversa meramente particular não teve o character d'entrevista; que a sua attitude politica ficou claramente definida n'estas columnas; que as causas da sua sahida da direcção d'este jornal foram aqui declaradas com exactidão.

Por ultimo o Sr. Dr. Pinheiro Torres deplora a exploração politica que se está fazendo a proposito d'este incidente, de que não voltará a occupar-se.

Para inglês ver! Nem o sr. Pinheiro Torres contesta as affirmações da *Capital*.

No seu numero de segunda feira, 14, diz o diario de Lisboa:

A *Liberdade* diz, a pedido do sr. Pinheiro Torres, que a conversa que este distincto jornalista teve com o nosso correspondente no Porto, não revestiu o character de entrevista. A *Liberdade*, porém, não nega a authenticidade das affirmações feitas pelo sr. dr. Pinheiro Torres, e isso é o essencial.

Quanto a explorações politicas, não somos nós quem as faz, mas aquelles que desejariam levar todos os catholicos portuguezes ao esquecimento do que devem á Patria só por odio á Republica. Esses é que são verdadeiramente os exploradores, para lhes não dar outro epitheto mais duro e tambem mais ajustado. . .

Não ha duvida. Estamos de accordo.

Fica, pois, assente, sem hesitações, que a attitude patriotica do sr. Pinheiro Torres na *Liberdade* desagradava á maioria dos catholicos, prejudicando os interesses da empresa. O sr. Pinheiro Torres não negou, nem podia negar, que houvesse feito essa confissão ao sr.

Silva Esteves. Negar como, se pelo seu proprio punho havia escripto na mesma gazeta, de 28 de Junho, que os catholicos da *Liberdade* arrostavam com má vontade, calumnias e prejuizos materiais por causa da nobre e patriótica attitude que tinham tomado?

E' ponto assente e incontroverso.

De maneira que temos este caso interessantissimo: os miguelistas a conspirarem impunemente e livremente dentro do paiz enquanto os seus parciaes, com D. Miguel á frente, preparam o assalto da fronteira!

E' um paiz unico. Decididamente, é unico.

Tudo indica, cada vez mais, que é certa a noticia de Nauen. Indica-o, sobretudo, já no domingo passado o fizemos aqui notar, o silencio que em volta d'ella mantem os miguelistas; a longa demora que elles põem no resultado do promettido inquerito a que, segundo elles, iam proceder.

Quem os viu no exilio, conhece a actividade e diligencia com que se distinguiram e sabe que nunca deixaram de estar em contacto com os seus principes. A condessa de Bardi, em particular, acompanhou-os constantemente. Foi o verdadeiro homem da conspiração miguelista. Dirigia em pessoa as negociações militares, diplomaticas e politicas. Era ella quem arranjava dinheiro, quem comprava armamento, quem o passava em contrabando, quem falava aos diplomatas e quem se entendia com os chefes militares e politicos. Tinha auxiliares, certo, em tudo isso. Mas quem dirigia era ella, e não houve auxiliar que a egualasse, quanto mais excedea-la, em audacia, actividade e intelligencia.

Não julguem que é exaggero attribuir-lhe o contrabando d'armas. Não o fez em Portugal. Mas fe-lo em Hespanha. Com o seu automovel carregado d'armas e munições, ella ali ia, estrada fóra, através de guardas civis e carabineiros.

Nada a embarçou e nada a fez recuar nem hesitar. E em chegando uma incursão, era já certo: ella lá estava na fronteira.

Essa mulher nunca deixou, necessariamente, com as mãos sobre o fogo eu o jurava, se fosse preciso, d'estar em contacto hora a hora com os chefes miguelistas lá de fóra e cá de dentro. Ella sabe tudo quanto se passa cá dentro e os chefes miguelistas sabem por ella, quando não o saibam pelo proprio D. Miguel, que é um *ginja*, tudo quanto se passa lá fóra. Isto é positivo.

Então, como ignoram os chefes miguelistas ainda a esta hora se D. Miguel pae, ou D. Mi-

guel filho, é ou não é official do exercito prussiano? Estão fartos de o saber. E se estão fartos de o saber, o seu silencio é significativo.

Duas ou tres semanas antes da Allemanha declarar guerra a Portugal, eram tão intimas e directas as relações entre a casa de Bragança, ramo miguelista, e os chefes d'esse partido em Portugal, que até a *Nação* nos contava o que a *familia real* comia á sua mesa. A *familia real* queria ser *tão portugueza*, e primava tanto *em o ser*, que até adoptava as comidas *genuinamente portuguezas*. Folheiem á *Nação*, que lá encontram. Era o pé de porco com ervas, era a orelheira com feijão, era o rabo do dito assado nas brazas, era o atroz doce. era a açorda, era o paio com favas, era o chouriço com ovos, eram os ovos molles, etc. Então o paiz até do pé e orelhas de porco, que appareciam á mesa de Suas Majestades e Altezas, tinha noticias, e agora não pode haver noticias sobre o facto de Sua Majestade ou de sua Alteza D. Miguel ser ou não ser official do exercito prussiano?

O que impede essas noticias? O que as livra de chegar cá? Já estava declarada *ha muito* a guerra na Europa quando chegaram as novas do pé de porco e da açorda. O que houve depois? Depois só houve a declaração de guerra a Portugal. Então com isto fecharam-se as fronteiras da Hespanha, da Suissa, de todos os paizes? Parou a circulação das cartas, telegrammas e comboios? Foi só então que se fez o completo isolamento da Austria e da Allemanha?

Vê-se a burla. E vê-se sem oculos!

Tudo *leva a crêr*, pelo menos as apparencias assim o deixam suppor, que D. Miguel filho é, de facto, official do exercito prussiano. Eu logo de principio aqui o disse. Sendo assim, tudo leva a crer tambem, e tambem logo de principio eu o disse, que o não é sem consentimento de seu pae. Mais,—terceira affirmação que eu fiz,—n'esse caso não só houve accordo entre os dois, mas até o acto resultou de *um plano*. Convencidos todos, e *absolutamente convencidos*, do triumpho da Allemanha, de que, em consequencia d'isso, a republica portugueza seria derribada, e substituida, não pela monarchia vencida em 5 d'outubro, mas por outra a que presidiu um príncipe escolhido por Guilherme II, jogaram aquella cartada, que teria o duplo effeito de lhes attrahir as sympathias dos monarchicos portuguezes, quasi em peso germanophilos, e as do imperador da Allemanha.

Não será isto. Mas, perante o silencio tão compromettedor dos miguelistas, ha o direito

de o suppor. E se o é, temos a linda situação dos miguelistas intrigando contra o sr. Camossa Saldanha, partidario dos alliados, até o fazer sahir da *Ordem*, contra o sr. Pinheiro Torres, partidario dos alliados, até o fazer sahir da *Liberdade*, contra o sr. Ayres de Ornellas, partidario dos alliados, soltando-lhe os cães da *Vanguarda* ás canellas, com o *seu rei*, ou o filho mais velho do *seu rei*, a servir no exercito que está em guerra com Portugal, e vivendo, não só em paz, mas acatados e venerados, alli, em Lisboa, como... *patriotas*.

E digam lá que isto não é um paiz unico!

E bem unico, ainda hoje dizemos. Esse caso é das notas mais interessantes d'este periodo historico. E dos que deixam mais a descoberto a traição dos monarchicos. Já não ha duvidas nenhuma, hoje, sobre a situação dos Migueis. Fizeram causa commum com os allemães, em guerra com a sua patria. Pois ainda ha pouco noticiaram as gazetas, e deve ser certo, que houve em Lisboa uma reunião monarchica onde foi escolhido um dos filhos do Miguel para rei de Portugal!

N'um artigo publicado no n.º 24, havia eu mostrado um certo nojo por um garoto, o Cospenelle, que da *Lanterna*, gazeta democratica do Porto, me atirava pedradas. Um assignante escreveu-me a exhortar-me, o que me levou a dizer, no n.º 25, em artigo de fundo, sob a epigraphe **Em resposta:**

«Escreve-nos um assignante:

Por Deus, não desanime! Ainda que o coração lhe sangre, continue a ser o que foi nos ultimos numeros. Eu tenho absoluta confiança na nossa salvação se formos para a guerra. Se não formos, então, sim, creto n'uma irreparavel desgraça. Continue V. a bater nos miscravelis que sem motivo o insultam; mas sabe V. se elles o insultam por conta do inimigo? para o fazerem afastar do rumo que levava? Pode acreditar-se que seja hoje um bom republicano o que hontem era um ferrenho monarchico? Inutilize-os, que presta n'isso um grande serviço ao paiz, mas não se esqueça de Portugal,

ao menos n'esta hora, em que tanto precisa dos seus filhos honrados e fortes.

Nós não desanimamos. Não está isso no nosso temperamento nem nas nossas tradições. Mas, francamente, o espectáculo que se offerece aos nossos olhos não é de molde a provocar enthusiasmos.

Uma gazeta republicana hespanhola, d'aquellas que não hesitam em pôr os seus serviços ás ordens de quem melhor os paga, perguntava um dia d'estes, censurando Portugal, se nós disputamos o mercado do mundo á Allemanha, como a Inglaterra; se temos a recuperar alguma Alsacia-Lorena como a França; se defendemos a raça lusitana de ambos os mundos como a Russia a dos eslavos; se fomos feridos na nossa independencia como a Belgica; se a Austria retém provincias portuguezas como as italianas; se vimos invadido o nosso territorio como a Servia; se pretendemos alargar o nosso dominio na peninsula iberica como a Bulgaria na peninsula balkanica; etc. Mas evidentemente. Uma gazeta portugueza respondia á gazeta republicana hespanhola que esta esquecia o principal da questão, isto é, que se estamos em guerra com a Allemanha é porque a Allemanha no-la declarou. Fraquissimo argumento! Se não tivéssemos outros, esse iria justificar os dizeres da gazeta hespanhola. A verdade é que a nossa conveniencia, os nossos interesses em tomar parte na guerra, se não são tamanhos, não queremos ir tão longe, correspondem aos de qualquer d'essas nações.

Não estamos em guerra porque a Allemanha nos declarou guerra. Não é esse o facto capital. Esse é um facto secundario, derivando do facto principal. Se a Allemanha nos declarou guerra foi porque a isso a forçámos. O facto capital são a alliança inglesa e os *attos interesses que hoje, mais do que nunca, para nós lhe andam ligados.*

Eis o facto capital. Ou o principal da questão, como dizia a gazeta portugueza que respondia á gazeta hespanhola.

A alliança inglesa impunha-nos deveres a que não podiamos nem deviamos faltar. Mas esses deveres agora conjugavam-se com os nossos mais altos interesses. Eu estive sempre convencido de que a Inglaterra acabaria por pedir o nosso auxilio armado. Já n'outro dia aqui oppuz o que me diz o meu raciocinio ao que dizem aquelles que sustentam que foram certos republicanos que andaram atrás da Inglaterra mendigando o seu consentimento ou a sua annuencia á nossa ida para a guerra. A Inglaterra não se move por pedidos d'essa ordem. Se vamos para a guerra é porque a Gran Bretanha vê n'isso, para ella, alguma utilidade. E, sendo assim, o que se aponta como espontaneo da nossa parte acabaria por ser, da parte d'ella, reclamado. E' obvio. Mas se houve republicanos que viram a enorme vantagem que tiraria Portugal da sua participação na guerra, só deram provas de intelligencia e de animo resolute e patriotico. Sempre o disse e continuo a dizelo, independente de todo o espirito de animosidade pessoal e de facção. Não sei se esses republicanos são ou não são meus inimigos. Se me fizeram ou não fizeram muito mal. Se deram ou não deram n'outras coisas provas d'estupidez. De falta de patriotismo e de bom senso. N'isso procederam com intelligencia e com animo resolute e patriotico.

Portugal, não cessaremos ainda de o dizer, ganha immenso indo para o campo de batalha. Portugal nação. Portugal digno. Portugal que quer viver vida larga e honrada. O Portugal dos purrias e dos pulhas, dos bandos e dos bandidos, esse, claramente, nada ganha.

Portugal levanta-se, impõe-se, vivifica-se, consolida-se como nação continental e como nação colonial. Portugal *salva-se*,

como escreve o nosso assignante. Mas quem o comprehende ou o quer comprehender n'este chafurdeiro de covardias, de baixos e repugnantes egoismos, d'infamias, em que nos afundamos? Eis o caso.

Isto é um momento *unico* na vida da humanidade. Aproveita-lo, seria da nossa parte o maior acto de tino no meio de tantos desatinos, o maior acto de habilidade no meio de tantas, tamanhas, tão profundas e desastrosas inhabilidades. Ca-lir, todos cahem. Levantar-se, e impon-do-se, e compensando com brilho e prestigio o desastre da queda, só o fazem os predestinados. Soubessemos nós agora levantar-nos e eu diria, e oxalá que ainda o possa dizer: isto é, afinal, e apesar de tudo, uma grande raça.

Pergunta o hespanhol se nós estamos nos casos das nações que elle menciona. Pois alguma d'ellas precisa, porventura, d'affirmar mais do que nós a sua vitalidade? A Belgica era uma nação extraordinariamente progressiva, admiravelmente governada, maravilhosamente organizada e preparada. A Servia ainda hontem, na guerra balkanica, tinha demonstrado a sua heroicidade. Podiam morrer e podem morrer por uma d'aquellas fatalidades que fulminam os homens ou os povos mais felizes, mais prósperos, mais dignos da vida, mais trabalhadores, mais habeis, mais honrados. E nós poderíamos ou poderemos viver pelo motivo opposto, isto é, pela escandalosa protecção da sorte, que não raro protege verdadeiras monstruosidades. Nem por isso a Belgica e a Servia deixariam de ser duas nações com credito mundial, com a consideração de todos os outros povos, e nós uma... monstruosidade.

A Belgica e a Servia não precisavam de crear direito á vida moderna. E nós precisavamos e precisamos de o fazer. Nós estamos nos casos do negociante que

falliu sem prestigio e sem credito. De todas as pessoas que cahem sob o desprezo publico, que até aos inconscientes e aos pulhas fere como um azorrague. E' forçoso, ou inorreremos, *rehabilitar-nos*.

O hespanhol corrupto, de penna posta por dinheiro ao serviço da Allemanha, está a mangar comnosco perguntando-nos se nos movem os motivos que moveram os outros povos. Mas então que motivo moveu a Belgica? O de defender a sua independencia não, que a Allemanha, se a Belgica transigisse indignamente, não lh'a ameaçava. Que motivo moveu a Inglaterra? O de manter a sua qualidade de *grande nação*, o seu prestigio adquirido, o *seu direito* de prioridade. Porque se não deixaram ellas ficar no nosso egoisino pulha e covarde? Viveriam, como nós. E' questão de viver, d'encher a pança, de não arriscar a pelle, de não sacrificar gosos e commodidades? Viveriam, como nós. Arrastariam a existencia como nós a vamos arrastando e a temos arrastado. Não foram motivos puramente materiaes que as levaram a proceder, de outra forma não arriscariam tantas vidas, não arrostariam tantos desastres, não soffriam tantas amarguras. Foram interesses, sim, mas dominados por razões, e altas razões, d'ordem moral. Ora razões moraes e interesses ninguem os tem mais do que nós. Nós estamos ameaçados de perder a Africa, de perder as ilhas adjacentes e de perder a propria independencia continental. Nós estamos *desacreditados*. Não temos nenhuma cotação no concerto das nações. Ou aproveitamos este momento *unico*, em que se vae refazer para *muitos annos* o mappa da Europa e de uma grande parte do mundo, ou ficamos condemnados a uma morte miseravel.

Toda a gente percebe isto. Toda a gente, quero dizer, todos os portuguezes. E porque toda a gente o percebe é que eu me sinto *indignado*.

Diz-me o assignante que não desanime. Não desanimo, não, senhor. Os desanimos em mim tomam uma forma especial. Não me dão vontade de morrer, como ao nosso Alexandre Herculano. Dão-me mas é vontade de pegar n'um chicote. Não estou desanimado. Estou *indignado*.

Toda a gente vê que Portugal precisa de sahir d'uma situação perigosa e dolorosa. Situação que não é da culpa d'este ou d'aquelle, mas da *culpa de todos*. Que não é nova, *mas velha*. Vem de ha muitos annos. E ninguem faz, *sinceramente*, o menor esforço por melhora-la. Nem monarchicos nem republicanos, nem os que se dizem politicos nem os que se dizem indifferentes. Os monarchicos, em grande parte, teem procedido de uma maneira ignobil. Mesmo ignobil. E de tal forma que perderam, para atacar os republicanos, toda a auctoridade. Que auctoridade teem os monarchicos para falar, por peor que sejam os republicanos, se elles, não estando isentos de culpas, pois deixaram aos republicanos uma herança vergonhosa, acabaram por collocar, n'este transe perigosissimo, as suas paixões e os seus interesses acima dos interesses da patria? Os republicanos, por outro lado, nenhuma prova veem dando, tambem, de abnegação, de patriotismo e senso pratico. E os que não são politicos continuam a desejar, como sempre, *que não os incomodem*.

Eu não desanimo. Mas, repito, este espectáculo não é de molde a provocar enthusiasmo. Não desanimo. Mas desejaria muito mais possuir a massa e a força de Hercules que o poder e a eloquencia de Cicero e Demosthenes.

Isto já não vae com palavras. Se fôr, e mesmo assim duvido, é com **muita bordoadã!**

Com o n.º 30, de 8 de outubro, continuámos, em artigo de fundo, a serie

Portugal na Guerra. E diziamos n'esse numero:

«Não deve estar longe a hora da partida das tropas portuguezas para o theatro da guerra. E oxalá que todos se compenetrem da gravidade d'esse momento.

Dizemos hoje o que dissémos sempre. Uma guerra não é uma brincadeira. E' uma coisa muito séria. Não se vae para ella, a não ser que se esteja doido, como se vae para uma festa. Deseja-la, ninguem a deseja. Deveno-nos rir, mesmo, dos que affectam não a temer. Não é valente o que a não teme, mas aquelle que tem o brio necessario para dominar o temor que ella inspira. Entretanto, *é um dos males da vida*. E' uma desgraça correnteia. Chega quasi a ser banal. Emquanto houver homens, ha guerras, como ha questões e desordens, como ha doencas, como ha desastres, como ha epidemias.

Todas as patrias se constituíram á força de guerras, de lagrimas, dôres e tormentos. A vida é uma cadeia pegada de sofrimentos e sacrificios. Sofre a mãe quando nasce o filho e o filho é chorando que entra na vida. Mal sahem da adolescencia, logo o homem e a mulher entram no turno do sacrificio. Que digo? E' na propria adolescencia que começa o sacrificio. O sacrificio começa com a constituição da familia. O homem, desde que a constituiu, deixou de pertencer a si mesmo. E para que se perpetue a especie, é preciso que se perpetue o sacrificio.

A patria é uma grande familia. As leis são as mesmas. Sacrificaram-se os nossos paes para que ella existisse. E nós sacrificamo-nos para que ella continue a existir. Elles morreram por ella. E morreremos nós, sendo preciso.

Esta lei é tão imperiosa que lhe estão

obedecendo, em toda a parte, os proprios anarchistas. Os anarchistas, os anti-militaristas, os inimigos da patria, da sociedade e da familia. Quem não leu a antiga *Guerre Sociale* de Gustavo Hervé? Quem não leu o seu livro *Leur Patrie*? Pois ei-lo convertido, desde o principio da guerra, n'um patriota ardentissimo. Eis no campo da batalha, batendo-se pela patria, os mais furiosos anarchistas.

Desappareceram os anarchistas em França, desappareceram os nihilistas na Russia, (1) e enfileiraram ao lado dos conservadores os socialistas na Allemanha.

Pretendem os traidores desculpar-se com a allegação de que a Allemanha não nos provocou. Isso está respondido e mais do que respondido, mas é necessario responder-lhe todos os dias. *Delenda Carthago. Todos os dias. Delenda Carthago*, dizia o famoso romano incessantemente.

A Allemanha não provocou a Inglaterra, e a Inglaterra pegou em armas, porque viu n'ella um *grande perigo*. A Allemanha não provocou a Italia, e a Italia pegou em armas, porque viu n'ella um *grande perigo*. A Allemanha não provocou a Romenia, e a Romenia pegou em armas, porque viu n'ella um *grande perigo*. Ora a Allemanha, ameaçando as nossas colonias, a Madeira e os Açores, e vindo *fatalmente* a dar a mão á Hespanha, era para Portugal um *grande perigo*, como o era para a Inglaterra, para a Italia e para a Romenia.

Diz-se que a Italia, como a Romenia, tinha territorios a reivindicar de que estava de posse um dos alliados da Allemanha. E nós tinhamos que defender, o que é mais importante, a nossa propria independencia. A Italia e a Romenia não eram ameaçadas na *sua independencia*. Mas nós eramo-lo. A Allemanha vence-

dora seria, na Peninsula, a hegemonia da Hespanha. *Fatalmente!* A Hespanha não esconde esse seu proposito, antes o patenteia abertamente, por intermedio de todas as suas gazetas importantes e de todos os seus homens eminentes. Gazetas e homens de todos os partidos. Ora firmada na Peninsula a hegemonia da Hespanha, e como a Hespanha a pretende, que é com a subordinación de Portugal nas questões internacionaes, **estava finda a nossa independencia.**

Bastaria esse motivo, bastaria a certeza de que o triumpho da Allemanha era a perda de **todas as nossas colonias africanas e da Madeira pelo menos**, para que Portugal, se fosse um paiz organizado e bem governado, se fosse uma nação digna do nome, pegasse, **independente de todas as alianças**, em armas immediatamente. Logo que a guerra europeia foi declarada.

Mas, como se fossem insufficientes essas razões de vida ou de morte, esses motivos, superiores e muito superiores aos que levaram para o theatro da guerra a Italia e a Romenia, que, torrio a diz-lo, não eram ameaçadas na sua independencia e nem sequer em nenhum dos territorios que actualmente lhes pertencem, nós tinhamos um alto dever a cumprir. Nós tinhamos um compromisso sagrado a satisfazer. Nós tinhamos um grande, um enormissimo interesse a coagirmos. Nós eramos e somos alliados da Inglaterra. A essa alliança devemos o manter ainda um grande imperio colonial e a nossa propria independencia. Esta é a verdade, com todas as extorções que nos tem feito a Gran Bretanha. Extorções devidas sobretudo á nossa famosa incuria, á nossa *nunca desmentida* incapacidade. Diga-se mais isto, que é justo diz-lo. A Inglaterra não era nem é nossa alliada só *pelo prazer de nos servir*. E' claro que o era e que o é por seu interesse. Mas

(1) Tornaram a apparecer mais tarde, infelizmente.

a verdade, a grande verdade, é que algumas das suas extorções foram justificadas pela nossa incuria, a nossa incapacidade, ou, como queiram, a nossa *impossibilidade*. De qualquer forma se lhe devemos malefícios também lhe devemos benefícios. De qualquer forma, tem sido um braço forte que vae ficar **fortissimo** com o seu previsto triumpho, só o não previam os idiotas, sobre a fortissima Germania. Que caminho nos restava, traçado pelo bom senso, pelo interesse, pelo dever, pela imperiosa necessidade da propria existencia, senão o de combater ao lado da Gran Bretanha?

O sr. Ayres de Ornellas publicava na sexta-feira da ultima semana, no *Diario Nacional*, um artigo sustentando a doutrina e os principios que tantas vezes temos exposto no *De Aveiro*. Sempre dissémos que a unica coisa habil da politica monarchica tinha sido a sua fidelidade á alliança inglesa. Sempre dissémos que era a unica coisa, desde a restauração de 1640, que a salvava na historia. Sempre dissémos que era preciso que os monarchicos fossem muito bestas, e são-no, para repudiar o unico titulo que possuem ao reconhecimento nacional.

A sua politica, quantas vezes o temos escripto!, devia consistir em mostrar que os republicanos não fizeram mais que continuar n'esse ponto a sua obra, que elles, aliás, republicanos, denegriam e fulminavam.

O artigo do sr. Ayres de Ornellas é escripto n'essa these:

Tal foi a herança nacional que o actual regimen encontrou. Como a tem feito valer, não nos pertence agora discuti-lo. Procede conforme entende, sob sua inteira responsabilidade. Mas é-nos por certo licito recordar que se a sua herança tinha por temma, aqui proclamado por Eduardo VII, o da integridade colonial portugueza, tinha outro egualmente precioso para nós, o de não consentir jámais na fusão dos Estados Peninsulares.

Quer dizer, a hegemonia peninsular, que já vltmos prevista para a Hespanha para depois da guerra, nem que ella figurasse victoriosa ao lado dos alliados que são nossos e não d'ella, é atém d'isso radicalmente contradita pela simples existencia da alliança ingleza tal como a monarchia a constituiu. E' por isso mesino que uqui a suscitamos. Que a hegemonia hespanhola pudesse vir a ser a consequencia da victoria allemã, talvez o germanophitismo hespanhol o possa explicar.

Mas que possa existir com a victoria dos alliados é o que se nos affigura inexequivel.

Se aqui temos sempre defendido a politica da Alliança, não é por sermos anglophilo ou alliadophilo, mas simplesmente, porque somos portuguezes. E sabemos portanto que essa alliança quiz sempre dizer para nós Integridade do dominio colonial e independencia nacional na Peninsula.

Apoiado. Repugnantes capadocios! Essa é a politica do Senhor D. Manuel, essa é a politica do sr. Ayres de Ornellas, essa é a politica de meia duzia de monarchicos intelligentes e patriotas, mas essa não é a politica dos infames e bestas a quem, com o desprezo que merecem, chamamos capadocios.

Estas coisas estão dictas e redictas mas é preciso dize-las *incessantemente*. Essa arma da insistencia é justamente a arma de que sempre se serviram os bandidos d'este patria. Elles não teem talento nem razão para argumentar. Elles não discutem nem sabem discutir. Então, usam da rabulice miseravel. Fingem que não ouvem, que não percebem, e vão sempre insistindo na mentira e na infamia. E se a insistencia até nos espiritos cultos e lucidos é importante, e por isso o velho Catão finalizava invariavelmente os seus discursos com as celebres palavras *Delen-da Carthago*, n'estes espiritos portuguezes, dados á estupenda preguiça de não pensar, é d'um effeito formidavel. Ora se pelo nosso lado está a justiça, a razão, a intelligencia e a verdade, á insistencia da mentira, da estupidez e da infamia oppo-

nhamos a insistencia mais poderosa da justiça, da razão, da intelligencia e da verdade.

Abaixo a especulação dos papelinhos, abaixo a especulação dos politicantes ignobeis. Ninguem soffreu mais aggravos dos republicanos do que nós. Ninguem! Aggravos, perseguições, patifarias de toda a ordem. Agora mesmo elles nos estão aggravando. Mas subordinar a isso os altos interesses d'uma patria, é d'alma e de intelligencia de sapo.

A guerra é má. Mas peor do que ella é a covardia de lhe fugir quando só por meio d'ella salvamos o decoro nacional e o decoro proprio. Na guerra morre quem morre. Mas na escravidão morrem todos, de desprezo e vergonha. O homem que por medo e egoismo salvou a vida deixando succumbir a sua patria, o bom nome e a gloria da sua raça, vive, sim, mas vive como vivem os prostituidos do corpo e do character. Mas vive como vivem os grandes miseraveis. E lá diziam os nossos maiores e muito bem: *Antes morre que má sorte.*

Abaixo os traidores dos papelinhos! Abaixo os traidores germanophilos! E viva Portugal!

Do n.º 31, e da serie *Portugal na Querra:*

Disse o director do *Times*:

Bimpm sas&g phe i oruireaptua toe roe m êv:o solução. Estava e estaria sem uma solução aos seus supremos destinos, enquanto a Allemanha pesasse sobre o mundo como uma ameaça perenne. Isso acabou! Já, não. Mas com a paz, o imperio colonial portuguez vae tomar o seu desenvolvimento, e será o que os portuguezes quizerem que elle seja! Os portuguezes foram desde a primeira hora nossos aliados. Não mediram o terreno, não estiveram a ver para onde pedia a victoria. Foi um êlan, generoso e entusiastico, que os collocou desde a primeira hora da guerra ao nosso lado. Isso não esquece mais, tenha a certeza! Isso nunca mais esquece!

Ha n'isto muita verdade. Descontamos o que possa haver de exaggero na affirmação de que o imperio eolonial portuguez será *o que os portuguezes quizerem*. Mas não ha duvida de que a situação vae melhorar muito para nós depois da paz. Escusava o director do *Times* de o dizer, que era faeto previsto pelos espiritos menos claros. Mas sempre foi bom que o dissesse, dada a sua auctoridade.

Eu assisti em Londres a todas as reuniões alli realizadas a favor dos emigrados, ou antes, contra as tyrannias, que o eram, e revoltantes, dos republicanos. Ouvi falar pessoas da mais alta importancia social, entre ellas membros da camara dos pares. Não se imagina o earinho, o tom sincero de amizade com que se referiam a Portugal. Não atacavam mesmo a republica. Todos tinham o maior euldo em declarar que respeitavam a politica interna de Portugal, e que Portugal tinha o direito de se governar como quizesse. O que elles atacavam era a tyrannia dos republicanos.

A Inglaterra é o paiz das tradições. Só o facto da nossa alliança datar de cinco seculos era para elles uma recommendação.

A Allemanha pesava sobre o mundo como uma ameaça perenne, disse o director do *Times* muito bem. E, manifestamente, a nossa situação eolonial era má emquanto esse faeto se desse. O portuguez é de uma simplicidade de engenho anti-diluviana. Em politica internacional nunca passou d'isto: todo o mundo é obrigado a respeit-lo. Elle não faz nada pala vida. Elle desprezou o seu patrimonio. Não empregou o minimo esforço no sentido de engrandecer ou melhorar. Abandonou a herança, deixando-a á mercê do acaso. Mas que a eubiçassem! Mas que lhe tocassem! Mas que lhe ferissem os seus bríos, a elle, portuguez, chamando-lhe mandrião ou desleixado! Era Troia. Assim, grazinou sempre contra a Inglaterra porque esta não teve a condescendeencia de manter intacto, enquanto nos espreguiçavamos, o nosso dominio eolonial.

Entretanto, o que succedeu era inevitavel. Quem dorme, dorme-lhe a fazenda. Se não é para mim é para outrem, disse de si para si, com o bom senso que a caracteriza, a Inglaterra. E foi deitando a mão ao que poude, enquanto nós dormiamos estirados ao sol.

Troquemos os papeis, e tenhamos a franqueza de confessar que faríamos peor. Sim, senhores. Com o espirito de rapina que nos caracteriza, com o egoismo que nos assoberba, com a falta de escrupulos que nos deshonra, nós teríamos feito *multissimo peor*. A Inglaterra roubou-nos

muito. Mas ainda nos deixou mais do que aquillo que comportava a nossa famosa incapacidade.

Ultimamente, no derradeiro quartel do seculo passado, a Allemanha arvorou-se em potencia colonial. Aonde ir buscar as colónias? Fatalmente tinha que as roubar. A quem? A grande victima estava naturalmente indicada. Eramos nós. Sempre anti-diluviados, e que o diga allí o sr. Alfredo Pimenta, muito illustre parvo Intellectualizado, o português exigia que a Inglaterra nos livrasse das ambições germanicas. O mesmo português que vinha exigindo ha seculos, sem fazer nada pela vida, que a Inglaterra não nos roubasse os territorios que elle deixara ao abandono. A essa louca pretensão responde o director do *Times*, com a logica britannica, em meia duzla de palavras. *A Germania pesava sobre o mundo como uma grande ameaça.* Não seria por nossa causa que iria jogar as cristas com ella a Gran Bretanha.

De tudo se conclue que nós somos, talvez por aquelle rifão segundo o qual *quanto mais burro mais peixe*, de uma felicidade verdadeiramente rara. E' verdade. Verdadeiramente rara! Tanto povo, com muitos mais titulos á vida do que nós, muito mais dignos d'ella pelo seu esforço e virtudes, succumbindo, na historia. E Deus sempre a pôr-nos, a nós. a mão por baixo, como ao menino e ao borracho. A guerra rebentou justamente quando estavamos a pique de naufragar. Foi a sorte grande, que nos sahiu, ao mesmo tempo, por tres lados.

Eu acho até tanta ventura, e tanta injustiça do Divino, que só acredito... quando isto for a cabo. Temo sempre uma rajada de insensatez ou de loucura, a velha insensatez, a velha loucura d'esta raça. Que aborreça, emfim, a Providencia, a qual, através de tudo, não cessa de nos prodigalizar os seus cuidados. Todos os dias pergunto a mim mesmo: Será hoje? Será amanhã?

Ah, en temo que elle venha! Se temo! Acho muita felicidade junta, como soe dizer-se na expressiva linguagem popular.

Entretanto, até este momento pode-se dizer que foi a sorte grande que nos sahiu, ao mesmo tempo, por tres lados. Nós iamso perder o resto do nosso imperio africaao. Angola ia para a Allemanha. Moçambique, ou a sua parte valiosa, ia para a Inglaterra. E em parte para a Allemanha. A Guiné la para a França.

Para quem iria S. Thomé? Para quem iria Cabo Verde?

Qual seria o futuro dos Açores? Qual seria o futuro da Madeira?

la-se tudo embora. Mas positivamente. Ficavamos sem nada.

Diz o director do *Times* que o Imperio colonial português será o que os portugueses quiserem que elle seja. Não é preciso. Basta que elle seja o que era. E isso, se-lo-ha. A traição todos os dias tenta perturbar com sophismas, com chicanas infames. E, assim, vae dizendo ao ouvido da intriga que os alliados, depois, repartem com elles o que era nosso. Felizmente, a má fé é tamanha que não pega. Essa não pega. Ninguem acredita que, depois da nossa participação na guerra, o nosso Imperio colonial seja contestado. Esse fica. Esse, ao menos para muito tempo, até a loucura nacional voltar a derrui-lo, consolidou-se.

Basta. Dão-nos mais alguma coisa? Eu crelo que sim. Creio-o firmemente. Mas se não derem, basta. E' a primeira sorte grande que a guerra nos traz.

A segunda, é a nossa situação em face da Hespanha. Tambem por ali periclitavamos. E de que maneira! De uma maneira desgraçada. A Hespanha fortalecia-se. E nós de hora a hora nos enfraqueciamos. As ambições da Hespanha cresciam na proporção da sua força e da nossa fraqueza. Ella já não as escondia, como tinha feito nos setenta annos anteriores. Ella já nem escondia o seu desprezo. Cuspla-o sobre nós, sem piedade e sem rebuço. Cuspiá-o toda a Europa. Todo o mundo civilizado. Nós tinhamos tornado para todo o mundo civilizado um povo desprezível. N'essa situação moral, e sem colonias, mantinhamos, podíamos manter em face da Hespanha a nossa independencia?

Foi a segunda sorte grande. A guerra, não só firmou a nossa independencia, como quebrou os sonhos de hegemonia da Hespanha. Manteremos a nossa absoluta soberania, e ficaremos, não digo preponderantes, mas de cabeça ergulda na Peninsula.

Vamos á terceira sorte grande. Essa está na nossa politica interna. Todo o mundo o comprehende. Isto tinha-se tornado uma *purria*. Isto era uma bullia porca de traficantes e garotos. Ninguem tinha força e ninguem tinha auctoridade. Era um beco sem sahida. Continuar sob o império de uma demagogia porca era impossivel. O proprio partido democratico estava sob a pressão dos garotos. O garoto embaraçava. O garoto impunha-se. Em Aveiro, em Coimbra, no Porto, em Lisboa. Em toda a parte. O garoto repugnante, asqueroso, immundo. Contra elle se desenhava um começo de reacção entre os proprios democraticos. Mas frouxa. A guerra vae

crear novas forças e abrir novos horizontes. Venha o que vier. Mas o imperio do garoto, esse finda. Ou se consolide ou não se consolide a republica, ou o regimen republicano vigorar ou lhe succeda a monarchia. De qualquer forma, a politica portugueza tomará outro caminho.

Quando me lembro de tudo isto, tenho pena de não possuir a força de Hercules, para agarrar em todos esses tratantes, que conspiram contra a nossa participação na guerra, e afoga-tos n'um só dia.

O director do *Times* disse bem. Grande gloria cabe áquelles que não hesitaram desde o primeiro dia. Os que não mediram o terreno, na ptrase do jornalista inglês, os que não estiveram a ver para onde pendia a victoria, salvaram a nacionalidade portugueza. Isso, não esquece, exclamou o director do *Times*. Isso nunca mais esquece, insistiu, concluindo. E não esquece. Não, não esquece. Não podia esquecer a *povo uenhum*, quanto mais á Gran Bretanha. Todos jogaram com um pau de dois bicos. Menos Portugal. E é o que nos dá no concerto da paz uma força immensa.

Não virá destruir tudo, ainda, a rajada da loucura portugueza?

E' certo que a guerra nos custa sacrificios. Mas não se pescam trutas a bragas enxutas. Custa-nos sacrificios de vidas. Mas o homem morre e a patria fica. A vida do homem é tudo quanto ha de mais contingente e mais ephemero. Quem sabe quem morre? Quem sabe quem não morre? Muitos dos que partem, viverão. Muitos dos que ficam, morrerão. Muitos dos que fugirem de morrer de uma bala, morrerão de um typho. Ou das mil doenças que espreitam o homem e a cada instante o surpreendem. A guerra será a desgraça para uns. Será a fortuna para outros. E n'esses contrastes se firma a existencia.

Não. O soldado, que ainda hontem nas ruas do Porto ardia por medir forças com a policia, não hesitará em as medir, com muito mais gloria, com o soldado estrangeiro, para salvar, honrar, e engrandecer o seu paiz. Ou seria um poltrão, um fanfarrão, a ignominia eterna do nome portuguez,

O exercito marcha. A valentia d'esta raça ainda não se extinguiu. A valentia e o orgulho. Por maiores que sejam a nossa ignorancia e o nosso analfabetismo, não ha um homem n'esta terra que não saiba que o nome de Portugal encheu o mundo. Não marchar, faria tremer de vergonha nossos paes na sepultura.

Marcha, que para muito mais longe, e para

arrostar maiores perigos, marcharam aquelles de quem herdou a gloria e o nome.

Marcha. Morra um homem, mas fique fama. E, marchando, completa a obra dos nossos maiores, tornando immorredora a nação e a honra portugueza. E satisfaz os manifestos desígnios da Providencia.

Avante. E avante gritando *Viva Portugal!* que é o unico grito que pode sahir agora de bocas portuguezas.

Do n.º 32 e da serie *Portugal na Guerra:*

O *Dia* aproveita pressuroso o caso da Romania, apoiando-se, como sempre, no collega da *Lucta*, para a sua sempre infamissima propaganda germanophila. E assim vão os *capadocios* confirmando quauto sobre elles temos escripto desde a primeira hora da guerra europeia. Attendam os leitores a que uós não dizemos desde o primeiro numero de «*O de Aveiro*». Nós dizemos desde a primeira hora da guerra europeia. Effectivamente, em tudo quauto escrevemos desde os primeiros dias de agosto de 1914 accentuámos, e o primeiro volume das *Cartas de Longe* ahi está para o provar, o inalteravel e furioso espirito de traição, assim o classificámos desde logo, d'aquelles a quem já então chamavamos *capadocios*.

Ainda esta semana certa pessoa nos dizia que nós cramos um pouco ingenuo no trato com os homens, pois que os patifes facilmente nos enganavam. Não se chama a isso ser ingenuo. Chama-se ser sincero e honrado. Só entre patifes se lhe dá o nome de *ingenuidade*. E' claro que o homem sincero e honrado tem uma norma de proceder e o patife tem outra. O patife é patife com todos. E, assim, tratando com patifes, que é o maior numero, escapa mais facilmente ás suas ciladas. Mas tambem levanta contra si a má vontade dos homens sinceros e honrados, que, por serem poucos, nem por isso, com a força e o prestigio do seu character, deixam de constituir um poder respeitavel. A's duas por tres não tem apoio nenhum. Nem o das pessoas de bem nem o dos patifes, que raramente conhecem espirito de solidariedade. O homem sincero e honrado com todos procede lcalmente, partindo do unico principio para elle admissivel: o de que todos, até a prova em contrario, são, como elle, sinceros e honrados.

São normas de proceder inteiramente differentes, e fatalmente differentes, pois a differença do processo deriva da fatal differença do

caracter. Ambas com os seus prós e os seus contras. Mas eu não recommendo a ninguém, apesar de ter sido muitas vezes victima de patifes, e á parte a natural reserva do perigo que deve tornar os homens sempre previdentes e acautelados, que siga o camiinho dos velhacos. Mesmo porque nem elles, com toda a sua velhacaria, estão livres de percalços. Não ha ninguém, bom ou mau, que não tenha sido victima de patifarias ou traicões. Nem por esse lado vale a pena ser velhaco.

Todavia, e a isto é que nós queriamos chegar, nem por ser *ingenuo* deixámos de conhecer os banditos da politica portugueza com uma lucidez que a nós proprio, por momentos, nos chega a admirar. Não teremos, e não temos, esperteza de rato. Mas temos a intelligencia que vê mais longe e de mais alto que a dos ratos. Os ratos que fiquem com a sua, que não lh'a disputamos. Contentamo-nos com a nossa.

Com precisão mathematica aqui temos, desde muitos annos, traçado o camiinho que fatalmente haviam de percorrer republicanos e monarchicos. E percorreram-no. Descemos ás minuciosidades. E não uos enganámos. Tudo foi previsto por nós, no conjuncto e na particularidade. E nem uo conjuncto uem na particularidade nós errámos.

Logo que rebentou a guerra europeia vimos que o espirito capadocio dominava os monarchicos. Havia entre elles patriotas. Mas em numero tão limitado, tão restricto, e tão mal vistos pelos outros, que a sua força era *nulla* sob o ponto de vista partidario. Não influíam, não podiam influir, não influem sobre a marcha dos negocios publicos, tão importantes, todavia, de tanta transcendencia, na hora perigosa que atravessa Portugal.

Era o espirito capadocio que dominava os monarchicos, e logo dissémos que não se illudissem com elle. Dissémo-lo insistentemente. O espirito capadocio era o espirito de bando requintado, como nunca houve nada, entre nós, de comparavel.

Os monarchicos accusam os republicanos d'estes terem sido os primeiros a atacar a Inglaterra. Mas os ataques dos republicanos contra a Inglaterra deram-se principalmente por occasião do *ultimatum*. Que comparação ha entre esse periodo da nossa historia e o periodo actual? Então, o motivo do ataque dos republicanos foi um roubo de grande parte do nosso territorio e um insulto sangrento á nossa dignidade. Agora, o motivo do ataque e odio dos

monarchicos é a Inglaterra não ter impedido a queda do throno e não haver, depois, auxiliado a restauração monarchica. O confronto não esmaga os republicanos, esmaga os monarchicos.

Então, o nosso imperio colonial fora ameaçado pela Inglaterra. Ameaçado e desmembrado. Agora é ameaçado pela Allemanha. Então, a Inglaterra prejudicava e agora serve os nossos interesses.

Na conferencia havida no Bussaco, em 1891, entre Augusto Fuschini e José Falcão, este pronunciou a phrase celebre, e sincera, sincerissima, que, depois, repetiu por escripto: «Se a monarchia pode salvar a patria e restaurar as forças d'este enfraquecido orgaunismo nacional, que o faça... Nós não lhe pedimos mais».

Este confronto esmaga os monarchicos. Os republicanos tem commettido grandes crimes, e só um homem a sério lh'os estigmatizou em Portugal. Fomos nós. Não lhes poupámos nem lhes poupamos vehementes censuras. Nunca recuámos nem recuamos deante dos perigos que esse dever patriotico nos pudesse e nos possa acarretar. Mas este confronto esmaga os monarchicos.

Os monarchicos foram os creadores e os mantenedores da alliança inglêsa até a queda do regimen monarchico.

Os monarchicos foram os grandes desorganizadores d'esta infeliz sociedade. Não se leva em seis annos um paiz solido á nossa situação desgraçada. A indisciplina, a desordem, a anarchia, o desrespeito por tudo e por todos, a queda do espirito d'auctoridade, a corrupção, a crapula, veem do tempo em que os srs. Moreira de Almeida, José de Alpoim, José de Azevedo Castello Branco, e tantos dos que andam agora ahí clamando, eram corypheus monarchicos. E tão ruim era o espirito que os animava que até agora lhe sacrificam, n'esta hora solenne, a propria existencia da patria. Os republicanos aggravaram, e a sua missão não era aggravar, mas remediar. Essa é a sua tremenda responsabilidade. Mas não usurpem os monarchicos a toga da justiça para os julgar, que são réus do mesmo crime de lesa-patria.

Tudo isto devia pesar no animo dos partidarios do velho regimen para lhes impôr, ao menos agora, uma attitude decorosa. *Não pesou nada*. Tudo n'elles foi e é interesse baixo, tudo n'elles foi e é odio feroz. Assim acabaram de afundar a sua causa e assim se cobriram de ignominia na historia.

Eu conheci esse torpe, esse repugnante espirito capadocio. *E nunca me illudi*. Sem cessar

tenho vindo clamando: *não se fiem n'elles, que tudo n'elles é falso e hypocríta. Digam elles o que disserem, só ha n'elles uma verdade: uma anciania tamanha de mandar, muito mais, no fundo, do que propriamente odlo á republica, que por ella deitarão fogo a tudo, ainda que saibam que só restarão ruínas para sobre ellas saclarem a sede de mando que os devora.*

Os factos teem confirmado todas as minhas previsões e teem posto em relevo todas as minhas palavras.

Elles não perdem pitada, como vulgarmente se diz, no sentido da miseravel propaganda germanophila. Não vêem a Grecia, como já lhes disse a *Republica* e muito bem, mas vêem a Romania, cuja situação nada tem de comparavel á da Grécia. Não vêem o admiravel exemplo da França, o seu espantoso espirito de heroismo, a grandeza enorme da sua solidariedade, a sua disciplina e ordem modelares, para só verem a força da Alemanha. Vêem *tudo* quanto é favoravel á Germania e *tudo* quanto pode, levando o medo ou o desalento ao espirito publico, prejudicar a nossa ida para a guerra. Não vêem *nada* que possa favorecer os aliados ou exaltar entre nós o sentimento nacional e patriótico.

O caso da Romania é de mediocre importancia, embora Julio Gomes, mascara do sr. Brito Camacho, o considere uma *terrivel calamidade*. E não deixarei passar esta occasião sem mais uma vez fulminar o procedimento d'esse homem. Se é revoltante a attitude d'aquelles dos monarchicos a quem chamo *cupadoeiros*, a enorme maioria que manobra á ordens de Moreira de Almeida de mãos dadas com o Santo Condestabre, mais revoltante ainda é a attitude do sr. Brito Camacho. Elle bem se quer abrigar atrás da *liberdade critica*. O que é pena é que a *liberdade de critica* lhe dê para aproveitar todos os incidentes, como o *collega* Moreira de Almeida, para enfraquecer e deprimir o sentimento publico, de mais a mais n'esta altura em que já não podemos recuar.

O caso da Romania não representa de forma nenhuma um *desastre*. E' um incidente de *grande guerra*, sem as menores consequencias graves. Houve falta de solida preparação militar? Houve o erro de preferir o ataque da Transylvania ao ataque da Bulgaria? Mas se os exercitos da Romania não estão derrotados, se o territorio d'esse paiz ainda não está invadido, em que consistirá a *terrivel calamidade* descoberta pelo sr. Brito Camacho?

Dão-me vontade de rir, estes *gigantes* arvorados em criticos militares.

O *collega* da *Lucta* diz que os aliados, não saltando em casa dos *romaios* para militarmente os organizar, segunda vez *claudicaram*. A primeira foi quando deixaram ir para a *outra banda* a Bulgaria. O *collega* do *Dia* acha que os *romaios* soffrem um *cheque terrivel* no seu brio nacional com a entrada dos russos no seu territorio para dirigirem as operações militares. E eis como basta esta flagrante contradição para que a má fé e a perfidia dos dois irmãos siamezes... na velhacaria, fiquem bem reveladas.

O sr. Brito Camacho faria melhor, se fosse um patriota, em aproveitar o caso da Romania para demonstrar que até ahí nós gosamos de aquelles favores da Providencia que, á força de repetidos, se vão tornando escandalosos. Na verdade, tirando nós da guerra tantas vantagens futuras, pelo menos, e já o demonstrámos, como a Romania, a Servia, a Belgica e a Grecia, admittindo que esta ultima ainda venha a associar-se aos aliados, o nosso esforço e o nosso sacrificio são *inecomparavelmente menores*. Estamos longe de ser invadidos, como o foram a Belgica e a Servia, pelo inimigo feroz. Não passaremos os tormentos d'esses dois paizes martyres. Não correremos, sequer, esse perigo, como o está correndo a Romania e a Grecia, esta já invadida *sem declaração de guerra*. E o nosso apoio em homens, em vez de ser a nação inteira em armas, como n'esses pequenos paizes, limita-se a uma fracção minima, comparada com a nossa população, e até com os nossos recrutamentos militares. E em lugar de erguer as mãos ao céo, provocamos a colera de Deus e dos homens não descançado, porque não descançaremos, enquanto, na corrente da velha loucura portugueza não atirmos com tudo, independencia, patria, colonias, fortuna individual e social, honra propria e nacional, a sorte bruta que ha tantos annos nos persegue, enfim, *tudo*,... pela janella fóra.

Ah, como estamos longe dos tempos, em que o grande épico exclamava:

*E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.*

Do n.º 33, é da scerie *Portugal na Guerra*:

«Diz-se que os republicanos só querem que Portugal entre na guerra por estarem convencidos de que d'esse modo consolidam a republica. Acreditamos. Não pomos mesmo duvida nenhuma. E' por

espírito de banditismo que os republicanos defendem a nossa participação na guerra, como é por espírito de banditismo que os monarchicos a combatem. Isso estamos nós farto de saber. E de dizer. Ainda nós querem ouvir mais uma vez afirmar que monarchicos e republicanos não passam, em regra, de uma grande sucia de bandidos? E' claro que ha excepções. Ha monarchicos, como republicanos, honrados e patriotas. Mas esses mesmos são os primeiros a reconhecer e confessar que a turbamulta dos seus correligionarios não passa de uma grande sucia de bandidos.

Na sociedade portugêsa, é geral o sentimento baixo, o sentimento vil. Ha republicanos que só teem em vista, com a nossa participação na guerra, consolidar a republica. Mas ha outros que, combatendo-a, já se não importam com a queda da republica. Ahi estão a prova-lo os camachistas. Se não entrarmos na guerra, Portugal fica perdido. Mas a situação da republica é miseravel, abjecta, indefinivel. Que se importam com isso os camachistas? Acima dos interesses da patria e da republica estão os odios pessoases d'esses *cavalheiros*, odios pessoases e de bando, e os seus interesses vis. Já que não podem satisfazer a vaidade e o lucro do mando, já que não podem derribar por outra fórmula os democraticos e os evolucionistas, já que a unica maneira de saciarem os seus odios é sacrificar-lhes a patria e a republica, vinguem os odios, vingue a inveja, vingue a infamissima vaidade, e morram a patria e a republica.

Por aqui se vê quanto são complicados e complexos os moveis e sentimentos repugnantes que se agitam na vasa imunda que constitue a substancia da politica portugêsa, e quanto seria insensato e perverso que os patriotas se detivessem a tomar em consideração interesses de

bandidos. Estavamos bem arrançados! Não queremos saber quaes são as quadrilhas que ganham e quaes são as quadrilhas que perdem com a participação na guerra d'este desgraçado paiz. Guiamos o interesse da patria, unicamente. Coincide com o interesse da patria o interesse d'esta ou d'aquella quadrilha? Vice-versa, o interesse da patria é opposto ao interesse d'outra ou d'outras quadrilhas? Ai de nós, se tivéssemos de nos guiar por motivos tão baixos e tão vis. Se a nossa intelligencia e a nossa consciencia obedecessem a razões assim tão despreziveis.

Não ha um portugês, um só, mesmo d'enlre os miseraveis e covardes que combatem a nossa ida para a guerra, que não reconheça e *não confesse* que Portugal, não tomando agora logar ao lado da Inglaterra no campo da batalha, fica perdido. Não ha um só! Um só, repetimos! E perante esta verdade, é incontestavel que todo aquelle que directa ou indirectamente combate a nossa participação na guerra é *traidor*.

O que move o traidor? E' sempre o lucro material, o despeito ou a vingança. Ora são esses precisamente os moveis que impellem em Portugal os monarchicos capadocios e os infames camachistas.

Os verdadeiros patriotas, ou antes os patriotas, pois não ha verdadeiros nem falsos patriotas mas apenas patriotas e traidores, não estão a ver os interesses illieitos que á sombra dos interesses da patria se podem usufruir ou adquirir. Impedem-nos, se podem. Castigam-nos, se é possivel. Mas não aquilatam por elles o seu patriotismo. Não deixam de servir os altos interesses nacionaes porque, perigando a patria, do seu esforço para a salvar possa resultar a satisfação de um ou outro interesse pessoal, sempre, ao lado dos altos interesses nacionaes, baixo ou mesquinho. Ou *todas as patrias*, nos momentos solennes, *succumbiriam*.

Que seria da Belgica, da Servia, da França, da Inglaterra, da propria Alemanha, se a tão abjecta consideração submettessem o seu procedimento os cidadãos desses paizes? Os socialistas são naturalmente inimigos do capitalismo e do militarismo. Todavia, os socialistas alleinães, esses sobretudo, e os socialistas belgas, inglêses e francêses não estiveram a ver se, dando o sangue pela patria, favoreciam ou não favoreciam a causa do capitalismo e do militarismo. Até os anarchistas, *os sem patria*, já o dissemos, morrem gallhardamente e nobremente sacrificando-se,—tanto podem os sentimentos natos,—ao patriotismo.

Na Belgica, na Servia, na Romenia, na Russia, na propria Inglaterra abundam os republicanos. Nenhum republicano esteve a perguntar n'esses paizes se da guerra resultavam ou não resultavam beneficios para a monarchia. Na Italia deu-se até este facto curioso: os maiores propulsores da guerra foram os republicanos.

Nenhum monarchico esteve em França a averiguar se a guerra fortificava a republica.

Essa baixeza, essa indignidade, essa immoralidade, essa infamia, estavam reservadas para este desgraçado paiz.

A guerra acarreta em todos os paizes *negocios escuros*. Em todos os paizes! Serve de pretexto e capa a mil especulações e traficancias. Por milhares de pessoas que empobrece, enriquece duas ou tres duzias de bandidos. Castigam-se os especuladores e evitam-se as especulações até onde é possivel. Mas nunca especulações torpes e torpes especuladores serviram de pretexto para deixar de cumprir os deveres de patriotismo. Mais outra miseria, mais outra infamia que estava reservada para este desgraçado paiz.

Depois, quem sabe lá quem ganha, quem sabe lá quem perde com o resultado das guerras, sempre tão incertas e

contingentes? Se a republica ganhar em Portugal, não é pelo resultado da guerra, é pela falta assombrosa de sentimentos patrioticos que demonstrou a grande massa dos monarchicos e dos catholicos politicos. Esses crimes pagam-se caro. E os monarchicos e catholicos politicantes, que são tambem a maioria dos que se dizem catholicos, hão de paga-los carissimo. Pagam-nos em *todos os casos*. Quer vamos, quer não vamos para o campo de batalha. Se vamos, pagam-nos, porque todos os seus esforços consistiram, levantando terriveis embaraços ao cumprimento do dever patriotico, em fazer *que não fossemos*. Se não vamos, pagam-nos porque o seu *triumpho* assentará sobre a total ruina do paiz.

Não houve, não podia haver politica mais estúpida. Se os monarchicos, em vez de fazer o contrario, na sua enorme maioria, houvessem seguido os conselhos do Senhor D. Manuel, sempre patrioticos, intelligentes e *politicos* desde o principio, tinham creado um prestigio sem igual, uma auctoridade immensa. Quando maiores provas dessem de patriotismo, mais desciam os republicanos, cujo destino fatal é praticar brutalidades e violências, que não deixariam de praticar em caso nenhum, e mais subiriam elles, monarchicos, no conceito publico, dentro e fóra do paiz. Nunca os republicanos se poderiam apresentar, como agora, os portaestandartes da honra e dos interesses da nação. E, no fim da guerra, todas as probabilidades seriam a seu favor. Mas o rei dos capadocios, o *grande politico*, no fundo uma *verdadeira mediocridade*, não quiz. Como elle encarnava em si todo o espirito do banditismo monarchico, foi elle que triumphou. E assim conduziu a causa monarchica a um desastre completo, a uma queda de que não mais *levantará cabeça*.

Não digam que é a guerra que conso-

lida a republica, se formos para a guerra, e o resultado da guerra, como se espera, fôr feliz. Quem a consolidou, n'esse caso, foi a torpe e estúpida politica dos capadocios, a mais torpe e estúpida que, em circunstancias identicas, em todas as epochas da historia e em qualquer paiz do mundo, se tem visto.

Isto no caso d'irmos para o campo da batalha. Se não formos, porque o impeça a conflagração que os capadocios, de braço dado com syndicalistas revolucionarios, anarchistas e *tutti quanti*, andam provocando ha muito tempo, da mesma forma é *torpe e estúpida* essa politica nefasta que Moreira de Almeida, *collega* de Brito Camacho, enearnou. Ou, consequencia d'esse desastre, caia ou não caia a republica. Se cahir, tanto peor. A monarchia, sem auctoridade, sem prestigio, incompativel com o sentimento nacional, maculada, deshonorada, exauctorada, terá como pedestal um *montão de ruinas*.

Não ha argumento nenhum, absolutamente nenhum, que attenuie, sequer, a infamia de todos os portuguezes que n'esta hora tão grave se eximirem, ou tentarem eximir-se, ao eumprimento do dever. Tudo se reduz a sophismas boças, grosseiros, repugnantes no intellectual e no moral, como temos demonstrado e continuaremos demonstrando.»

Do n.º 34, de 5 de novembro de 1916, e da serie *Portugal na Guerra*:

«Não sei quem é que me manda, nem com que proposito, um exemplar do *Dia*, de 2 de Maio de 1914. Pode ser um monarchico e pode ser um republicano. Pode ser um germanophilo e pode ser um alliadophilo. Os artigos que n'elle veem marcados com lapis enearnado podem dar logar a commentarios diversos. Mas ha uma parte que não admite, essa é que não admite, juizos varios ou oppostos.

Essa é fulminante. E' o commentario que subseveve o accordo anglo-aleinão.

N'esse numero do *Dia* vem, transcripto da *Revista Colonial*, o texto, em ing'ês e portuguez, da supposta divisão das colonias portuguezas africanas. Vae hoje n'outro logar d'este jornal, transcripto do *Dia*, que vale a pena. E' um documento d'alto valor historico, de muita opportunidade, por todos os motivos muito importante e muito interessante. Ora Moreira de Almeida, depois de o transcrever, poz-lhe por baixo:

Não commentamos. O paiz julgará. E se for de gesso, tanto peor para elle. Quando nem isto o desperte, o que poderá chamar o á vida?

Aqui está o homem mais uma vez admiravelmente retratado. Patriota, quando a politiquice o levava a exaltar o patriotismo para ferir a republica. Traidor, agora que a politiquice, pelo mesmo motivo, o leva a contrariar o movimento patriotico. E são todos assim. Esta é a synthese do politicante nacional.

O primeiro artigo do tal accordo anglo-germanico era concebido n'estes termos: *Serão respeitados os direitos de soberania de Portugal, e as marcadas esferas de influencia entendem-se apenas no sentido economico*. Era uma maneira de dou-rar a pilula, bem sabemos. Comtudo, não era um roubo deseado. Era o primeiro passo para a perda futura do nosso dominio em Africa. Mas não era a perda desde logo. E, no emtanto, Moreira de Almeida entendia que era motivo para o paiz despertar do seu lethargo. Hoje, que essa perda, se os alliadados forem veneidos, é *immediata e fatal*, Moreira de Almeida *nem consente* que os monarchicos se ofereçam para defender a sua patria.

E' fulminante. Esmagador, na sua logica implacavel. Mas é triste e vergonho-

so. Sim, triste. Nós somos todos portu-
guêses, monarchicos e repubiicanos. Ou o
espectaculo da degradação venha d'uns
ou d'outros, fere em cheio a nossa raça.

O documento a que nos estamos refe-
rindo não deixa a menor duvida, nem
sobre os destinos que sem a guerra esta-
vam destinados ao nosso imperio africa-
no, nem o que nos succederá com o
triumpho da Germania. Elle confirma
absolutamente o que temos dicto n'esta
serie d'artigos patrioticos. Veni mostrar,
como ainda diziamos aqui, n'esta mesma
secção do artigo de fundo, ha poucos
dias, que a guerra foi uma *sorte grande
para Portugal*. E foi, em que pese aos
traidores e aos covardes. Foi, miseraveis!
Só traidores e covardes, só miseraveis da
ultima especie trocam a vida immortal do
seu paiz pela contingencia de perderem
a sua porca vida pessoal. A vida immor-
tal no sentido largo, e grande, e glorio-
so da palavra. Porque, na triste realida-
de, não se pode considerar immortal o
que depende, afinal, do querer ou do
não querer de uma raça decadente, disso-
luta, abastardada.

Supponhamos, porem, que em vez de
uma raça que comporta os canalhas dos
papelinhos e os canalhas capadocios, uma
raça cheia de materialões, de egoistas e
de pullias, isto era a França, isto era a
Belgica, ou o antigo e heroico Portugal.
Ninguem deixaria de concordar que, para
a situação que as circumstancias nos tinham
creado na primeira metade de 1914, a
guerra não fosse a sorte grande para
Portugal.

Tudo estava perdido. Absolutamente
perdido. Estavamos no caso de um ho-
mem sem credito, sem honra e sem di-
nheiro. E eis que á custa de um *esforço
mínimo*, eu repito: de um *esforço mí-
nimo*, tudo muda para nós.

E' superfluo discutirmos se a Inglaterra
andava bem, fazendo o occordo com a

Allemanha, ou andava mal. Nem sei se
foi para mostrar como ellas, as duas, sa-
crificando-nos se entendiam, que mãõ
anonyma nos mandou o exemplar do
Dia em que vem o documento. Mas essa
discussão, para o caso, de nada vale. Eu
entendo, já o escrevi, que a Inglaterra
não podia resistir á pressão que sobre
ella exercia a Allmanha, como muito bem
disse o director do *Times*. A Allemanha
pesava enormemente, era uma grande
ameaça para o mundo, e sem duvida que
a Inglaterra não se arriscaria n'uma guer-
ra com ella, só por nossa causa. Admit-
tamos, porem, que a Inglaterra nos sacri-
ficava de bom grado. Admittamos o que
quizerem. A verdade é que a situação, se
quizermos, se a soubermos aproveitar,
mudou inteiramente para nós.

Deixemos as restricções, os sophismas,
as chicanas, os embustes, as intrigas, a
perfidia, a má fé d'esse miseravel rei dos
capadocios. E' claro que a União Sul
Africana, como a Inglaterra, como a Bel-
gica, como a França, hão de guardar
para si o melhor quinhão. Sendo, umas,
nações poderosissimas, sendo, outras, como
a Belgica, nações martyres, tendo todas
ellas feito enormes sacrificios com esta
guerra, haviam de nos vir presentear com
os seus bons boccados só porque temos
a dita de possuir... o rei dos capado-
cios! Mas tambem é claro que não nos
veem *espoliar*. E isso é tudo. Por maior
que seja o espirito d'embuste e de intri-
ga, e ainda que seja mais alta que a
torre dos Clerigos a somma de desleal-
dade e de má fé que sobrecarrega o
nosso rei dos capadocios, elle não se
convence a si nem a ninguem de que os
alliados acabarão por nos espoliar. Isto,
se procedermos com elles com dedica-
ção e lealdade. Ora basta isso para que
fiquemos largamente compensados. Ainda
não démos aos alliados, com perto de
dois annos e meio de guerra, nenhum

auxílio armado. Em guerra declarada com a Allemanha ha mais de seis mēses, andamos aqui em grande panria e em *grande pandega* sem nos succeder nada. Os outros s̃o invadidos, assolados, arrasados, incendiados. Não dizemos que soffrem tratos de polé, porque as velhas torturas eram um allivio, quasi *mel*, ao pé dos martyrios que a invas̃o allemã inflige áquelles desgraçados. Pois, recebendo nós em troca, nós, a quem obrigava houradamente a todos os sacrificios a simples alliança com a Inglaterra, pois recebendo nós em troca a consolidaç̃o do nosso imperio colonial, a garantia da nossa independencia, que estava mais uma vez sériamente ameaçada, e ainda outras vantagens, não ficamos largamente compensados? E estando parte d'isso perdido, se não tudo, ou em grave risco de se perder, antes do dia 1 de Agosto de 1914, a guerra não foi a sorte grande que sahiu a Portugal? Diga que não a traiç̃o, a covardia, o abjecto egoismo, a infamia, que nós diremos que sim á face da justiça e da verdade. E com estas emmudecereinos essas linguas viperinas, fecharemos a bocca a todos os canalhas.

Bandidos! Os fadistões de Lisboa a espalhar papelinhos contra a guerra, e ao mesmo tempo fabricando bombas e ameaçando com ellas a cidade! Não se arrisque a vida pela patria. Mas joguemol-a para satisfazer o espirito de desordem e anarchia d'esses canalhas. O exercito portuguez não pode ir para a guerra salvar os interesses da nação e honra d'esta raça. Mas Lisboa pode ser arrasada com bombas ou incendiada por esses bandidos e pelos capadocios. Nada de guerra, em favor e bem da patria. Mas haja guerra e mais guerra para satisfazer os interesses e as vaidades, ou o espirito louco e mau do bando anarchista e do bando capadocio.

Os miseraveis!

O paiz *era de gesso*, se não se erguesse contra o accordo anglo-allemão indignado. *O que poderia chama-lo á vida se nem aquillo o despertasse?* Mas, declarada a guerra entre a Allemanha e Portugal, até o rei d'elles foi *corrido*, por manifestar sentimentos patrioticos. Houve revolta surda contra o rei, por o rei ter ordenado que offercessem os seus serviços á republica na defesa da patria, clamando-se que o rei... **não tinha o direito de os deshonrar!**

Ah, mariolas!...

Fala-se na minha peuna de pamphletario. Eu quero lá saber da penna e vale lá de nada, para estes bandidos, a penna de pamphletario! O que eu queria era ter força para afogar estas serpentes, apertando-lhes as guellas. Então, sim, que ficava salvo este paiz e redimida esta raça.

Que tristeza, termos nós todos, os bons, nascido n'esta patria!

Vejamos agora o documento, publicado, sob o titulo **O Accordo Anglo-Allemão**, no mesmo numero, a que este artigo se refere:

«Vae tal qual o encontramos no *Dia* de 2 de maio de 1914. Archive-se no *De Aveiro*, que ficará sendo no futuro, com o seu antecessor, o *Povo de Aveiro*, um preciosissimo repositorio.

Archive-se, sem deixar de ler o que vae hoje no artigo de fundo como commentario.

O que vamos transcrever documenta o que hontem dissēmos, e encontramos na *Revista Colonial*, de 25 do mez findo:

«A falta de noticia official sobre o teor das clausulas do accordo entre a Inglaterra e a Allemanha a respeito das nossas colonias d'Africa, damos aqui aos nossos leitores um extracto do que já corre pela imprensa estrangeira, como sendo as linhas geraes de tão sensacional instrumento:

1. The sovereign rights of Portugal are to be respected and the spheres of influence marked out to be understood in an economic sense only.

2. Germany is to be given a controlling interest in the Benguela-Katanga Railway now under construction. Consequently, the northern limit of 14 deg southern latitude, which was mentioned in the treaty of 1898, is to be abolished or removed northwards. Probably England will not claim any special interest in the whole of the Angola colony. Once in possession of a paramount interest in the line Benguela-Katanga, Germany is credited with the idea of prolonging it to Lake Tanganyika, to which for the last ten years she has been building a railway from Dar-es-Salam, on the eastern coast. It will be the first Trans Equatorial line.

3. As a set-off against the remodelling in favour of Germany of the Angola clauses of the 1898 agreement, the British share in the Mozambique colony will be increased, the northern limit of the Zambesi being either removed northwards or altogether suppressed. In short, while the Cape Colony would be cut off from every communication with the Gul of Gaboon, its eastern outlet towards the Indian Ocean would be largely increased.

The Nyasaland Protectorate, which is separated from the seaboard by Portuguese East Africa, and at the present time is building a railway towards the harbour of Beira, would probably be enabled to communicate with the sea in a direction more eastern and less southern.

1.º Serão respeitadas os direitos de soberania de Portugal, e as marcadas esferas de influencia entendem-se apenas no sentido economico.

2.º A Alemanha terá um direito de predomínio no Caminho de ferro de Benguela Katanga, agora em construcção. Consequentemente o limite de 14 graus de latitude sul que ficou mencionado no Tratado de 1898 tem que ser abolido ou removido para o norte. Provavelmente a Inglaterra não exigirá qualquer interesse especial em toda a provincia de Angola. Uma vez na posse de um interesse precípua na linha Benguela-Katanga, a Alemanha fica responsavel pelo seu prolongamento ao lago Tanganyika, para onde anda ha dez annos a construir um caminho de ferro a partir de Dar-es-Salam na costa oriental. Será essa a primeira linha Transequatorial.

3.º Como compensação da remodelação, em favor da Alemanha, das clausulas do Tratado

de 1898 relativamente a Angola, augmentará o quinhão da Inglaterra na provincia de Moçambique, sendo o limite septentrional da Zambesia ou removido para o norte ou completamente suprimido. Em summa, ao passo que a Colonia do Cabo será removida de toda e qualquer communicacão com o golpho de Gabon, será largamente augmentada a sua expansão no Oceano Indico.

O Protectorado do Nyassa, que está separado do mar pela Africa Oriental Portuguesa e está presentemente construindo um caminho de ferro dirigido ao porto da Beira, ficará provavelmente em condições de communicar com o mar n'uma direcção mais para leste e menos para o sul.

Não commentamos. O paiz julgará. Se for de gêsso, tanto peor para elle. Quando nem isto desperte, o que poderá chamal-o á vida?

Do n.º 35, e da serie *Portugal na Guerra*:

«Começamos a escrever este artigo antes de se reunir o Congresso Nacional. Não sabemos portanto se sim ou não se confirmará o boato de que no congresso é fixado o dia da partida das tropas para França. Mas tudo leva a crer que esse dia está próximo. Chegou, pois, o momento decisivo para Portugal. Honrar-nos-ha? Salvar-nos-ha? Assim o esperamos. E para isso, todos o sabem, temos trabalhado sem descanso.

Essa foi a missão que, desde a primeira hora em que surgiu, se impoz este periodico. Não se passou uma semana, uma unica, em que não publicássemos um, dois, três, algumas vezes quatro e cinco artigos patrioticos. Um, pelo menos, e raramente um só, era constante. Nenhuma outra gazeta portugüesa, nenhuma!, fez tão larga e tão intensa propaganda patriotica. E foi pena. O nosso exemplo, seguido, teria produzido, n'este paiz tão abatido, onde cahiram tão baixo todos os nobres sentimentos, admiraveis resultados.

Não era sem um fim especial, muito pensado, que batíamos o assumpto, repi-

sando até os argumentos. Conhecemos a palmas a indolencia, a preguiça intellectual, o abandono, a indiferença d'este povo. E' preciso espicaça-lo, suggestiona-lo, erguer-lhe o enimo abatido, accor-dar-lhe os sentimentos moraes. Assim, consegue-se muito d'este povo e de todos. No fundo, é igual a humanidade. E os processos de hoje são os de hontem, e ainda por elles se consegue o que se conseguiu ha mais de vinte seculos. O *Delenda Carthago* é de uma eterna verdade. Infelizmente, governo, imprensa, todos os que defendiam ou diziam defender a acção patriótica, descuidaram-se. Não oppuseram uma tenaz e incessante propaganda, á ter-rível, á perfida,—e essa sim que não per-dia um minuto,—propaganda dos con-trarios. Oxalá que isso não seja de con-sequencias lamentaveis.

O nosso dever cumprimo-lo. Por nós, cumprimo-lo. E apraz-nos recorda-lo n'este momento, satisfeito por termos despe-dido sobre a cabeça dos traidores as mais fortes e certeiras machadadas.

Não acreditamos, não acreditaremos que a obra da traição possa vingar. Pois que? Pois os descendentes d'aquelles

*Que da occidentat praia Luzitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram*

hão de renegar os seus maiores, hão de rasgar as folhas dos Lusíadas, hão de afo-gar em lama a sua história?

Miseraveis canalhas, dirigidos por ho-mens a quem chamam gloriosos, um dos quaes, o peor, appellidam de novo Santo Oondestabre, proclamam, n'un sophisma infame da taição, para justificar o seu he-diondo crime, que esta guerra não é na-cional. E era nacional a guerra d'esses que

*Por mares nunca de antes navegados
Passaram atnda atem da Taprobana?*

Por não ser uma gerra de defesa é que esta guerra não é nacional. E era uma gerra de defesa a que tizeram **esses** que

*Entre gente remoto edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram?*

Nós hoje perdemos tudo, **mas tudo**, se não formos para o campo da batalha. O que perdiam, se não fossem, aquelles

A quem Neptuno e Marte obedeceram?

E deixaram d'ir?

Ah, bandalhos!...

O poeta disse:

*Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram,
Cate-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiveram,
Que eu canto o peito illustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se atevanta.*

Na verdade, o que eram ao pé das nossas as navegações de gregos e troianos? Que coragem não foi precisa para sulcar o mar lendario, o mar mysterioso, o mar tenebroso? Que perigo, ao pé d'esse pe-rigo, é o decantado perigo das trinchei-ras germanicas? Quantos foram que não voltaram? Fala-se agora dos que morrem combatendo nas trincheiras e diz-se que são muitos. Mas quantos sobreviveram, quantos, d'esses velhos heroes, aos com-bates com as feras, com as doenças, com as inclemencias do ceu, da terra e do mar, com a fome e a sede, com os mi-lhões de homens, que elles, um punhado de bravos, guerrearam e subjaram? E quantos tormentos não soffreram os pou-cos que ás suas terras regressaram? Tudo por amor da gloria. Elles não iam defen-der um imperio africano como agora.

Elles não iam afirmar, assegurar a independencia nacional seriamente ameaçada. Elles iam, aventureiros audazes, batalhadores sem par, valentes entre os valentes, por simples amor da gloria. O poeta tinha razão :

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta.*

Ha de a covardia dos que se dizem portuguezes cuspir agora n'esse livro de oiro que de tanto nos orgulhamos? Fugir á guerra é cuspir, é tornar irrisorias, é enlamear as paginas sagradas d'esse livro immortal. Seria a maior ignominia da historia.

*Veréis amor da patria não-movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno,
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouví: vereis o nome engrandecido
D'aquelles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.*

Basta. Eu não creio que o exercito portuguez desminta, por um minuto, essas palavras, que ainda são a nossa maior honra e gloria. E o povo, o proprio povo o confirma, quando diz: *Morra um homem, mas fique fama.* Tal qual. A morte não é nada. A fama é tudo. E d'ella só tem vivido e vive Portugal. Não creio. E como o hei de crer, se o official é que faz o soldado e se nenhum official tem no mundo mais necessidade que o nosso official de combater? O official do exercito portuguez vive desde 1834 na paz mais absoluta. Ha 82 anos! Durante esse periodo, bateu-se o official do exercito allemão em tres grandes guerras, pelo menos. Contra a Austria, em 1866. Contra a França, em 1870, e actualmente. Pondo de parte as guerras d'Africa, bateu-se o official francês contra a Austria, na campanha d'Italia, contra a Russia, na

campanha da Criméa, contra a Allemanha, em 1870, e actualmente. Bateu-se o official russo, sem falar nas numerosas guerras de alargamento de fronteiras, contra a França, a Inglaterra e a Turquia reunidas, na campanha da Criméa. Contra a Turquia, em 1877. Contra o Japão, em 1894, e actualmente. O mesmo se diz do official servio, do official romeno, do official inglês e do official italiano. Repetidas vezes verteram o seu sangue pela patria, ou antes, quando os governos e as circumstancias li'ro impuseram. Vertiram o seu sangue e soffreram todas as inclemencias e duras consequencias de luctas poderosas e renhidas como essas. Todavia, não teve soldos nem promoções inferiores ás suas o feliz official do exercito portuguez. A monarchia teve por *principal objectivo* trazer contente o official do exercito portuguez. Pode-se até dizer que só esse objectivo lhe occupou a sério o pensamento. A republica *tem-se desfeito* a dar-lhe promoções, a acarinha-lo, a protege-lo e a engrandece-lo. Quem acredita, quem admite, que o nosso official não aproveite *cheio de alegria* esta occasião para mostrar ao paiz que os sacrificios que lhe tem custado não foram feitos inutilmente? Quem lhe faz a affronta, a tremenda affronta, de suppor que a honra é para elle uma palavra van e de que elle não sabe que a honra, alem do patriotismo, alem do culto da profissão, lhe impõe agora um *unico caminho*?

O soldado, o homem rude das cidades e dos campos, que tem por divisa *morra um homem mas fique fama*, não se revolta, é loucura admittir essa idéa, perdendo Portugal, renegando os seus antepassados, cobrindo de lama a velha e gloriosa patria de Camões. Mas a admittir por um segundo essa hypothese, mera hypothese, *todos* os officiaes d'este exercito, *todos*, no honroso e *imperioso* dever, por tantos titulos *imperioso*, de suf-

focar a soldadesca ignara, se fariam esperar nas pontas das bayonetas.

Mas, felizmente, não corremos esse perigo. O soldado não é menos digno, nem menos nobre, nem menos patriota, nem menos corajoso do que o seu chefe. Nas suas veias corre o sangue dos que

*Por mares nunca de antes navegamos
Passaram ainda além da Taprobana.*

Cumprirá, por seu turno, o dever. Contudo, os homens dos papelinhos e os capadócios já apagaram alguns dos gloriosos versos de Camões. Para que estes tornassem a refulgir, para que pudéssemos continuar a ser dignos das palavras do poeta, quando escreveu:

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta*

*E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei, se de tal gente*

e sendo certo que o poeta escreveu mais

*... que também dos Portugêses
Alguns traidores houve algumas vezes*

era necessário que o governo tivesse a *fraca coragem*, que nem *forte coragem* é precisa para isso, de fazer, *sem appello nem aggravo*, enforcar os traidores.

Não a tem. E eis a vergonha! E eis mais do que a vergonha. E eis o grande perigo!

O governo esqueceu a grande máxima do direito publico em Roma.

Salus populi suprema lex esto.

E eis o grande perigo!

N'este ponto é preciso interromper a transcrição dos artigos *Portugal na Guerra*, para que este opusculo se não encerre sem abranger a revolta de 13 de Dezembro. Esta revolta foi precedida, como se sabe, do adiamento das eleições administrativas, adiamento decretado pelo governo a pretexto de ordem publica, pretexto que se tomou como falso ao principio, mas que os factos vieram a mostrar ser verdadeiro. Ora sob o titulo **O Adiamento das Eleições**, escreviamos nós no n.º 35 de *O de Aveiro*, de 12 de novembro de 1916, um artigo, do qual extrahimos os trechos que se seguem:

Os monarchicos-capadocios, que são *quasi todos* os monarchicos, não cessaremos de insistir n'este ponto, tinham uma unica divisa: *Tudo menos isto*. Mas divisa seguida á risca, affirmada e mantida com energia ferina. Causava horror! Era inutil appellar para as *coisas mais sagradas*. Honra, patria, ou principios, tudo para elles eram *cantigas*. Uma materialidade de pôr em pé os cabellos, uma ausencia de espiritalismo tão brutal que á força de brutal se tornava incomprehensivel, uma mentalidade de lama, emfim, *uma coisa nunca vista*. **Tudo, menos isto**. Isto era a republica. **Tudo** era a invasão da Hespanha, era a victoria da Allemanha, era, consequentemente, a perda das colonias e da independência, era Lisboa a arder, era o paiz voando, comtanto que elles pessoalmente se salvassem, á força de dynamite. Foi a unica *tenacidade*, a unica *coherencia*, a unica *teimosia* que lhes conheci.

N'isso estavam e n'isso estão. Não se illudam. E' claro, — eu já excusava de o dizer, — que não são todos os monarchicos. Mas é a enorme maioria. São muitos, mesmo, dos que se dizem partidarios extremes do Senhor D. Manuel. Que sigam verdadeiramente o Senhor D. Manuel, isto é, que se inspirem no exilado de Twickenam,

não ha, em todo o paiz, um cento d'elles. Ha-os sim, que não só preferem o Senhor D. Manuel mas que até aborrecem o Miguel. E esses mesmos em grande minoria. Porque para a boçalidade e materialidade monarchicas, que são geraes, tanto faz que venha Manuel como Miguel, hespanhol, allemão, turco ou chinez. Mas, emfim, ainda se pode dizer que ha uma minoria que, n'esse ponto, quebra lanças pelo Senhor D. Manuel. Mas em se tratando de derribar a republica, a esses mesmos todos os meios lhes servem, e mandam para o diabo o Senhor D. Manuel com os seus *escrapulos* ou *manias*. Então, nem um cento, repito, obedecem ao real proscripto. Tornam-se todos capadocios da gemma. E se, mais intelligentes ou prudentes, não berram alto, como a parte estúpida do bando: *Tudo, menos isto*, em segredo vão murmurando: *Effectivamente, tudo... menos isto*.

Eu conheço-os. Oh, se os conheço! Eu conheço-os e *sei muita coisa*, que não direi, porque o não devo dizer. Ainda até este momento não comprometti ninguem pessoalmente. Mas se o que eu ouvi, ainda que não fosse *em confidencia*, deve manter o character reservado da conversação particular, pelo menos nas minucias que pessoalmente compromettem, nada me prohibe que n'um momento de grave crise nacional eu grite *Alerta!* ao meu paiz. Nem só m'o não prohibe mas até me impõe a obrigação de o fazer. E é o que eu faço, e é o que eu fiz. Com a auctoridade do meu character, da minha intelligencia, da minha experiencia, da minha sciencia dos factos e das circumstancias dos ultimos seis annos da minha vida, eu venho clamando *ha oito meses*: não se fiem n'elles, ou estão perdidos. Ou estão perdidos, não. *Ou estamos perdidos*. Faz differença. Se una revolução, se motins populares, se fundas perturbações de qualquer ordem impedem que o exercito portuguez marche para o campo da batalha, Portugal está perdido. Por mim tenho feito *todos os esforços* para o evitar. Todos os esforços e *todos os sacrificios*. Se ninguem me tiver ouvido, eu ao menos, fico com a consciencia tranquilla.

Sim, senhor, n'essa parte o governo tem razão. Eu não ei • que elle sabe, como elle não sabe •

que eu sei. Mas o que é certo, é que se *conspirou sempre* e que ultimamente se conspirava *mais do que nunca*. Mas o que é certo, é que a *divisa tudo menos isto* foi mais aclamada e apregoadada depois da declaração de guerra da Alemanha do que mesmo antes d'isso. Mas o que é certo, é que a colligação entre capadocios e anarchistas era hoje mais estreita do que ha 12 ou 15 meses. O resto é com a policia.

Porque foi a Londres o sr. Annibal Soares ultimamente? Ainda não vi que nenhum dos órgãos do governo ou da *grande publicidade* procurasse averiguar-lo com nitidez. Já vi escripto que o Senhor D. Manuel ameaça fulminar os que não cumprirem á risca as suas ordens, expulsando-os do partido. Mas essa ameaça é *velha* no Senhor D. Manuel e elle nunca a fez senão em momentos solennes e de crise. Velha tanto quanto o pode ser nos breves meses de guerra decorridos. O Senhor D. Manuel tẽia pela primeira vez em outubro de 1914. Repele-a agora? *Anda molro na costa*. Esteve ou está imminente uma nova tentativa de revolta, em que *poderosos elementos realistas andam envolvidos*.

A viagem do sr. Annibal Soares a Londres tem muitos pontos de contacto com a que o director da *Restauração* fez em 1914. E' o mesmo caso. Não tenham duvidas. O director da *Restauração* foi a Londres quando já era impossivel levar os monarchicos a respeitar as ordens do Rei. O director da *Restauração* foi a Londres para pôr a situação clara ao Senhor D. Manuel e ver o que em conclusão elle dizia. O Senhor D. Manuel reitrou, energicamente, o que anteriormente tinha dicto. E, não obstante, a revolta rebentou.

A ameaça de *expulsão do partido*, de que se fala, só se pode entender com Paiva Couceiro. E' contra esse que o Senhor D. Manuel a tem suspensa ha muito tempo. A irritação do Senhor D. Manuel contra esse cavalheiro *não tem limites*. No dia em que fôr feita a historia do que se vem passando ha dois annos com esse heroe, o *Santo Condestable* fica enterrado em lodo até a ponta dos cabellos. E' pena que se torne impossivel arrancar ao Senhor D. Manuel os documentos que possui contra Paiva Couceiro. Porque só depois d'elles publicados se veria a impostura tremenda, a iniquidade, a mentira da lenda que os tratantes dos capadocios tem tecido em volta d'essa figura odiosissima. Repito, e haja quem o conteste que eu lhe responderei: a irritação do Senhor D. Manuel contra esse homem, não hesitando, em particular, em o accusar de *traidor*, não tem limites. E, comtudo, Moreira de Almeida, o celebre Moreira de Almeida, o nosso Rei

dos capadocios, o nosso Papa de Avinhão, não cessa de o exaltar, de o incensar, de o engrandecer, e ainda ha pouco lhe chamava a *figura primordial do partido*.

Se Paiva Couceiro está ou não em relações directas com os allemães, ignoro. Mas os espadas gloriosas que o cercam, estão. Ora... ladrões não se encobrem de graça, diziam os jornaes progressistas, dantes, ao rei D. Luiz. Traidores também não. Se D. Luiz não encobria de graça os seus ministros, Paiva Couceiro não encobre de graça os seus logares tenentes. *Ladrões todos*, concluia-se acolá. *Traidores todos*, conclue-se aqui.

De um facto sei eu, foi-me revelado por um dos cúmplices, e este já de si é significativo. Certas espingardas, que estavam enterradas em certo ponto da fronteira, foram desenterradas com a ajuda dos allemães e com a mesma ajuda introduzidas no paiz. Cesteiro que faz um cesto faz um cento, o caso é ter verga e tempo.

Ignoro se Paiva Couceiro estava ou não estava em relações directas com os allemães, embora os factos que ficam narrados não devam deixar duvidas n'esse ponto. Mas sei, e já não é a primeira vez que o digo, que eram *íntimas* e constantes as suas relações com certos elementos revolucionarios de Lisboa. O *conservador* e o *catholico* não hesitou em dar a mão aos anarchistas. O que não sahiria, e o que não sahirá, quem sabe lá, d'essa valsa do inferno!

O patriotismo d'elles, e o seu decantado espirito d'orden, é isto.

E' claro, também já estou farto de o dizer, que a sua unica esperança estava e está no descontentamento que poderia produzir a ida para a guerra. D'esse modo, haviam de explorar o caso fortemente. E tanto mais, quanto mais se approximasse o momento da partida. E mil factos *públicos* nos mostram como elles andavam *mexidos*. Nos particulares não quero eu falar. Mas posso garantir que os emissarios de cá de dentro lá para fóra e de lá de fora cá para dentro, alguns conheço-os como os meus dedos, se repetiam.

Emfim, *isto está cheio de traidores*. São como cogumelos. E a conspiração era activissima. Não mentiu, pois, o governo, quando allegou as suas razões. Mas acima d'essas causas está outra maior: o choque entre democraticos e evolucionistas era muito grande em certas localidades e a esse choque a *União Sagrada* não resistia.

Mas alonguei-me mais do que desejava. Deixarei esse ponto para outro dia.

Estes periodos foram transcriptos pela *Republica*, e por ella commentados. O

Diario Nacional respondeu á *Republica*. E em 26 de novembro, n'um artigo que tinha por titulo *A Traição Glorificada*, escrevia eu no n.º 37 de *O de Aveiro*:

Ne *Diario Nacional*, de sexta-feira, 17 de corrente, e sob a epigrapha *Historietas*, lêmo isto:

«A *Republica* inseria hontem ao alte da sua primeira pagina um longo artigo transcripto do semanario *O d'Aveiro* e provido das seguintes epigraphas verdadeiramente alarmantes:—*A ida para a guerra—Revetações graves—Que foi fazer o sr. Annibal Soares a Londres?*

Lide o artigo, verificamos com certa satisfação que não se attribue ao sub-director de *Diario Nacional*, a preposito da sua ida a Londres, nenhuma missão bellica, por exemplo a de negociar com o estado-maior britannico a fórma da cooperação militar des portuguezes, ou coisa similhante, conformo pederia inferir-se do titulo citado. Ainda bem porque o sr. Annibal Soares, que é um simples soldado reservista, não pederia com tão altas responsabilidades estrategicas.

A verdade é que o sr. Annibal Soares foi a Inglaterra por motivos que nada tem com a politica. Estande em Londres, aproveitou naturalmente a occasião para apresentar os seus respeitos a Suas Majestades; mas d'ahi não vem ao mundo nem mal, nem bem.

O sr. Homem Christo, que é um jornalista imaginoso como os que o são, infere d'aquella viagem que *anda mouro na costa; que esteve ou está imminente uma nova tentativa de revolta, em que poderosos elementos realistas andam envotvidos*; e, se bem entendemos, que o sub-directer do *Diario Nacional* foi a Londres dar conta de tude isto ao Senhor D. Manuel e pedir as providencias de Sua Majestade contra os *poderosos elementos realistas* que, infringindo aa ordens régias, andam mettidos na censura.

Não sabemos se está ou não imminente alguma *tentativa de revolta*. Temos lide isto de vez em quando... nos jornaes do governo, e agora no de sr. Homem Christo, pressuresamente transcripto... pelo ergão do sr. Presidente do Miisterio! Se fôsse algum jornal de opposição que tentasse publicar noticias tão nocivas aos interesses meraes e materiaes do paiz n'este momento, é de toda a probabilidade que similhante coisa lhe não fosse censentida, o que

não pederia merecor senão os louvorea de toda a gente de boim-senso.

O que em todo o caso é certo, é que nenhuns elementos monarchicos temariam actualmente parte em qualquer movimento revelucionario, fôsaes de que natureza fôsse, porque elle em nenhuma hypothese pederia aproveitar á Monarchia, e não teria para o paiz senão resultados perniciosos.

A este respeito as instrucções de El-Rei o Senhor D. Manuel II são conhecidas e peremptorias. Ninguem as ignora e todos os monarchicos as cumprem, sem ser necessario para tante andarem emissarios a caminho de Londres.

Não dedicariamos pois tanto tempo a desmanchar phantasias que a falta de assumpto, n'estes tempos morticos, plenamente justifica, se no artigo em questão não houvesse uma parte, que não podemos deixar vulgarisar sem o nosso formal desmentido. E' a que se refere ao heroico official e nosso querido amigo, Henrique de Paiva Couceiro.

Não temos que prôteatar aqui, e a este preposito, as homenagens da nossa admiração pelo seu grandô character. O que temos é que accentuar—e não para Paiva Couceiro nem para os os monarchicos, mas para uma parte do publico leder d'aquelles dois jornaes—que não tem Paiva Couceiro quem mais affectuosamente o estime, nem quem melhor aprecie os seus altos serviços, nem quem maior reconhecimento lhe guarde por elles, de que é Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Manuel, seu grande amigo.

Não o ignora e sr. Paiva Couceiro, não o ignora a familia monarchica, mas é preciso que não se possa insinuar o contrarie em certa parte do publico, com intuitos por demaia claros para que os não veja toda a gente.

Então com quê *imaginoso*? Mas antes imaginoso do que *rêo de felonía e homem sem vergonha*, como o Senhor D. Manuel, segundo o seu orgão na imprensa, o *Diario Nacional*.

Pois quê? Pois nós, que não somos monarchico, andamos aqui *ha mais de dois annos*, em jornal, em livre, per todas as fórmas, a dizer aos republicanos que é uma Injustiça, uma iniquidade, um acte vil duvidar da sinceridade de Senhor D. Manuel, come elles sempre, e justificadamente dada a conducta dos monarchicos, tem duvidado, e vem a gazeta, que fundou o sr. José de Sucena e que dirige o sr. Ayres de Ornellas com todo o character de ergão do Senhor D. Manuel, replicar-nos que

quem diz a verdade são os republicanos e que não passámos, nós, na attitude de defesa que tomámos do ex-rei do Portugal, de um grande pedaço d'asno?

Republicanos, deem para baixo no Senhor D. Manuel. N'elle e em nós. Pela primeira vez na nossa vida damos, contrito, a mão á palinatória. Em nós, por sermos tolo. E no Senhor D. Manuel porque, segundo o seu órgão na imprensa portugueza, não passa de um *intrujão vulgar*. Como aliás todos os intrujões, n'esta terra, já agora, toda ella de capadocios.

Lembra-me o caso da mulher do Brito, e do Silverio. Havia em Aveiro um eupregado municipal chamado Brito e um director de obras publicas chamado Silverio Augusto Pereira da Silva, homem distincto, physica e intellectualmente, tio de Mousinho de Albuquerque, e aqui muito considerado. Um dia, passando Silverio na Rua da Sé, onde morava o Brito, que apanhava de vez em quando bebedeiras de bota abaixo, ouviu a mulhier d'este gritar: *Aqui d'el-rei! Acudam-me, que meu marido mata-me!* Silverio assomou á porta o clamou: «O' Brito? Que estás tu a fazer? Isso são coizas que se façam?» O Brito, que conhecera a voz do Silverio, quedon-se logo, receoso e respeitoso, pondo termo immediato á taponia, que era das taes... *d'agua á jarra*. Então a mulher, quebrando o enlelo, voltou-se para Silverio e gritou-lhe enfurecida: «Mas quo tem o seuhor com a minha vida? Siga o seu caminho e não se importe com o que se passa na casa alheia».

—Tem razão, replicou Silverio. O' Brito, faz de conta que não to disse nada. Continua, que só se perdem as que cahirem no chão. Dá para baixo, Brito, dá para baixo!

Assim estou eu agora. Quem é o tolo quo ainda se metto de permeco nas bulhas porcas d'estes bebedos que são os politicos todos em Portugal?

Deem para baixo, republicanos, para baixo e ás mãos ambas no Senhor D. Mauuel. Digam ao paiz e á Europa, digam e provem, que a prova agora é tão clara que á força de clara se torna d'uma clareza atroz, que o Senhor D. Manuel não passa de um *real pantomineiro*, um *sem vergonha*, accrescentado de *traidor á sua patria*.

Que me perdõe o ox-monarcha. Não sou eu que falo assim. Não sou eu que levo a essas conclusões, de uma logica que esmaga. São os seus mais dolicados amigos, os seus mais leaes vassallos. Emquanto se tratava dos seus amigos de Penleche era licito contestar. Mas agora tra-

ta-se das pessoas da sua mais intima confiança, e de tanta confiança que o Sonhor D. Manuel as arvorou em seus representantes officiaes.

O sr. Annibal Soares foi a Inglaterra *por motivos que nada teem com a politica*. Pois é claro. Foi negociar em cojros, não porque haja falta d'ellos em Portugal, mas porque, toda a gente o sabe, são lá meliores e mais baratos.

Uma pessoa, altamente qualificada no campo realista, dizia-nos ha um mês eu conversa trivialissima, sem confidencias nem caracter reservado: «O Annibal Soares foi a Londres conferenciar com El-Rei.» Para quê? Porquê? N'isso é que podia estar a confidencia. Mas nem eu o perguntei, nem ella m'o disse, pois ambos nós conheciamos os melindres das nossas respectivas situações. Saber-se, porem, tão somente, que o sr. Annibal Soares fôra a Londres conferenciar com El-Rei era tudo quanto havia de mais natural e mais banal. Podia o proprio sr. Annihal Soares confessa-lo publicamente que ninguem punha reparos. Ora que o negue, é que é caso para graves suspeições. O sr. Annibal Soares convertido á ultima hora em contrabandista ou negociante de coiros, francamente, faz desconfiar!

A mesma pessoa, falando-se de Couceiro, dizia-me em tom e gesto de indignada revolta «O procedimento d'esse homem é inqualificavel. No dia em que se puder fazer a historia de tudo isto elle fica exauctorado».

Se não digo o nome d'essa pessoa, não é porque a declaração fosse ajuda de caracter reservado ou porque receie que me desmintam. Não foi de caracter reservado porque essa pessoa, que é das pouquissimas que tenho conhecido com a coragem das suas opiniões, ha muito que diz o mesmo a quem a quer ouvir. Não tenho medo que me desmintam porque a põe absolutamente fóra d'essa hypothese a grandeza do seu patriotismo e a rectidão do seu caracter. Mas ostou certo de quo não gostaria quo fosse o seu proprio testemunho que esmagasse o sr. Annibal Soares, como ficou convencido de que não foi com o seu applauso que nas columnas do *Diario Nacional* o Senhor D. Manuel foi posto n'uma situação deploravel.

O sr. Annibal Soares poderia dizer, por exemplo: «Fui a Londres conferenciar com o Senhor D. Manuel sobre interesses da minha causa, no que não lra nada que extranhar. Mas não se tratou de ameaçar ninguem com a expulsão do partido, nem havia motivo para isso, pois todos dentro d'elle teem sido e são fieis ás determinações já conhecidas de Sua Magestade». D'este

modo, não era verdadeiro. Mas salvava a honra do convento, que era o que se pretendia, aem fallar escandalosamente á verdade nem enterrar até as pontas dos cabellos o ex-rei de Portugal. E se o sr. Annibal Soares acaba de provar que não abona a habilldade, não o devemos tambem considerar tão Inhabil que se não admitta um motivo especial para o aeu estenderete raso. Ora osse motivo não foi outro que a atrapalhação que d'elle se apoderou quando viu que eu *tinha ferido o alvo*. Démos na *mouche*. E tamanho é o medo que todos elles toem dos capadocios, que nem reparou, na pressa de os encobrir, que deixava o Senhor D. Manuel n'uma attitude lastimosa.

Não esquecer que fol sobre a tentativa declarada, aliás sempre latente, de rebellião dos capadocios, que chegou a ter um começo d'escandalosa publicidade quando Moreira de Almeida atacou no *Dia* a logar tenencia do sr. Ayres de Ornellas, que o sr. Annibal Soares desarvorou para Londres. E, regressado a Lisboa, viu-se que os do *Dia* e os do *Diario Nacional* desata-ram em ternos arrulhos como dois pombinhos recém-casados.

Molro na costa, moiro na costa! Cada vez dizamos com mais intimativa: anda moiro na costa!

Os desmentidos do sr. Annibal Soares não passam do que já foi dicto na *Ideia Nacional*. Então chamaram-me *calumniador*. Agora, mais delcados, e por isso mesmo não respondo com tanta vehemencia, limitam-se a chamar-me *auctor de historietas e imaginoso*. Então o *Dia* apressou-so a transcrever o artigo da *Ideia Nacional*. Agora apressa-se a transcrever o artigo do *Diario Nacional*. No emtanto, eu provei n'esse momento d'uma forma que não deixou duvidas em ninguem que, de facto, o sr. Azevedo Coutinho havia atraçoado o rei, e que, de facto, o Senhor D. Manuel ameaçava exauctorar publicamente Couceiro como traidor. Lembram-se todos do que me apoiei em cartas que me tinha escripto o director da *Ideia Nacional* e no que se tinha passado entre mim, elle, o sr. Alfredo de Albuquerque e o sr. José de Sucena, este fundador da *Restauração* como agora do *Diario Nacional*. E não só não fui desmentido pelo sr. Alfredo de Albuquerque e pelo sr. José de Sucena, que são doia cavalheiros, mas até continuei a receber d'elles, na linha do seu alto patriotismo e caracter, provas da mais inequivoca amizade.

Fui alliado dos monarchicos no exilio, o só no oxilio, para combater esta demagogia brutal,

estupida e feroz. Tão feroz, que me perseguia a mim como uma fera só porque eu, sacrificando tudo, de mãos limpas, sem nunca me ter manchado com nenhuma traficancia e nem sequer com desculpaveis transigencias, a combati com a verdade. Se tivesse estado na minha mão derriba-la, sempre o disae e não cessarei de o dizer, te-la-hia derribado. Mas nunca fui alliado dos monarchicos nem para desprezar os principios nem para combater a minha patria. Como não esperai, fiel aos processos que om tudo e com todos segui desde a minha juventude, que para oa combater pelo que eu reputava os seus erros e os seus crimes deixasse de me perseguir a adversidade. Nunca ninguem me viu, dêsse lá por onde dêsse, de rojo, ou sequor encolhido, deante d'elles ou fosse de quem fosse. E assim succedou que, não sendo eu monarchico, ninguem defendeu com mais energia, da Investida dos bandidos, que se diziam realistas, a dignidade e a auctoridade real. Dos bandidos dos *movlmentos neutros*, dos bandidos para quem tanto importava Miguel como *Manel*, rei turco ou chinez, dos bandidos para quem era indifferente que a monarchia restaurada fosse uma garantia de ordem e bom governo, ou uma infamia, uma anarchia, uma chol-dra, peor do que aquella que succumbiu aos *talentos militares* do ranchoiro da armada na memoravel jornada da Rotunda. E assim succedou que uão tondo ninguem os aggravos que eu tinha da republica, pagando-me os republicanos os raeus relevantos aerçivos á causa democratica, e as perseguições que me moveu a monarchia, com torpezas quo todo o mundo mais ou menos conhece sendo inutil, por isso, descreve-las, e sendo certo que ou não tinha a resgatar, porque não só não fui cumplice d'elles senão quo sempre tenazmente as combati, aa tremendas culpas doa monarchicos, que não só deixaram afundar o throno em lama, mas até provocaram a crise moral, intellectual e material que atravessamos, muito mais obra d'elles que dos republicanos, e assim succedeu que não hesitei em calar essea aggravos na hora perigosissima quo começou com a declaração da guerra europea, offerendo-os em holocausto á salvação do meu paiz, ao passo que os monarchicos, os grandes criatinhos, os auctores de tudo isto, por mais que queiram attribuir as culpas todas aos republicanos, ao passo que os monarchicos, como se não fosse justa e ainda incompleta a expiação que toem soffrido, só viam aggravos e invocavam aggravos para elamar vilmento: **Tudo, menos isto t**

Tudo! A perda das colonias, e da independencia da patria, o perjuro, a covardia, a humilhação, a vergonha! Verdades profundas, qu'elles metti e hei de metter pela bocca abaixo como bronze derretido.

E quem foi o maior réo d'esse crime? E quem foi o traidor dos traidores? Precisamente aquelle a quem o *Diario Nacional* protesta as homenagens da eua maior admiração pelo seu grande character. Precisamente aquelle a quem o *Dia* chama, na transcripção que vae hoje n'outro local d'esta gazeta, *figura maxima entre as maiores dos monarchicos portuguezes*. Emfim, aquelle que, segundo o *Diario Nacional* orgão do ex-monarcha portuguez, não tem quem mais affectuosamente o estime, nem quem melhor aprecie os seus altos serviços, nem quem maior reconhecimento lhe guarde por elle, do que é Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel, seu grande amigo.

Para acabar de a chumbar ás paginas ignominiosas da historia, e retirar-lhe os ultimos restos de força moral sem o que não ha partidos que se imponham nem instituições que vinguem, faltava á causa monarchica em Portugal esta torpeza.

Independente da absoluta ausencia de dotes militares no sr. Paiva Couceiro, á parte a sua insufficiencia intellectual, tamanha que a gente chega a pasmarse de Deus ter feito cerebros tão vazios, o sr. Paiva Couceiro é o homem mais funesto ao throno derribado em 5 d'utubro. Se a causa monarchica estivesse entregue a outras mãos, é muito provavel que perante um movimento militar, iniciado na primavera de 1911, com as importantes forças populares de que os realistas dispunham nas provincias de Trás os Montes e do Minho, quando os elementos monarchicos no exercito ainda eram numerosos, e não estavam desalontados ou desconfiados com os insuccessos, nem amedrontados com a perseguição energica dos republicanos, é muito provavel, digo, que perante um movimento d'esses a republica succumbisso. Depois, com a mania dos movimentos neutros e dos plebiscistas, Couceiro, não só creou a quadrilha miguelista, causa de intrigas, de perturbações e de embaraços immensos, senão que abandalhou os já muito abandalhados manuelistas. Não bastando, Couceiro poz de parte o rei inteiramente tratando-o como se elle fôra um menino. Ao principe real D. Affonso nem o quiz receber, quando este, em outubro de 1911, o procurou na Galliza. Despediu-o, como quem despode um creado de

servir. Eu li o relatorio que a esse respeito mandou para Londres o emissario do Rei, Victor de Sepulveda, que, se for consultado, não me deixa mentir. E sei muito bem, mas mesmo muito bem, melhor do que ninguem, e quando chegar o momento opportuno eu direi *por que o sei*, o que o principe dizia.

Declarada a guerra europela, foi Palva Couceiro a *causa unica* das traições commettidas. O proprio sr. Azevedo Coutinho não teria, sem elle, enganado o rei proscripto. Azevedo Coutinho corria de Biarritz para Saint-Jean-de-Luz e de Saint-Jean-de-Luz para Biarritz. Ia ouvir Couceiro. E Couceiro respondia, inflexivel: «Não acato as ordens do rei. Se se me proporcionar a occasião de entrar n'um movimento revolucionario, entro».

Por ahí, quebrada essa peia, a ultima peia, se precipitou o banditismo. Estava nas mãos de Couceiro, *figura maxima entre as maiores dos monarchicos portuguezes*, abrir ou vedar o caminho. Couceiro abriu-o. O Santo Condestabre! E por elle se precipitou, em vagalhões, arrastando Azevedo Coutinho, um fraco, que assim deu o spectaculo triste de faltar á palavra dada ao rei e ao governo portuguez, a torrente dos traidores.

Velo o movimento de Mafra. N'elle estiveram todos envolvidos. Mas todos! Quem ficou com o rei? Meia duzia d'elles. Mas sem exaggero. Meia duzia d'elles!

O movimento das espadas foi *uma esperança*. Uma *grande esperança*. Todos ficaram convencidos de que fariam *ás boas*, porque nunca foi outro o seu intento, a restauração da monarchia. Mas a sua suprema imbecilidade deu com tudo em terra, aquella suprema imbecilidade que foi, e será a salvação da republica.

Tres meses depois do 14 de maio surgiu a revolta dos *tres alfalales de Guimarães*, como dizia a *Luca*, gracejando. Mal sabia ella, se é que o ignorava, que detrás dos tres alfaiates estava o Santo Condestabre commandando a cohorte dos traidores. O Santo Condestabre! A *inconfundivel* (veja-se a transcripção do *Dia* que vae n'outra parte) e *quasi lendaria figura do nosso* (d'elle, Moreira de Almolda) *queridissimo amigo!*

A revolta foi combinada lá fóra e cá dentro. A' ultima hora, os dyscolos de Lisboa preveniram que já não podia ser... *no tal dia*. Mas Couceiro já não poude ou não quiz dar contra-orden. E no dia marcado lá estava elle, em Chaves, com o seu estado maior de officiaes vindos do varios pontos, que, por signal, não

era muito pequeno. Em Chaves, prompto fosse para o que fosse, aventura grande ou pequena, mas que ateesse em todo o caso, era o plano, a guerra civil.

Tambem estiveram officiaes *assolapados* em Guimarães.

Eis outra *historieta*, como as restantes profundamente verdadeira.

A minha indignação refervia contra isso. «Se ao menos, dizia lhes eu, os senhores pudessem repetir um 14 de maio, restaurando a monarchia em Lisboa n'um só dia!... Mas não. A consequencia fatal é a guerra civil. E depois?

—Depois... será o que fôr.

—Mas Portugal?

—Portugal que se...

—E o rei?

—O rei que vá...

Isto era dicto brutalmente, se não por todos por alguns, boçalmente, assim mesmo. Tornarase o labarô realista. A patria que se... O rei que vá... *In hoc signo vinces!*

Desde esse dia quebrei todas as minhas relações com tais creaturas. Em oito mezes, fiz-lhes duas visitas de cerimonia. Unicamente. Preferia viver só a ouvi-los. Era horroroso, ouvi-los!

Quando a Allemanha nos declarou guerra, a palavra de ordem de Couceiro, *que não acceltaria a amnistia caso esta lhe fosse concedida*, como *solennemente* o affirmou o correspondente em Lisboa da *Liberdade*, nem elle nem o seu Estado Malor, assim m'o disse, a mim, desde logo, encontrando me por acaso, um dos espadas gloriosas, a palavra de ordem de Couceiro, immediata, foi esta: *Situação a mesma. Nada tenho que aliar a minha linha de conducta. A guerra é republicana, não é nacional.* Mandava o *generalissimo*, e as ordens do *generalissimo* casavam-se com o ardente sentir dos officiaes. Vi documentos onde se lia:

«Ir offerecer a espada n'este momento, dada a attitude d'esta gente, seria uma baixeza inquantificavel... O Senhor D. Manuel não tem o direito de mandar que eu me deshonre, e se se julga com esse direito manda mais do que pode e portanto não lhe obedeço».

Estas palavras não representavam um modo de ver individual; representavam o espirito geral. Ha nove meseas que o *Dia*, com outra forma, as repete *incessantemente*. O sr. conde de Mangualde, na carta que me dirigiu, e publicada n'*O de Aveiro*, de 29 de março findo, ex-

clamou: «Mas o Homem Christo quer que se offereçam. E eu pergunto: para quê? Esse gesto arma á popularidade mas é inutil».

Não era eu que queria, como logo respondi. Era o Senhor D. Manuel. Se alguém armava á popularidade, era elle.

Portanto, o Senhor D. Manuel foi atraçoado por uns, foi desobedecido por outros, foi lastimado por terceiros, foi censurado por quartos e quintos, e foi posto de parte *por todos*. Completamente! Qual era o seu valor na causa monarchica? Real, effectivo, nenhum. Mas nem por isso deixava de se manter honrado enquanto representava um protesto perante a consciencia nacional e estrangeira. Era um homem vencido. Mas era um homem digno. E enquanto se conserva a honra, nada está perdido. Sentença que um dos seus ascendentes consagrou e immortalizou na phrase celebre: *Tout est perdu, fors l'honneur*.

Mas agora, depois do orgão do Senhor D. Manuel nos declarar *que não tem Paiva Couceiro quem mais affectuosamente o estime, nem quem melhor aprecie os seus altos serviços, nem que a maior reconhecimento (e esta?) lhe guarde por elles do que é Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Manuel, seu grande amigo?*

Agora cumpriram-se os fados. Deus condemnou esta terra a ser toda ella... uma imundicie. Peor que um pantano, que nos pantanos inda ha lirios! Agora... realizaram-se mais uma vez as nossas prophcias. A omnipotencia do Rel dos capadocios... estava prevista. Tudo no papo! E que papo! Papo de abestruz. Tudo engole e tudo lhe serve. E é de papão feito, com o sr. Ayres de Ornellas lá dentro, que é pesado e duro de roer, o sr. Annibal Soarcs e o Senhor D. Manuel, que elle decreta:

«A Patria e o Rei nunca podem manifestar a Henrique de Paiva Couceiro sufficientemente todo o reconhecimento que se deve á inconfundivel e quasi lendaria figura do nosso queridissimo amigo que as nossas saudades dia a dia procuram na terra distante do exilio».

Não bastava a felonía. Faltava... a irrisão!

Que patuscada! Que mascarada! Diga alguém, se é capaz, que isto não é, como tantas vczes temos dicto, um entrudo permanente!

Este artigo, de que não transcrevo um *post-escripto* para encurtar espaço, é cheio de verdade e estava cheio... de verdades. Via-se, como hoje, (estou escrevendo estas

linhas justamente um anno depois, em 26 de novembro de 1917), que os monarchicos estavam *em vespervas* de uma inttona. Não sei porque elles não appareceram no 13 de dezembro. Mas que este era combinado com elles, *não me resta duvida nenhuma.*

Em 17 de dezembro, mas escripto com a anticipação necessaria, apparecia, sob o titulo *Ordem Publica*, este artigo no *De Aveiro*:

«Anunciam as gazetas, até em notas officiaes, que o governo se tem reunido, *por causa da ordem publica*, em repetidos e longos conselhos.

Nós não diziamos? Quem diz sempre a verdade, n'esta terra de mentirosos e hypocritas?

Sempre, sempre e sempre, desde o primeiro numero d'esta gazeta, e em quasi todos os numeros, temos dicto que se não fiem em capadocios e muralhas. Por muralhas entendemos a corja arruaceira de Lisboa, a que se juntou agora, por confissão publica do mesmo, o *herae da Rotunda.*

Agora é um modo de falar. Desde o 14 de maio que o cavalheiro, furioso por ter ficado *por baixo*, anda mettido na conspiração anarchisto-capadocia. Mas foi elle proprio quem agora se denunciou.

Sempre e sempre, mas sempre, dissémos equi que podiam dizer e fazer o que quizessem que o Santo Condestabre não deixava, podendo, de reptir as arruaças. Eu quero vêr, não tarda, a cara do nosso grande Annibal Soares!

Não tem Paiva Couceiro quem mais affectuosamente o estime, nem quem melhor aprecie os seus altos serviços, nem quem maior reconhecimento lhe guarde por elles do que é Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Manuel, seu grande amigo. Isto não pode esquecer e não ha de esquecer. Isto deve ser lem-

brado a toda a hora e ha de ser lembrado. E' tempo de dar por findas as habilitades d'essa ordem. A nação não pode estar á mercê de manigancias d'essas. O sr. Annibal Soares é mais um dos que atraçoam o Senhor D. Manuel? Se o facto não é verdadeiro, a traição é arsignalada, pois a consequencia immediata das palavras escriptas no *Diario Nacional* foi duplicar, triplicar, a forza conspiratoria do Santo Condestabre. Uma coisa é ir de consciencia tranquilla *para a dança*, outra coisa é ir com ella atormentada. Até aqui havia quem hesitasse em desobedecer ao Senhor D. Manuel, mesmo entre os capadocios. Ir contra a ordem expressa do rei, saber que elle considerava isso uma traição, elle, que está em Inglaterra, que sabe o que se passa...

Influa, tenham a certeza, no animo mesmo de muitos capadocios. Mas agora?

Sabe-se que Azevedo Coutinho, em 1914, dizia aos adeptos que andassem para deante, pois a carta do rei era só *para inglês ver.* Quasi todos o acreditaram. Ainda hoje havia, sobretudo na arraia miuda dos capadocios, quem o acreditasse. A arraia miuda é sempre crente, sebastianista, facil de intrujar, seja de que partido fôr. E a arraia miuda é quem se arrisca, quem joga a pelle, quem faz as revoltas. Dizia-se á arraia miuda capadocia: *Vocês bem veem, o Rei está em Inglaterra. Não tem remedio senão fingir que é a favor dos alliados. Vê-se coagido a recommendar accordo com os republicanos na questão patriótica e a combater na apparencia qualquer tentativa revolucionaria. Mas elle o que quer é ver de pernas para o ar estes almás do diabo.*

A arraia miuda acreditava logo. Mas depois vinham affirmações categoricas em contrario. E a arraia miuda hesitava. *Nós sabemos lá!* dizia ella. *O rei está na Inglaterra, é certo. Mas se por um lado*

deve ter desejos de ajudar os ingleses, por outro lado é possível que haja combinação para depois da guerra entre elle e a Inglaterra. Não vamos nós, com alguma imprudencia, estragar o arranjinho...

Mas eis que surge o sr. Annibal Soares com a sua famosa declaração. E a arraia miuda conclue, e bem: *Não ha duvida. E' para inglês vêr. No fundo o rei está de accordo com Paiva Couceiro, que é afinal, um grande homem.*

Isto é assim mesmo. E como Paiva Couceiro *nunca cessou* de conspirar, *nunca cessou* de afirmar que, por si, está prompto, sempre, para a revolta, o sr. Annibal Soares foi-lhe dar, dentro dos recursos capadocios e em proporção com estes, uma força incalculavel.

Traição? Inepcia? E' lá com elles. Limite-me a registar o facto, nada mais. Mas, em qualquer caso, a situação do Senhor D. Manuel é deploravel, se Couceiro por ali apparece com outra intentona. Já é má, pois ninguem ignora o desprezo a que Couceiro e todos, mas elle em especial, tem votado o Senhor D. Manuel. Não honra ninguem ser *grande amigo* d'aquelles que o desprezam e apreciar os *altos serviços* feitos contra o seu prestigio e a sua auctoridade. Já é má. Mas com nova intentona... fica perdida. Ninguem mais pode defender o Senhor D. Manuel ou dizer a seu favor uma palavra.

E que Couceiro faz a partida, faz. Elle não desiste. Se o sr. Annibal Soares pretendeu amacia-lo ou *capa-lo*, francamente, perdeu o tempo e o feitio.

N'esse homem, já o temos dicto, só ha uma coisa grande, incommensuravel, immensa. E' a vaidade. E outra ainda: a estupidez. E' incommensuravelmente vaidoso e estúpido. Como estúpido, *quer salvar o paiz*. Elle convenceu-se, muito a sério, *de que só elle salva o paiz*. Como vaidoso, quer ser o Santo Condestabre e

fazer vingar o *movimento neutro*. E, para mal dos nossos peccados, não faltaram alimarias nem tratantes, que tanto abundam n'esta terra, a arraiga-lo na fraqueza. As alimarias convencem-se, como elle, de que *só elle salva o paiz*. E dizem-lho. Os tratantes chamam-lhe Santo Condestabre, *figura maxima entre as maiores dos monarchicos portuguezes*, e coisas equivalentes, para o explorar. E elle acredita!

Ora com a estupidez de se julgar o *unico capaz de salvar o paiz*, e com a vaidade, sem deixar de ser estupidez porque n'elle tudo é estúpido, *de Santo Condestabre*, mette a cabeça e segue, sem attender a mais nada.

Depois appareceu outro quasi da mesma laia, que é o Machado dos Santos. Este não é tão estúpido, sem deixar de ser estúpido. Tem aquella estupidez a que em Portugal se chama *regular intelligencia*. Em Portugal não ha ninguem estúpido, que é contra os nossos pergaminhos. Quem vê um palmo adiante do nariz, é talento. E quem não vê nada, égo de todo, é regularmente intelligente. Só quem é tapado dos tres olhos, como o Couceiro, é que é estúpido. Parece que não é nada, mas essa rolha no olho terceiro tem sua influencia, quer na vida animal, quer na vida social e na historia. E que o diga Cabanès, que tem feito sobre o caso interessantes estudos.

Machados dos Santos é outro que se propõe salvar o paiz, outro que se supõe capaz de o salvar, e outro que não perdoa que lhe amarrotassem os brios. O diabo é elles serem heroes, que querem ser heroes á força e toda a vida. Fizeram o Couceiro heroe? Pagam-no. Fizeram o Machado dos Santos heroe? Pagam-no tambem. São como as gallinhas chocas. Não ha meio de os tirar d'alli.

Eu tenho muito medo d'estes estupi-

dos. Em Portugal nunca triumphou um homem intelligente e triumphou sempre o estúpido. Nunca vingou obra nenhuma de intelligencia. E vingaram todas as obras d'estupidez. Se amanhã apparecer no Terreiro do Paço o Couceiro ou o Machado dos Santos, não me admiro. E' coherente, e, dentro da nossa raça, legitimo.

Machado dos Santos, os anarchistas, os syndicalistas, os do 27 d'abril, pimentistas e qualquer coisa mais, que mais deve haver n'este viveiro de asneiras e loucuras, não querem deitar abaixo a republica logo á primeira. Era feio e elles teem pudor. Por consequencia, agarraram-se ao movimento neutro do Couceiro. Não era preciso mais nada, ainda que outros motivos não houvesse, para que Couceiro delirasse. E Couceiro delirou. O grande homem! Vejam lá se elle tem ou não tem boas idéas. Troçaram do movimento neutro de Sua Excellencia. E eis tudo a adoptar-lhe... a grande idéa!

E o accordo está feito e fez-se logo após o 14 de maio. No movimento que se projectou n'esse anno, e que morreu na casca com os dois sapateiros de Braga e os três alfaiates de Guimarães, entram os capadocios, incluindo miguelistas, os arruaceiros de Lisboa de todos os matizes, á parte, é claro, os de marca republicana, e os pimentistas. E não tinha character monarchico declarado. Limitava-se á nomeação de um governo nacional, dispondo depois a nação dos seus destinos.

Esse accordo subsiste, correcto e augmentado. E espreita a occasião de estoirar, ha muito tempo.

Em estoirando, é claro que, segundo o costume, *ninguem tem culpa*. Todos estão *innocentes* e todos são *patriotas*. E o governo ha de ser tão asno, se ficar por cima, que ha de acreditar tudo, *como sempre*. A republica tem commettido mui-

tas iniquidades. Mas a maior d'ellas foi sempre deixar em paz *os macacões* e perseguir os mais innocentes e ingenuos.

Eu sei o perigo que corro com a attitude que tomei. Não estamos livres dos *traidores*, se apoderarem do poder. Mas estou costumado a encarar esses perigos serenamente quando a minha consciencia me diz que cumpro o meu dever.

O governo toma medidas de prevenção e faz bem. Faz muito bem. Tome-as, e a sério. Acautele-se sobretudo com Lisboa. Acautele-se um pouco com o Porto. Traça muito vigiadinhas Braga, Guimarães, Amarante, Penafiel e Chaves. Muito vigiadinhas! E á primeira tentativa, considere os revoltados *traidores em frente do inimigo*. Outra coisa não são e como taes devem ser julgados e *punidos*.

Tudo o que não fôr isto, *é malhar em ferro frio*.

Já estava este artigo composto, como quasi todo este semanario, quando, pelos jornaes, tivemos conhecimento do que occorreu em Lisboa, e outros pontos do paiz.

Nada temos que alterar ao que fica escripto. N'outro logar commentamos com rapidez, pelo adeantado da hora, o succedido.

Ainda hoje eu digo: elles estavam *todos mettidos n'aquillo*. Os camachistas e os dissidentes evolucionistas ficaram a descoberto. Outro tanto se não pode dizer dos monarchicos. Mas como eu os conheço, é minha convicção, ainda hoje, *que estavam todos mettidos n'aquillo*.

Fui analysando os acontecimentos, em artigos que já não posso, nos limites d'este opusculo, transcrever, até que em 28 de Janeiro, no n.º 46 de *O de Aveiro*, e sob o titulo *Os Principios*, publiquei este, com que finalizo :

• Ler a imprensa portugueza da actualidade, agora ou no futuro, é ficar com uma idéa exacta d'esta degradação immensa a que chegámos, d'esta vileza infinita, d'esta baixeza sem nome. Durante a guerra mais horrorosa que o mundo tem visto, através da crise mais grave que a humanidade tem soffrido, crise moral e material, e nós directamente envolvidos na lucta armada, no incendio espantoso, que devora vidas e fazendas e dinheiros na maior parte da Europa, a imprensa portugueza só trata da mais porca, da mais reles, da mais infame intriga politica. Como isto está a pedir um tyranno! E não um tyranno que erga forcas, que estes bandidos nem merecem forca, mas que faça brandir um chicote. Um chicote vingador, um chicote educador, que os marque no lombo, incutindo-lhes medo, e no rosto, incutindo-lhes vergonha.

Pega a gente em qualquer gazeta, das importantes gazetas do paiz, não falo dos pequenos jornaes de provincia, e não encontra senão infamias, bugiarias, porcarias. Noticias ou artigos insidiosos, mentirosos, tendentes a levantar embaraços, a dividir, a perturbar, a desvairar. Que deprimam e desmoralizem, que abatem e não que elevem os espiritos. Que façam d'isto, não uma raça de homens, de homens de consciencia e intellgencia, mas de anões, anões aleijados, idiotas e myopes. Ah, bom tyranno! E bom chicote, no lombo e no rosto d'estes patifes!

Falam do povo. Accusam o povo. Desprezam o povo. Não podem ver o povo, só porque uns ou outros elementos populares, aliás sem capacidade para isso, infelizmente, exercem aqui ou alem funções administrativas, dispoem ou disputaram de uma infima parcella de influencia politica. E' certo que esses elementos, mal educados e orientados, commetteram

alguns abusos. Fui eu o primeiro a censura-los. Mas como elles estão vingados! As classes conservadoras perderam em Portugal, com a declaração de guerra, a força moral, a auctoridade toda. Os seus orgãos na imprensa não podem mais abrir bico a fulminar os demagogos. Porque afinal, tremenda verdade, com quem nos encontrámos n'este transe difficilimo, doloroso e perigoso, foi com os *demagogos*. Só elles deram provas de patriotismo. Só elles impediram que nos subvertessemos n'um abyssimo.

Note-se que mettemos entre os *demagogos* o sr. Antonio José de Almeida e os evolucionistas. Que são elles, na opinião dos monarchicos, *senão os peores dos demagogos?* Os monarchicos, os capadocios, que é a grande massa dos monarchicos, nem eu sei já se ha monarchicos em Portugal que não sejam capadocios, detestam, detestaram sempre, o sr. Antonio José de Almeida. Encobrem esse odio com varios pretextos. Chamam-lhe *nephelibata*, *romantico* e coisas varias. Mas não é nada d'isso. Não é o *nephelibata* nem o *romantico* que elles alvejam. E' o *republicano*.

Isto é que é, tenham a certeza d'isso. Elles importavam-se lá que o sr. Antonio José de Almeida fosse, como dizem, que não é, pelo menos no sentido em que o dizem, *nephelibata e romantico!* Até o adoravam, se o *nephelibata* e o *romantico* fizesse o ,jogo d'elles. O que elles detestam, o que elles não perdoam, é o *republicanismo* do sr. Antonio José de Almeida. Na republica não ha para elles senão um *chefe republicano*. Não tem na conta de monarchicos nem o sr. Affonso Costa nem o sr. Brito Camacho, é certo. Mas o symbolo do republicanismo é o sr. Antonio José de Almeida. O sr. Antonio José de Almeida é que é para elles o *ideal*, o republicano puro e sem mistra, o representante da tradição

republicana, honrada e democratica, sem abdicar um instante, mas sem descer a vilezas ou torpezas. E' o *demagogo*! Elles confundem. Não sabem bem o que é demagogia. Por mais tolerante que seja o republicano, se fôr republicano a valer e democrata, sobretudo democrata, é **demagogo**. *La démocratie, c'est le mal. La démocratie, c'est la mort*. Estas palavras, com que Charles Maurras commenta a carta de Paul Bourget no seu volume *Enquête sur la Monarchie*, e que repete no seu outro volume *La Politique Religieuse*, tornaram-se a divisa dos monarchicos portuguezes depois da queda da monarchia, e basta isso para que elles nunca mais a possam restaurar.

Com quem nos achámos, afinal, nós, os patriotas, foi com os *demagogos*. Os proprios republicanos que atraíçõaram a causa nacional, os *camachistas*, os *reformistas*, e por fim os *dissidentes evolucionistas*, se collocaram, berrando contra a demagogia, embora houvessem sido, alguns d'elles, os peores dos demagogos, ao lado dos conservadores, ou, falando com maior propriedade, dos *reaccionarios*.

E' certo, voltemos a dizer-lo, que os elementos populares, mal educados e orientados, commetteram no principio alguns abusos. Mas se este povo não fosse constituido, todo elle, de *cordeirinhos mansos*, teria havido n'esta terra, e quem sabe lá se a haverá porque os velhos motivos subsistem, uma das revoluções sociaes mais terriveis da historia. Nunca houve povo mais abandonado, mais desprezado, e, ao mesmo tempo, mais ludibriado, mais escarnecido. De-grau, escada, instrumento de todos os patifes. E, da parte d'estes, com uma desvergonha, um descaramento sem limites. Se elle tem muitos defeitos, como tem, defeitos de falta de educação, principalmente, se comette brutalidades a cada

passo, se adquiriu vicios lamentaveis, tudo se deve a esses patifes.

Entre as gazetas que na actual quadra, e já para embaraçar o movimento patriótico, já para satisfazer a bisbillhotice dos leitores, usam e abusam da intriga e da especulação politica, figuram o *Primeiro de Janeiro* e o *Jornal de Noticias*. N'um d'elles lemos que os dissidentes evolucionistas não se sentem na disposição de resignar os seus mandatos. A *Lucta* applaude muito essa forma de pensar dos dissidentes, accrescentando que elles são deputados da nação e não dos eleitores.

Eis os homens de *principios*! Bem certo é que mais depressa se apanha um impostor do que um coxo. Eis os homens de *principios*! Elles não se puseram em rebelião contra o sr. Antonio José de Almeida por *despeito*, por *ambição*, e por analogos motivos. Foi por amor dos *principios*! Elles não estavam conhecedores da manobra do Machado dos Santos e mortos que ella triumphasse, e não foi a decepção da derrota, que elles não esperavam, que os levou a tornar publica a má vontade que tinham de ha muito ao chefe do seu partido. Não, senhores. Foi o amor dos *principios*! Mas quando chega o momento de elles executarem, *contra os seus interesses*, os *principios*, deitam para traz das costas os *principios*.

Não são deputados dos eleitores mas deputados da nação, diz a *Lucta*. Como estes patifes, estes homens de *principios*, sophismam tudo! Com effeito, a constituição diz que os *membros do congresso são representantes da nação e não dos collegios que os elegem*. Tudo muito mal feito entre nós, benza-os Deus! Se quando foi discutida e votada a constituição, quem a discutiu e votou reparasse no que estava escripto, nunca aquelle artigo, pelo menos redigido pela fórma por que está, e outros aleijões da Constituição, te-

riam sahido. Que absurdo, os homens que os eleitores enviam como *seus representantes* ao parlamento não os *representaram a elles*, mas á nação! Que doutrina democratica e que logica, santo Deus!

E' claro que os deputados de Aveiro, por exemplo, com os deputados do Porto, de Coimbra, de Lisboa, etc., constituem os representantes da nação, como os eleitores de Aveiro, em particular, e em geral todos os habitantes de Aveiro, com os do Porto, de Coimbra, de Lisboa, etc., constituem a nação. E' claro que todos elles reunidos legislam para a nação e em nome da nação, até quando a lei discutida e votada se applica a uma parte grande ou pequena da nação. Mas nem por isso os deputados de Aveiro deixam de ser os representantes directos, que é essa a sua qualidade essencial e primaria, dos eleitores de Aveiro quando legislam de conjuncto com os representantes d'este e d'aquelle e d'aquell'outro ponto do paiz. Consequentemente, se deixam de ser os representantes dos eleitores de Aveiro deixam de ser os representantes da nação. A qualidade de representante da nação é consequencia immediata e forçada da de representante de Aveiro. Mas a inversa é que não é verdadeira. Não são representantes de Aveiro por serem representantes da nação. Se deixarem de ser representantes de Aveiro, interpretes do sentir e vontade dos seus eleitores, deixam de ser representantes da nação, passando a ser um abuso, uma intrusão, uma burla manifesta. Um attentado aos principios, á democracia, á soberania nacional. E contra esta verdade evidente de nada valem subterfugios nem sophismas de ninguém.

Nunca se deu esse escandalo, porque o é, em Portugal. Estava reservado para os homens que dentro da Republica, e em nome dos *principios*, se revoltaram

contra o seu chefe por elle cumprir sem trepidar o seu dever de patriota contra uma indigna revolta, uma repellente traição.

Diz-se que os dissidentes regeneradores, no tempo de Hintze Ribeiro, e os dissidentes progressistas, no tempo de José Luciano, estes capitaneados por Alpoim e aquelles por João Franco, tambem não resignaram os seus mandatos. Não ha paridade nenhuma, porque tanto uns como outros deviam a eleição ás influencias politicas que *com elles se revoltaram*. E agora é o contrario. Os dissidentes evolucionistas foram **renegados** pelos *seus eleitores*. Elles revoltaram se. Mas os seus eleitores, **repudiando-os**, permaneceram fieis á bandeira partidaria. Logo, não é só moralmente, mas ainda á face dos principios, que são o evangelho das democracias, que os dissidentes evolucionistas, embora a lei os não obrigue, ficam pessimamente collocados. O insolente pontapé que dão nos eleitores, o desprezo a que os votam, provocariam n'outro paiz de sentimentos democraticos arraigados uma agitação popular.

Não serve o precedente dos franquistas nem dos alpoimistas. Mas servem outros do regimen monarchico. No tempo em que esse regimen não esteve ainda abandonado, e a pureza dos principios, ao contrario do que succede agora com a republica, durou n'elle perto de 40 annos, *nenhum deputado* deixou em caso de duvida de renunciar. Eu estava na galeria da camara quando Francisco Mendes renunciou em 1876. Ouvi o seu discurso. O partido reformista tinha feito com o partido historico o pacto da Granja. Francisco Mendes, reformista, não concordou. E embora devesse a eleição á sua influencia pessoal *exclusivamente*, ou quasi *exclusivamente*, entendeu que devia renunciar. E renunciou. Se me não falha a memoria, annos antes tinham renuncia-

do Rodrigues de Freitas e Latino Coelho. Este pelo menos.

O deputado tinha duvidas na sua consciencia sobre se estava alli ou não estava de accordo com os eleitores? Renunciava, embora a lei não o obrigasse. Assim se fazia nos velhos tempos do regimen monarchico. Hoje... é outra *belleza de hortaliça* no regimen... *democratico!*

Tambem o *Primeiro de Janeiro* nos diz, o *Primeiro de Janeiro* de domingo passado, que o lemma do sr. Alfredo de Magalhães, um dos chefes do decantado bloco das *direitas*, é agora... guerra aos idolos. Vejam que sinceridade! Se o sr. Alfredo de Magalhães havia de declarar guerra a si proprio! Não é guerra aos idolos. E' *inveja dos idolos*. O sr. Alfredo de Magalhães não quer o exterminio dos idolos. Quer derribar os actuaes, mas para se pôr... no seu lugar! D'elles, idolos, é claro.

E n'uma crise tremenda como esta que atravessamos, e que atravessa o mundo todo, e em guerra, como estamos, com a Allemanha, e com os graves problemas nacionaes por resolver, é d'isto que se trata! E' de mexericos, é de intrigas, é de ambições ignobeis, é de questiunculas porcas, cifrando-se tudo, para esta grande corja, em *tira-te tu para me pôr eu*. Elles não pensam em mais nada. Elles não teem outro ideal.

Só agarrar n'elles todos e queima-los!

Esta attitude dos dissidentes evolucionistas é, de facto, uma das maiores vergonhas d'este periodo. Fizessem *o que quizessem*, e já não era pouco *o que elles queriam*, manifestamente feitos com Machado dos Santos, por consequencia com os capadocios e com os anarchistas. Ainda por cima permanecerem na camara, depois de repudiados pelos eleitores *inteiramente*, sem que um só d'estes fi-

casse a seu lado apoiando-os, foi exceder as raias do impudor.

Não sei o que succederá. Mas repito hoje, ao findar este opusculo, hoje 27 de novembro de 1917, o que disse em mais do que um artigo de *O De Aveiro*, isto é, que se a republica calir e a patria se perder, deve-se muito mais á insensatez e falta de patriotismo dos republicanos que á força dos contrarios e aos manejos dos traidores. Os camachistas, primeiro, e o bloco, depois, deram, independente da sua acção *immediata e directamente* funesta, um exemplo terrivel. Auctorizaram todas as desordens e todos os excessos, Provocaram todas as audacias e todas as indisciplinas. Enfraqueceram o espirito de auctoridade, já tão fraquinho, a ordem, já quasi moribunda, dando o ultimo impulso á já tão poderosa anarchia. Por seu turno, a *União Sagrada* foi froixa, imprevidente, indecisa, sem falar nas immoralidades de um dos partidos que a constituíam. Oxalá que a nação tire forças de si propria para resistir a tudo isso. Mas confesso que tenho medo do futuro.

Este opusculo não obedeceu a nenhuma condição esthetica. Não ollhámos á maneira de compilar. Vão uns artigos em corpo 8, vão outros em corpo 10. E assim por deante. A razão já está explicada. Queríamos metter muita materia em pouco espaço. Não podiam ir todos os artigos em corpo 8 porque a composição ficaria mais cara. Não podiam ir todos em corpo 10 porque nem aquelles que escolhemos, então, caberiam nos limites do opusculo. E pena foi que ficassem de fóra muitos outros importantes. Emfim, foi o que se pode fazer, e ainda assim algum valor tem o que se fez. A iniciativa particular é fraca, entre nós, o patriotismo quasi nullo, e o governo, que deveria tomar sobre si o encargo da propaganda, não se digna baixar os olhos sobre estas... ninharias.

209.18844-1

